



PROFHISTÓRIA

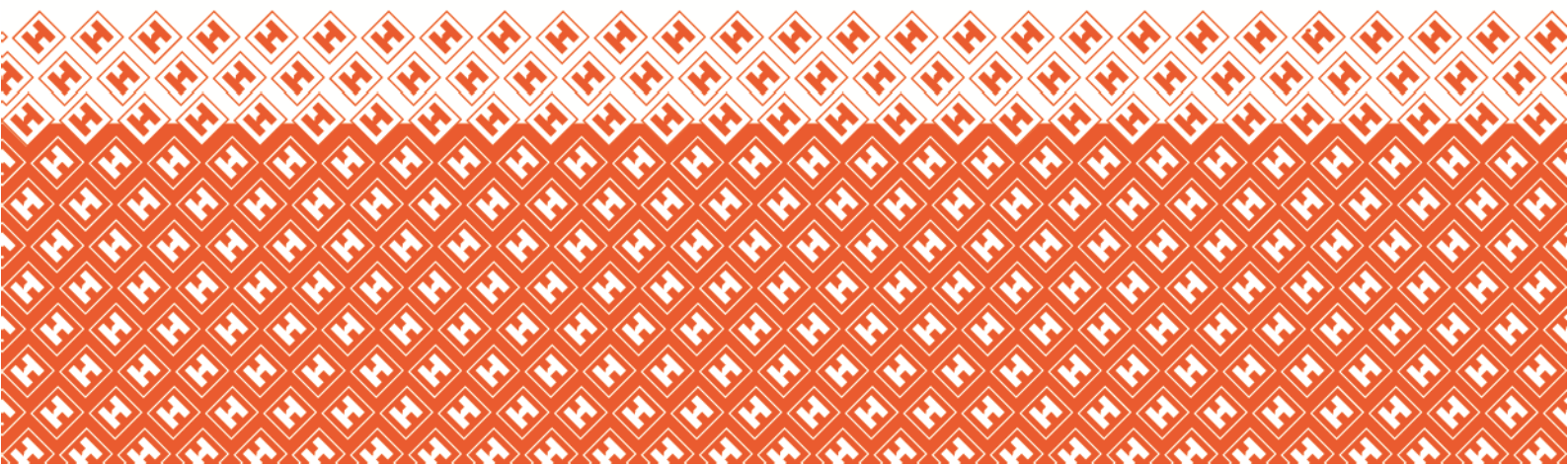
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

FRANCISCA NAILÊ BERNARDO DE ARAUJO

**INVENTARIANDO O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA
PIEDADE: PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA
NO ESPAÇO DOS MORTOS E DE SOCIABILIDADE DOS VIVOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

MAIO / 2020



FRANCISCA NAILÊ BERNARDO DE ARAUJO

**INVENTARIANDO O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA
PIEDADE: PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE
HISTÓRIA NO ESPAÇO DOS MORTOS E DE
SOCIABILIDADE DOS VIVOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – núcleo Universidade Federal de Mato Grosso – como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo Gomes

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

CUIABÁ-MT

Maior – 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

A663i Araujo, Francisca Nailé Bernardo de.
INVENTARIANDO O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE :
Patrimônio Cultural e Ensino de História no espaço dos mortos e de sociabilidade dos
vivos / Francisca Nailé Bernardo de Araujo. -- 2020
184 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Dra. Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo Gomes.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Mato Grosso,
Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Ensino de História. 2. Patrimônio Cultural. 3. Cemitério. 4. Educação
Patrimonial. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFHISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: INVENTARIANDO O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE: PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA NO ESPAÇO DOS MORTOS E DE SOCIABILIDADE DOS VIVOS

AUTOR (A): MESTRANDO (A) Francisca Nailê Bernardo de Araújo

Dissertação defendida e aprovada em 12 de maio de 2020.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes - Presidente da banca/Orientador(a)

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Prof(a). Dr(a). Renilson Rosa Ribeiro – Examinador(a) Interno(a)

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Prof(a). Dr(a). Jocenaide Maria Rossetto Silva – Examinador(a) Externo(a)

Instituição: Universidade Federal de Rondonópolis

Prof(a). Dr(a). Osvaldo Rodrigues Junior – Suplente

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Cuiabá/MT, 12/5/2020.



Documento assinado eletronicamente por RENILSON ROSA RIBEIRO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 12/05/2020, às 20:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por JOCENAIDE MARIA ROSSETTO SILVA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 12/05/2020, às 21:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por CRISTIANE THAIS DO AMARAL CERZOSIMO GOMES, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 14/05/2020, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por FRANCISCA NAILÊ BERNARDO DE ARAUJO, Usuário Externo, em 20/05/2020, às 21:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2524375 e o código CRC 3776ACC1.

RESUMO

Com o objetivo de dinamizar as aulas de História para além dos muros da escola, esse trabalho de pesquisa e produção do conhecimento sobre o ensino de história foi realizado no *Cemitério Nossa Senhora da Piedade da cidade de Cuiabá*, construído no final do século XIX, apresentando possibilidades de estudo e reflexão histórica no campo da Educação Patrimonial, no espaço dos mortos e de sociabilidades dos vivos, na capital do estado de Mato Grosso. Assim essa proposta abre perspectiva de ensino e pesquisa, a partir do estudo da territorialidade do cemitério da cidade, com estudantes do ensino médio, oportunizando o conhecimento da História Local, e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da Educação Patrimonial voltada para a consciência de preservação dos espaços históricos da cidade de Cuiabá. Dessa forma, com o estudo da História Local, se constitui nesse trabalho estratégias e metodologias com o intuito de aproximar o ensino de História e a realidade vivenciada pelos estudantes, no sentido de se pensar a aprendizagem significativa e, também as metodologias ativas, de acordo com as diretrizes curriculares atuais. Para o desenvolvimento desta pesquisa elegeu-se o território urbano do cemitério Nossa Senhora da Piedade, um dos mais antigos da cidade de Cuiabá, que, para além de sua função habitual, é aqui concebido como patrimônio cultural e, portanto, como lugar de ensino e aprendizagem de história que proporciona a leitura da história, da cultura e da memória de uma cidade. Através da metodologia da Educação Patrimonial, com a saída da sala de aula para o cemitério, buscou-se proporcionar a construção do conhecimento histórico, evidenciado a partir das narrativas elaboradas pelos estudantes no decorrer da aplicação do projeto de disciplina eletiva e em seu encerramento. Esta dissertação apresenta os resultados de um trabalho realizado na prática, tendo na produção dos estudantes do livro *Memórias de Minha Cidade*, um dos seus principais resultados, constituindo objeto de análise dessa pesquisa. Assim, intervindo no cotidiano de uma escola de educação básica da rede estadual de ensino de Cuiabá, capital de Mato Grosso, as experiências vivenciadas apresentam-se como possibilidades didáticas para o ensino e aprendizagem do conhecimento histórico nesse território urbano, considerado espaço dos mortos e de sociabilidade dos vivos.

Palavras-chave: Ensino de História. Patrimônio Cultural. Cemitério. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

In order to boost History classes beyond the school walls, this research and production of knowledge about history teaching was carried out at the Nossa Senhora da Piedade Cemetery in the city of Cuiabá, built in the late 19th century, presenting possibilities of study and historical reflection in the field of Heritage Education, in the space of the dead and sociability of the living, in the capital of the state of Mato Grosso. Thus, this proposal opens a perspective of teaching and research, based on the study of the territoriality of the city cemetery, with high school students, providing the opportunity to learn about Local History, and, at the same time, the development of Heritage Education aimed at the awareness of preservation of the historical spaces of the city of Cuiabá. Thus, with the study of Local History, strategies and methodologies are constituted in this work in order to approximate the teaching of History and the reality experienced by students, in the sense of thinking about meaningful learning and also active methodologies, according current curriculum guidelines. For the development of this research, the urban territory of the Nossa Senhora da Piedade cemetery was chosen, one of the oldest in the city of Cuiabá, which, in addition to its usual function, is here conceived as a cultural heritage and, therefore, as a place of teaching and history learning that provides a reading of the history, culture and memory of a city. Through the Heritage Education methodology, with the departure of the classroom to the cemetery, we sought to provide the construction of historical knowledge, evidenced from the narratives elaborated by the students during the application of the elective discipline project and at its closure. This dissertation presents the results of a work carried out in practice, having in the production of the students of the book *Memórias de Minha Cidade*, one of its main results, constituting the object of analysis of this research. Thus, intervening in the daily life of a basic education school in the state education network in Cuiabá, capital of Mato Grosso, the experiences experienced are presented as didactic possibilities for teaching and learning historical knowledge in this urban territory, considered a space for the dead and sociability of the living.

Keywords: History teaching. Cultural heritage. Cemetery. Patrimonial Education.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar sou grata a Deus por ser o centro, a força e a motivação maior da minha existência. Com Ele, o caminho até aqui foi mais seguro e a fé na sua presença ajudou-me a prosseguir nos momentos mais desafiadores.

Aos meus familiares, que até aqui me incentivaram a estudar, acreditando e torcendo para que eu alcançasse os meus objetivos. Em especial: ao meu esposo Ediglei Caetano e minha filha Maria Carolina, pela compreensão e o apoio nos momentos de ausência para os estudos; e aos meus pais Francisco e Socorro, pelas orações e por acreditarem tanto em mim, motivando-me.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo Gomes, pessoa inteligente, humilde e grandiosa, com quem tive oportunidade de contar nesse intento e que me engrandeceu com as suas contribuições, seu conhecimento e apoio, sempre me motivando e oportunizando acreditar no meu potencial.

Aos colegas de curso, pela amizade vivida durante as aulas, apresentações de trabalhos, momentos de confraternização e pelas contribuições positivas com sugestões para o aprimoramento da pesquisa.

Aos professores, Dr. Osvaldo Rodrigues Junior, Dr.^a. Ana Maria Marques, Dr.^a. Thaís Leão, Dr. Bruno Rodrigues, Dr.^a. Beatriz dos Santos, Dr. Flávio Trovão, Dr.^a. Ana Paula Squinelo e Dr.^a. Jaqueline Zarbato, pelas excelentes aulas e a dedicação com que buscaram tornar possível a formação intelectual que recebemos e cujas contribuições didáticas para o ensino de história levo para minha prática em sala de aula.

À coordenação do ProfHistória – núcleo da UFMT/Cuiabá, na pessoa da Prof.^a Dr.^a. Ana Maria Marques pela dedicação, zelo e apoio a nossa turma do Mestrado Profissional em Ensino de História. E ao apoio das meninas da secretaria Jorciane e Valeska Bassi, sempre prontas a nos dar o suporte quando solicitadas.

Aos membros Banca Examinadora, Dr.^a. Jocenaide Maria Rossetto Silva, Dr. Osvaldo Rodrigues Junior e Dr. Renilson Rosa Ribeiro que contribuíram com sugestões significativas para o aprimoramento do trabalho.

A todos com os quais tive contato durante a experiência didática na escola e no cemitério Nossa Senhora da Piedade: equipe gestora escolar, orientadores de área, Lílian, Marciane e Marco Antônio; professoras de Biologia, Mychelly, e Língua Portuguesa, Joselina e Ana Maria; funcionários de ambos os espaços; pais, e em especial, aos protagonistas e a motivação maior dessa pesquisa, os meus queridos estudantes.

LISTA DE SIGLAS

APMT	Arquivo Público do Estado de Mato Grosso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
SEC-MT	Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Foto aérea da atual da localização do Cemitério Nossa Senhora da Piedade .	21
Figura 2: Antiga fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade de Cuiabá-MT, inaugurado em 1875.....	22
Figura 3: Fachada atual do Cemitério Nossa Senhora da Piedade de Cuiabá, tombada pelo patrimônio histórico do estado de Mato Grosso em 1998	24
Figura 4: Foto da alameda central do Cemitério de Nossa Senhora da Piedade	55
Figura 5: Foto de parte dos túmulos do Cemitério Nossa Senhora da Piedade que mostra o reduzido espaço entre os túmulos	56
Figura 6: Foto aérea do Cemitério Nossa Senhora da Piedade.....	56
Figura 7: Planta da cidade de Cuiabá do ano de 1863	57
Figura 8: Foto antiga da região da Igreja do Rosário em Cuiabá	58
Figura 9: Planta atual da cidade de Cuiabá destacando a região Centro-Norte da capital mato-grossense, na qual está localizado o Cemitério Nossa Senhora da Piedade	59
Figura 10: Fachada lateral da Casa Orlando, localizada no Centro Histórico de Cuiabá	62
Figura 11: Jazigo da Família Orlando, que imigrou para Cuiabá no final do século XIX	62
Figura 12: Jazigo da Família Mariano Ramos, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade	62
Figura 13: Jazigo da Família Ricci, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.....	62
Figura 14: Túmulo com escultura de Maria, a mãe de Jesus, com jarros e flores, semelhante aos altares característicos da Igreja Católica	81
Figura 15: Estátua de anjo sobre o túmulo em postura de oração, também comum no ambiente das igrejas católicas.....	81
Figura 16: Túmulo com escultura no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade.....	81
Figura 17: Túmulo com escultura no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade.....	81
Figura 18: Mapa de Mato Grosso no século XVIII	86

Figura 19: Caixão de madeira, construído para as atividades da eletiva. Nele pode ser observado o espelho no fundo	105
Figura 20: Estudantes simulando sofrer com a morte de si mesmo. O que demonstra envolvimento dos mesmos com a proposta	105
Figura 21: Professoras da Eletiva maquiadas e vestidas de morte	105
Figura 22: Estudante olha pra dentro do caixão de madeira, onde se vê refletido no espelho	105
Figura 23: Professora de História apresentando a proposta da Eletiva no “Feirão”	106
Figura 24: Foto da fachada frontal do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, registrada na tarde da Aula Campo (05/10/2018).....	107
Figura 25: Foto da fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade mostrando a cor da parede e das colunas antes branca, com a parte inferior azul	108
Figura 26: Fotógrafo Chico Ferreira mostra aos estudantes as imagens registradas no dia da Oficina de Fotografia	110
Figura 27: Estudantes e o fotógrafo Chico Ferreira na Oficina de Fotografia na escola	110
Figura 28: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando uma escultura no primeiro plano	111
Figura 29: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando flores no primeiro plano.....	111
Figura 30: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando uma rosa no primeiro plano	111
Figura 31: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando flores no primeiro plano.....	111
Figura 32: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade representando a morada dos mortos, no primeiro plano, e a morada dos vivos, no segundo plano	113
Figura 33: Imagem da capa do livro <i>Memórias de Minha Cidade</i> , com arte produzida para essa finalidade	115
Figura 34: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante Lago da Piedade	116
Figura 35: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante “São João Batista”	116
Figura 36: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante “Da Piedade”	116
Figura 37: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante “Vila Aurora”	116
Figura 38: Arte inicial da logomarca da camiseta produzida pelo professor e mestrando do ProfHistória, André Brito	118

Figura 39: Arte final da logomarca da Disciplina Eletiva, 2018	118
Figura 40: Camiseta da Disciplina Eletiva, 2018	119

QUADROS

Quadro 1: Educação Patrimonial e metodologia de investigação de objeto cultural.....	45
--	----

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
CAPÍTULO I – O ENSINO DE HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO NO TERRITÓRIO DA MORTE.....	37
1.1 Caminhando do não-lugar para o lugar: ressignificando o espaço dos mortos para sociabilidade dos vivos.....	37
1.2 Pensando Educação Patrimonial para leitura do patrimônio cultural	42
1.3 Para leitura do patrimônio, aprofundando alguns conceitos e práticas.....	49
CAPÍTULO II – O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CUIABÁ E SUA ESTRUTURA ESPACIAL	55
2.1 Conhecendo o não-lugar: lugar de memória, história, ensino e aprendizagem ...	55
2.2 A Cidade e o Cemitério: lugares de memória, Patrimônio Cultural	70
CAPÍTULO III – A CONSTRUÇÃO DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CUIABÁ: cultura, religiosidade e a saúde pública da capital mato-grossense	78
3.1 Cemitério e cidade: uma leitura possível	78
CAPÍTULO IV – PARTIU, CEMITÉRIO! A HISTÓRIA QUE BROTOU DOS TÚMULOS	103
4.1 Por uma Educação Patrimonial no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.....	103
4.2 A história que brotou dos túmulos!.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICES	140

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A etapa de escrita de um trabalho de pesquisa no curso de Mestrado Profissional em Ensino de História constitui a inevitável reflexão sobre a necessidade de estabelecer a aproximação entre a produção acadêmica e a produção do conhecimento histórico a partir da experiência didática em sala de aula. É quando se manifesta a possibilidade de que o professor que já atua na sala de aula se perceba, na sua prática, enquanto pesquisador, redimensionando a prática e o ensino de História no chão da sala de aula, ao refletir sobre ações pedagógicas no sentido de qualificar a prática de ensino.

Assim, a adoção de novas metodologias e a articulação de diferentes saberes e espaços, atendendo às demandas da geração de estudantes do século XXI, cria condições para que a aprendizagem e construção do conhecimento histórico se concretize a partir da proficiência do saber ensinar história. É conclusivo, portanto, que a formação em um curso de pós-graduação profissional possibilita a articulação entre o conhecimento histórico produzido na academia e o conhecimento histórico que se ensina e aprende em sala de aula.

As discussões e pesquisas sobre a capacitação dos egressos dos cursos de licenciatura em História colocam em questão a necessidade de que a formação docente esteja articulada à realidade escolar e ao que se espera dele enquanto docente, quando o mesmo chega na escola para o exercício de sua profissão. Na escola, o desafio para colocar em prática, de forma exitosa, o processo de ensino-aprendizagem se coloca, também, nos aspectos relacionados às condições de trabalho e à carga horária reduzida para as aulas de História. Soma-se a isso as diversas atribuições e demandas do professor em sala de aula, a infraestrutura da escola, a valorização salarial e as questões socioculturais que fazem parte desta realidade, e que, muitas vezes, impossibilitam ou colocam em segundo plano a necessária reflexão sobre como proporcionar novas perspectivas metodológicas para o ensino de História, favorecendo a efetiva construção do conhecimento histórico pelos estudantes.

Estabelecer reflexão sobre o ensino de História e a minha prática em sala de aula remete a pensar/repensar a produção historiográfica, enquanto docente e pesquisadora na área. E, nesse sentido, pensar sobre o processo de produção do conhecimento histórico na sala de aula, enquanto professora de História, inevitavelmente,

faz-me retomar a minha trajetória de formação docente na graduação, analisando *in loco* as mudanças e as permanências no processo de formação profissional.

Em minha formação enquanto historiadora, deparei-me com as possibilidades de pesquisas a partir da História Nova, que para mim fora configurada com as contribuições da Escola dos Annales, significando a ampliação do campo de pesquisa para os historiadores, com novos temas, novos objetos e novas fontes para a construção do conhecimento histórico. A partir do século XX, com a ampliação do conceito de fontes de estudo e pesquisa, passaram a ser consideradas fontes históricas todas as manifestações e evidências das experiências humanas, como as fontes escritas, orais, audiovisuais, obras de arte, como pinturas e esculturas, objetos e outros materiais diversos. Assim, foram incluídos como possibilidades de pesquisa temas da chamada história cultural com estudos sobre mentalidades, sentimentos, imaginário, representações, identidades, família e gênero. Com isso, as análises estruturais foram cedendo lugar e vez às pesquisas sobre microfenômenos.

Assim, na graduação, optei por pesquisar um tema relacionado à vertente da História Nova voltada aos acontecimentos da vida cotidiana, ao universo cultural e simbólico das religiosidades, dos costumes e das manifestações culturais. O título da minha monografia da graduação da licenciatura e bacharelado em História, concluído no ano de 2005, foi *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto: um estudo da importância da religião na formação dessa comunidade (1926-1936)*. Na mesma linha, o trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação Ambiental, realizado em 2009, com o título *O homem, o lixo e o meio sob o foco da história das mentalidades*, estabeleceu uma reflexão, à luz da longa duração, sobre a relação sociocultural entre o homem e o lixo, estabelecida historicamente.

Retomo essa trajetória para fundamentar e refletir sobre a concepção de História que esteve presente na minha formação enquanto pesquisadora e que permanece presente na minha prática enquanto professora de História: considero nas minhas pesquisas uma concepção de História que leva em conta a experiência humana. E, dessa forma, tenho na produção desta dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História a possibilidade de narrar a minha própria experiência docente no ensino de História, e por conseguinte, a experiência dos estudantes, com a prática de ensino desenvolvida na minha sala de aula, a partir de uma temática relacionada ao campo da História Cultural.

Para isso recorri aos estudos de Edward P. Thompson¹, que proporciona uma reflexão mais aprofundada sobre a experiência individual e coletiva. É por meio dos diversos registros das ações humanas, dos documentos, dos monumentos, dos depoimentos de pessoas, de fotografias, objetos, vestuários e outros, que chega até o presente através de homens e mulheres nos diversos tempos e espaços.

Assim, registros e evidências das ações humanas são considerados fontes de estudo da História. E, dessa forma, a história entendida como experiência humana se torna objeto de investigação do historiador, ao qual cabe o levantamento e a análise das fontes históricas, o diálogo com as teorias e com outros achados produzidos na esfera social, transformando em conhecimento.

Para Thompson, a experiência vivida por sujeitos comuns na história é fundamentalmente qualitativa, pensar e repensar essa experiência é uma arte. “Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos”², conforme comentário de Thompson,

A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados.³

Assim, apresento nesta dissertação intitulada *Inventariando o Cemitério Nossa Senhora da Piedade: Patrimônio Cultural e Ensino de História no espaço dos mortos e de sociabilidade dos vivos*, a experiência didática em que eu, enquanto docente, juntamente com estudantes do Ensino Médio vivenciamos a dinamização das aulas de História para além da sala de aula, com a saída dos estudantes para um ambiente que, no mínimo, desperta curiosidade e desejo de investigação: o cemitério da cidade.

A proposta de inventariar o cemitério se dá no sentido de promover o conhecimento desse espaço, numa perspectiva e olhar diferenciados, aqui entendido como

¹ THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.188-189.

² Ibidem, p. 16.

³ Ibidem, loc. cit.

território, a partir das contribuições conceituais de Raquel Ronilk, que define território como o “espaço real vivido”, diferente do espaço do mapa dos urbanistas⁴. É, então, apropriado como patrimônio cultural e lugar de memória, ensino e aprendizagem. E nesse lugar, se possibilitou que estudantes desenvolvessem o fazer investigativo a partir dos túmulos, suas inscrições, arquitetura e elementos de decoração, para o conhecimento e reflexão sobre a História Local e desenvolvimento de Educação Patrimonial. Nesse aspecto, o presente trabalho realiza um inventário histórico-patrimonial do cemitério como um todo, sem a preocupação de explorar exaustivamente cada item contido nesse espaço.

Consultando o dicionário Houaiss, observa-se que o termo inventário, de acordo com a sua etimologia, se origina do termo latino *inventarium*, com o sentido de “achar” ou em outras palavras, pôr à mostra, dar a conhecer. Outros dicionários empregam o sentido de relacionar, contabilizar, descrever, enumerar minuciosamente, proceder a levantamentos individuados e completos, achar, descobrir, sendo modos pelos quais se torna possível valorar os itens que compõem um determinado patrimônio.

No artigo intitulado *Inventário*, no site do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional – IPHAN, afirma-se sobre o conceito de inventário relacionado ao patrimônio cultural,

No caso do patrimônio cultural, inventariar os bens significa produzir um conhecimento que necessariamente parte do estabelecimento de critérios, pontos de vista e recortes sobre determinados universos sociais e territoriais. Processo, conforme afirmado anteriormente, que é permeado por juízos de valor, uma vez que se destina à construção de narrativas sobre determinados grupos sociais e/ou determinada história.⁵

Assim, como nos referimos à experiência didática com estudantes do ensino médio, dos quais muitos não frequentavam ou sequer sabiam onde ficava o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Cuiabá-MT, a atividade educativa de se apropriar desse território como sala de aula, para além dos muros da escola, significou conhecer esse bem cultural, a partir de um recorte realizado pela escolha dos túmulos que deveriam pesquisar

⁴ ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. **Cidade e História**. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992. p. 28.

⁵ MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. *Inventário*. p. 5. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Invent%C3%A1rio%20pdf.pdf>>. Acesso em: 29 jun 2020.

e sobre ele produzir narrativas, cumprindo, dessa forma, o propósito de inventariar uma vez que analisaram e interpretaram esses bens culturais – cemitério e composições tumulares escolhidas pelos estudantes – ressignificando o sentido da sociabilidade dos vivos nesse espaço dos mortos, o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, fazendo parte da história urbana de Cuiabá.

É também com a proposta de ressignificar o conhecimento histórico para os estudantes que algumas vezes demonstram desinteresse pela disciplina de História, que nos apropriamos da temática da História Local, que constitui orientação dos Parâmetros Curriculares e privilegia uma vertente da História mais próxima da realidade desses estudantes, como estratégia de vincular os conteúdos da disciplina de História ao cotidiano dos estudantes. Assim, como estabelecido nas orientações curriculares desde os PCNs e também nas atuais, como a Base Nacional Comum Curricular, acredito que o ensino da História Local deve contribuir para a formação de uma identidade que valorize as experiências vivenciadas pelos estudantes e que faça com que estes se reconheçam como agentes sociais de um mundo que pode ser transformado – tornando-se, portanto, cidadãos conscientes e conhecedores dessa realidade.

A partir da perspectiva da História Local é possível introduzir o estudante de modo ativo na sociedade a qual de fato pertence, levando-o a entender o quanto de sua vida é construída e o quanto de elementos externos ele tem dentro de si. É neste campo mais restrito que as relações sociais aparecem com maior nitidez – podendo distinguir com mais clareza a construção das identidades sociais e dos sentimentos de pertencimento.

Ainda nessa perspectiva, a historiadora Selva Guimarães, em *Didática e Prática do Ensino de História*, afirma:

Ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no meio em que vivem como cidadãos críticos. No atual contexto histórico, no qual cada vez mais as identidades são líquidas, fluidas, como diz Bauman (2005, 2007), é desafiador relacionar o global, singular/plural, universal/diverso em sala de aula.⁶

⁶ GUIMARAES, Selva. O estudo da história local e a construção de identidades. In: _____. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados.** – 13^o ed. rev. e ampliada – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 240.

Ao mesmo tempo, é a partir desta chave que se pode construir e reconstruir experiências coletivas e particulares ligadas a um determinado espaço geográfico, seja o regional ou o local. Aqui entende-se que a identidade pode ser construída a partir da História Local. Mais ainda, a História Local e a identidade nos auxiliam a dar eco às múltiplas possibilidades da vida cotidiana e sentido aos diversos mundos possíveis. Desta forma, a História Local deixa de ser um mero conteúdo – ela se transforma em recurso didático.

Sobre a concepção do local para construção do conhecimento a partir do ensino de História, Selva Guimarães faz o seguinte comentário:

[...] O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens, manifestações de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano, como locais de memória, são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas.⁷

Citando Calvino, a autora enfatiza que “[...] a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras”⁸.

Ainda para Samuel Raphael, em seu artigo “História Local e História Oral”:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.⁹

Dessa forma, entende-se a História Local como fundamental no processo de construção de memórias e identidades, favorecendo uma concepção diferente da disciplina de História, ressignificando os espaços vividos, a região, a cultura e a história dos lugares que estão vivos no cotidiano dos estudantes. E, para melhor fundamentar a construção do conhecimento histórico, este estudo da História Local realizou-se através da metodologia da Educação Patrimonial, como experiência didática.

⁷ GUIMARAES, 2012, p. 238.

⁸ CALVINO, Apud GUIMARAES, 2012, p. 238.

⁹ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**. V. 9, n. 19, p. 219-242, 1990. p. 220.

A experiência de Educação Patrimonial aqui documentada foi vivenciada na escola da rede de educação básica do estado de Mato Grosso, a Escola Estadual Professor Nilo Póvoas, localizada no bairro Bandeirantes da cidade de Cuiabá. Trata-se de uma escola que atende estudantes do Ensino Médio, adotando a modalidade de tempo integral, desde o ano de 2017. Nesse modelo de escola, além do diferencial do tempo que o estudante permanece na escola, de 8 a 10 horas por dia, a grade curricular contempla, além das disciplinas da Base Comum, as disciplinas da Parte Diversificada do currículo e entre elas, as Disciplinas Eletivas. As Disciplinas Eletivas integram a proposta pedagógica na busca da materialização da interdisciplinaridade no âmbito escolar, com elementos que se diferenciam e ao mesmo tempo interagem com as demais disciplinas das áreas de conhecimento da base nacional comum.

Nos documentos orientativos da Proposta Pedagógica em Tempo Integral do Estado a definição de Disciplinas Eletivas é apresentada como “... disciplinas temáticas, que articulam duas ou mais disciplinas da Base Nacional Comum para aprofundar os conhecimentos construídos pelos estudantes”, e considera os seguintes passos: diagnóstico - no qual os professores fazem análise dos resultados obtidos nas avaliações de início e de meio do ano, bem como os interesses dos estudantes; planejamento - a partir do diagnóstico é organizada a seleção das disciplinas afins, discussões em torno dos temas/conteúdos/habilidades, das metodologias que serão utilizadas e dos recursos necessários; divulgação - momento de apresentação das eletivas planejadas aos estudantes chamados “feirão das eletivas”, sendo apresentada pelos professores para escolha dos estudantes; desenvolvimento - as aulas ocorrem duas vezes na semana, conforme planejamento, sendo desenvolvidas pelos professores (mínimo de dois professores) responsáveis pela eletiva e por fim a culminância – mostra com os trabalhos realizados durante o semestre.¹⁰

Foi, então, numa proposta de Disciplina Eletiva que a ideia de aula de história no cemitério, com o objetivo de dinamizar as aulas, promover interdisciplinaridade e o conhecimento da história local, foi apresentada aos estudantes da escola na qual eu trabalhava. Como se trata de uma proposta interdisciplinar, além de mim, participaram do projeto professoras das disciplinas de Biologia e Língua Portuguesa. E, nesta dissertação apresento como foi vivenciada a experiência na Disciplina Eletiva *A História*

¹⁰ LIMA, Waleska G.; DAHMER, Cláudia I; MEIRELLES, Érica S A; Disciplinas Eletivas: um exercício de interdisciplinaridade nas escolas de ensino médio de tempo integral do estado de MT. *Anais do Congresso de Pesquisa e Educação*. Universidade Federal de Mato Grosso (CUR), setembro 2018. p. 5-6. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/108661.pdf>>. Acesso em: 09 jun 2020.

que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios, realizada no segundo semestre do ano letivo de 2018, com 25 estudantes do Ensino Médio, inscritos por interesse na proposta na referida disciplina.¹¹

As aulas campo foram realizadas nos dois cemitérios mais antigos da cidade, construídos no contexto das políticas sanitaristas e de organização do espaço das cidades, no século XIX: o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, no dia 11 de outubro de 2018, e o Cemitério do Porto, no dia 1 de novembro de 2018.

Para a apresentação neste trabalho de pesquisa, escolhi o Cemitério Nossa Senhora da Piedade devido a existência de material de pesquisa mais relacionado a esse cemitério, quando em comparação ao Cemitério do Porto. Esse último é localizado, como o próprio nome sugere, no bairro do Porto, atendendo à população de um bairro um pouco afastado da parte central da cidade, o que tornou o cemitério de Nossa Senhora da Piedade mais conhecido e evidenciado nos documentos, nas pesquisas já realizadas e, também, evidenciado historicamente quando do tombamento da sua fachada em 1998, pela Secretaria de Estado da Cultura.

O Cemitério Nossa Senhora da Piedade, considerado um dos mais antigos da cidade de Cuiabá, foi inaugurado no ano de 1863 pelo então Presidente da Província de Mato Grosso, Manoel Alexandre Albino de Carvalho.

V.Sa. Ex.^a Rma o Sr. Bispo Diocesano, que nutre a melhor vontade a bem de semelhante reforma, “benzeo” a nova “Capella” e o transformado cemitério nos dias 01 e 02 de novembro do “anno” passado. Estes “actos” foram executados com toda solenidade devida, e de então em diante os enterramentos ali feitos vão correndo, se não com perfeita regularidade, a que devem atingir, pelo menos já de uma maneira muito satisfatória em relação às dificuldades, que ainda resta vencer.¹²

Localizado no centro histórico da capital mato-grossense, o Cemitério Nossa Senhora da Piedade foi um dos primeiros cemitérios públicos de Cuiabá, construído para realizar os sepultamentos que até então ocorriam nas igrejas ou no seu entorno imediato¹³.

¹¹ Por questões relacionadas à autorização do uso de fala e imagens, nesta dissertação optou-se por resguardar a identidade dos estudantes que participaram desse projeto, aos quais me refiro com pseudônimos relacionados a nomes de cemitérios localizados aqui no estado de Mato Grosso, o que foi feito no livro *Memórias de Minha Cidade*, em anexo a este trabalho.

¹² Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, datado de 03 de maio de 1864, em trecho que se refere à inauguração do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Cuiabá – MT. Disponível para consulta no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso – APMT.

¹³ SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. (Org.) **Cuiabá: de Vila à metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

Sua localização atual compõe uma quadra completa, de cerca de 18.000m² de extensão e possui aproximadamente 4 mil túmulos e jazigos, não sendo permitido construir mais nenhum túmulo, somente enterrar os que já possuem túmulos no espaço do cemitério. Localizado no bairro Centro Norte, à rua Batista das Neves, n. 489, limitado à esquerda pela Travessa Presidente Balduino de Carvalho, à direita pela Rua Voluntários da Pátria e nos fundos da quadra do cemitério, pela rua Zulmira Canavarros,¹⁴ conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 1: Foto aérea da atual da localização do Cemitério Nossa Senhora da Piedade



Destaque para as ruas que ficam no seu entorno, entre elas a Travessa Presidente Balduino de Carvalho, cujo nome pode ser resultado do descuido na nomeação, quando deveria se referir, provavelmente, ao Presidente da Província e Mato Grosso, à época da construção do cemitério, Manoel Alexandre Albino de Carvalho.

Fonte: Google Earth, 2020.

Em 1875, a fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade foi construída no estilo eclético de arquitetura do final do século XIX. Mais recentemente, a fachada foi tombada pelo Patrimônio Histórico-cultural do Estado de Mato Grosso, através da Portaria nº 15, de 8 de junho de 1998, com as seguintes considerações patrimoniais de tombamento pela Secretaria de Estado da Cultura de Mato Grosso:

A edificação do Cemitério da Piedade constitui uma parte de nossa história, por ainda preservar componentes de interesse para o patrimônio cultural representado pela sua Fachada Principal com duas

¹⁴ A referência da Travessa Presidente Balduino de Carvalho pode dizer respeito ao presidente da província de Mato Grosso, à época em que o cemitério foi inaugurado, mas que nesse caso teria sido o nome abreviado (o nome completo era Alexandre Manoel Albino de Carvalho) e alterado, erradamente, de Albino para Balduino. O que sugere certo descuido com as referências históricas quando se pensa a nomeação das ruas da cidade de Cuiabá.

colunas de cada lado do portão de estilo eclético: o portão do ferro da época e o frontispício retratando traços neoclássicos. Essas características da Fachada do primeiro Cemitério Público da Província de Mato Grosso, nos remete a atenção pelo valor histórico e arquitetônico. Remonta sua história, no contexto das transformações e conotações de cidade moderna, no decorrer do século XIX. Com o avanço da tecnologia, exige-se que as cidades adotem os princípios das mudanças. Naquela época envolvia, também, as mudanças dos hábitos para proporcionar a higienização das cidades e a estruturação do espaço urbano adequando os vários componentes que considerassem a concepção de cidade moderna. Assim, nasceu os cemitérios, com recomendações de que deveriam ser cercados de muros com grades na altura de 10 palmos e um portão e que constassem de uma capela. As construções obedeciam a um regulamento específico para os cemitérios.¹⁵

Figura 2: Antiga fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade de Cuiabá-MT, inaugurado em 1875



Fonte: <www.midianews.com.br>

Foi esse espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade que escolhi para analisar aqui nesta pesquisa a experiência didática de ensino de história em espaço diferente da tradicional sala de aula, realizada com estudantes do ensino médio, adotando a perspectiva de estudo da História Local e de promoção da Educação Patrimonial.

¹⁵ MATO GROSSO. Secretaria de Estado da Cultura de Mato Grosso. Cuiabá: Cemitério Nossa Senhora da Piedade (Fachada). SEC - Ipatrimônio Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/cuiaba-cemiterio-da-piedade-fachada/>>. Acesso em: 10 abr 2019.

Dessa forma, este estudo trata-se de uma pesquisa-ação com objetivo de verificar a construção do conhecimento histórico pelos estudantes, bem como o interesse dos mesmos pela disciplina de História, a partir de metodologias que vão além do tradicional, com orientações teóricas para a aprendizagem significativa¹⁶ e a metodologia ativa¹⁷.

Assim, a partir da minha experiência didática vivenciada com esta proposta de Educação Patrimonial, integro a minha pesquisa à pesquisa dos estudantes, cujas reflexões sobre a mesma sistematizo nesta dissertação a partir da proposição e realização da Disciplina Eletiva *A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*. Para tal, foram realizadas as etapas seguintes, melhor detalhadas no capítulo quarto do referido trabalho, sendo elas: inscrição/seleção dos estudantes na eletiva; atividades preparatórias conforme preconiza a metodologia da Educação Patrimonial, realizadas em sala de aula; oficina de fotografia, cartas e rodas de conversa; aulas campo nos cemitérios (Nossa Senhora da Piedade e do Porto, em Cuiabá-MT); produção textual dos estudantes a respeito da sua pesquisa-ação e experiência na eletiva; organização dos textos no livro *Memórias de Minha Cidade*; culminância do projeto com o lançamento do

¹⁶ As propostas da aprendizagem significativa foram formuladas a partir da teoria de aprendizagem do psicólogo norte-americano D. P. Ausubel. Com suas primeiras formulações nos anos 1960, as suas ideias encontram-se entre as primeiras propostas psicoeducativas que tentam explicar a aprendizagem escolar e o ensino a partir de um marco distanciado dos princípios conteudistas. Nesse processo, a nova informação interage em comum à estrutura de conhecimento específico, que Ausubel chama de conceito “subsunçor”. Esta é uma palavra que tenta traduzir a inglesa *subsumer*. Quando o conteúdo escolar a ser aprendido não consegue ligar-se a algo já conhecido, ocorre o que Ausubel chama de aprendizagem mecânica, ou seja, quando as novas informações são aprendidas sem interagir com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. Assim, a pessoa decora fórmulas, leis, mas as esquece após a avaliação. Dessa forma, para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrária e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógico e psicologicamente significativo. (Cf. MOREIRA, Marco Antonio; MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.)

¹⁷ As metodologias ativas têm recentemente feito parte das discussões em torno da adequação do currículo às orientações e referências da Base Nacional Comum Curricular e dos Itinerários Formativos que compõem a proposta do Novo Ensino Médio. Considerando que toda aprendizagem é ativa em algum grau, a ideia consiste em colocar o estudante com autonomia no que diz respeito ao seu processo de aprendizagem, aliando-a a proposta de aprendizagem significativa, referenciada anteriormente. Assim, técnicas como a aula invertida, a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem por pares, aprendizagem híbrida (*blended*) entre outras metodologias, constituem meios para promover uma aprendizagem em que se busca desenvolver habilidades e competências para além do cognitivo, contribuindo na formação integral do estudante inserido no contexto do século XXI, que exige mudanças estruturais na educação formal tradicional, adequada ao século XIX e/ou XX. (Cf. MÓRAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos A S; MORALES, Ofelia E T. (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 25 jan 2020.)

livro, apresentação teatral dos estudantes sobre alguns dos falecidos pesquisados e a exposição fotográfica.

Vale acrescentar aqui que os trabalhos realizados no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, explorando-o como espaço educativo, têm sido isolados e quase inexistentes no âmbito da Educação Patrimonial. Apesar de ser um lugar de memória, constituído historicamente por diferentes edificações artísticas e tumulares, começando pela sua fachada, representando as subjetividades da arte e da arquitetura urbana dos séculos XIX e XX, não há um trabalho de visitação mediada com fins de educação patrimonial naquele espaço.

O cemitério permanece significado como um espaço inerte aos olhos da sociedade, apenas como lugar onde se enterra os mortos. Todavia, constitui um espaço que tem muita história a ser contada. Assim, urge a necessidade de ser inventariado como objeto de pesquisa e reflexão histórica e ser reconhecido como patrimônio histórico da cidade de Cuiabá, a exemplo do que foi feito em relação à fachada frontal do espaço do cemitério, como observamos na figura a seguir.

Figura 3: Fachada atual do Cemitério Nossa Senhora da Piedade de Cuiabá, tombada pelo patrimônio histórico do estado de Mato Grosso em 1998



Fonte: <<http://www.reportermt.com.br>>

Assim, a escolha do espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade como objeto de pesquisa histórica sobre a cidade de Cuiabá veio ao encontro do propósito deste trabalho, ou seja, apresentar a disciplina de História com ampla possibilidade de conhecimento para os estudantes do ensino médio, promovendo o interesse dos mesmos em se apropriar de estratégias de pesquisa, análise e produção de conhecimento. Nessa perspectiva, pretendeu-se com esta proposta de trabalho, a partir de instrumentos utilizados pela pesquisa em História, como o estudo de campo, as entrevistas, o diálogo com outros saberes e a produção de conhecimento, despertar o interesse pela disciplina da História nos estudantes, através da investigação histórica de sua própria realidade sociocultural.

Maria Aparecida Borges de Barros Rocha, em sua dissertação intitulada *Igrejas e Cemitérios: As Transformações nas Práticas de Enterramentos na Cidade de Cuiabá – 1850 a 1889*¹⁸, desenvolveu um estudo sobre o Cemitério Nossa Senhora da Piedade tendo por objeto o processo de construção do referido cemitério, enfatizando as transformações nas práticas de enterramento, que passam das igrejas para o chamado “campo santo”, tendo como marcos temporais os anos de 1850 e 1889. Em 1850, a Lei Provincial autorizava o estabelecimento de cemitério público na cidade de Cuiabá e, em 1889, com a instalação oficial do regime republicano, se inicia uma nova discussão em relação à municipalização dos cemitérios.

No trabalho de Rocha, as questões em relação ao cemitério dizem respeito às formas de tratamento que a sociedade cuiabana e a sociedade de uma forma geral tinham acerca da certeza de chegada da morte. São considerados os anúncios fúnebres, os testamentos e como se deu o processo de transferência dos enterramentos das igrejas para os cemitérios e suas implicações para a sociedade e, especificamente, para as irmandades religiosas que dominavam essa atividade dentro do espaço das igrejas, como forma de estruturar e organizar sua existência e suas atividades.

O processo de construção do cemitério de Nossa Senhora da Piedade é abordado por Rocha numa perspectiva de entender a relação estabelecida entre os homens e a morte. A criação, construção, organização e funcionamento do cemitério é abordada no sentido de se perceber como se deu o processo de transferência dos enterramentos das

¹⁸ ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Igrejas e Cemitérios: as transformações nas práticas de enterramentos na cidade de Cuiabá – 1850-1889. Dissertação.* (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso, 2001.

igrejas para os cemitérios públicos, seguindo uma determinação legal de tornar o ambiente das cidades mais salubre e higiênico, característica do século XIX.

Através de vasta análise de documentos como Relatórios de Presidentes de Província, leis imperiais, Códigos de Posturas, Compromissos de Irmandades Religiosas e outros documentos que ressaltam a necessidade desse espaço de salubridade na cidade, Rocha analisa a partir das práticas de enterramentos as relações do homem com a morte, entendendo que processos históricos, sociais e mentais vivenciados pelo cuiabano no século XIX nos auxiliam na compreensão do presente.

Assim, neste trabalho de pesquisa percebo o cemitério como lugar em que as construções e vivências do homem no passado, das suas relações culturais, econômicas e mentais, dentro do seu contexto de vida, estão documentados a partir da construção e concepção do túmulo. Esta perspectiva indica que, através da pesquisa, pode-se levar o estudante ao conhecimento da sua própria história e realidade sociocultural, sensibilizando-o para que dessa forma direcione um novo olhar para o patrimônio histórico e cultural da sua cidade, como possibilidade de leitura do que foi no passado para compreender o que é hoje. Com isso, acredito que se pode promover o desejo de preservar o patrimônio, o qual constrói a identidade de uma sociedade da qual faz parte as gerações futuras.

A partir da minha experiência de professora de História, constatei que parte dos estudantes apresenta certo desinteresse pela disciplina e, diante disso, comecei a indagar e refletir sobre a minha prática, com foco no estudante e sua aprendizagem. Foi o fato de não alcançar determinados estudantes, no sentido de que eles realmente se apropriassem do conhecimento histórico, que me instigou à reflexão sobre o sentido da minha prática como professora de História. E uma das possíveis respostas as minhas indagações estaria no fato de lidarmos com a geração do século XXI, cercada por tantas tecnologias e por um mundo pautado num consumismo crescente, que em grande parte não se vê relacionada ao passado e, portanto: “como vê sentido em estudá-lo?”. Daí se ter na sala de aula, comumente, questionamentos como: “Para que serve a História?”; “Qual o sentido de se voltar para o passado se o que importa é o presente?”.

Faz-se necessário, com isso, se colocar diante de jovens que lidam com tecnologias, vivem conectados e usam constantemente as redes sociais, mais que as redes tradicionais, acessando milhares de informações num curto espaço de tempo, para estabelecer estratégias de fazê-los acessar o passado, estabelecendo com ele um vínculo,

um sentido para se querer aprender, conhecer, fazer e com ele, o passado, conviver, numa alusão aos pilares da educação para o século XXI¹⁹.

Como estabelecer com esse estudante, que parece não ver sentido no estudo do passado, uma percepção de vínculo e mesmo de pertença em relação a um passado que, embora presente na sua vivência, muitas vezes é por ele ignorado? Como direcionar o andar pela cidade, o olhar para os prédios antigos proporcionando um sentimento de afetividade, de identidade e um sentido de querer preservar aquele determinado bem, pois é constituído por memória, história e cultura?

Estabelecer reflexões como estas levam, necessariamente, a repensar os procedimentos metodológicos no ensino de História. É sabido que essa inquietação entre os professores não é recente; já desde a década de 1980 os debates relacionados à renovação no ensino de História se realizavam de forma intensa²⁰. Caracterizada como disciplina que exige do aluno apenas “saber de cor” nomes e datas de fatos e personagens ilustres, a História enquanto disciplina teve que responder muitas questões e críticas em relação ao método dito tradicional – o que não pode resultar na rejeição total ao método tradicional, uma vez que na prática escolar entendemos que muitos dos conteúdos e métodos tradicionais são significativos para a formação intelectual do estudante, e, portanto, não devem ser descartados em função de um “novo” método. Entretanto, as reflexões sobre renovação de métodos devem ser pensadas, com cuidado de relacionar o que permanece e o que muda dentro desse processo de renovação.

¹⁹ **Os quatro pilares da Educação** são conceitos de fundamento da educação baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. No relatório editado sob a forma do livro *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, de 1999, e reeditado pela Editora Cortez (tendo parte da 7ª edição, de 2012, servindo como base para uma das modificações deste tema), a discussão dos “quatro pilares” ocupa todo o quarto capítulo, onde se propõe uma educação direcionada para os quatro tipos fundamentais de educação: **aprender a conhecer** (adquirir instrumentos de compreensão), **aprender a fazer** (para poder agir sobre o meio envolvente), **aprender a viver juntos** (cooperação com os outros em todas as atividades humanas), e finalmente **aprender a ser** (conceito principal que integra todos os anteriores). O ensino, tal como o conhecemos, debruça-se essencialmente sobre o domínio do aprender a conhecer e, em menor escala, do aprender a fazer. Estas aprendizagens, direcionadas para a aquisição de instrumentos de compreensão, raciocínio e execução, não podem ser consideradas completas sem os outros dois domínios da aprendizagem, muito mais complicados de explorar, devido ao seu caráter subjetivo e dependente da própria entidade educadora. Um dos maiores desafios para a educação será a transmissão, de forma maciça e eficaz, da informação e da comunicação adaptadas à civilização cognitiva (pois estas são as bases das competências do futuro). Simultaneamente, compete ao ensino encontrar e ressaltar as referências que impeçam as pessoas de ficarem ilhadas pelo número de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados. Assim como, orientar os educandos para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. (Cf. DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição, 2012. p. 89-101.)

²⁰ BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 189-193.

Considerando a renovação nos procedimentos metodológicos no ensino de História, neste trabalho de pesquisa adotamos orientações teóricas da chamada aprendizagem significativa e, também, da metodologia ativa, como já mencionado anteriormente. Acreditamos que essa metodologia possibilita alcançar uma formação plural do estudante, desenvolvendo competências e habilidades, segundo as atuais orientações para as organizações curriculares. E, dessa forma, para contribuir no processo de ensino e aprendizagem, é que se propõe neste trabalho a inserção de novas temáticas ao currículo, entre elas a do Patrimônio Cultural, através da Metodologia da Educação Patrimonial.

O Guia Básico de Educação Patrimonial, produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN), conceitua Educação Patrimonial, como:

[...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.²¹

É com essa proposta, aliada às minhas indagações e o reconhecimento das necessidades de se incorporar novas discussões na minha prática de professora de História por meio do currículo escolar, que pretendo contribuir na inovação das metodologias nas aulas de História, introduzindo atividades que problematizem temáticas relacionadas à realidade dos estudantes, considerando os diferentes territórios em que os mesmos vivenciam suas experiências de vida no processo de ensino e aprendizagem.

Dentre os muitos espaços e territórios oferecidos para além da sala de aula, minhas indagações levaram-me ao cemitério, pois, como professora de História sei que a curiosidade e o fazer investigativo são elementos fortes para dinamizar as aulas. Além de ser o cemitério um espaço que os jovens, hoje em dia, pouco frequentam devido ao receio com que se trata a temática da morte e que, portanto, desperta certa curiosidade nos mesmos.

²¹ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999. p. 4.

A opção pelo trabalho com o espaço do cemitério como território de aprendizagem do conhecimento histórico se deve, também, ao fato de lugares de memória como esses serem pouco explorados, muitas vezes ignorados devido ao preconceito, o “medo” e a “aversão” que se tem construído em relação ao mesmo. Muitas vezes, os cemitérios, de um modo geral, são concebidos como espaços assombrosos ou ainda locais que são evitados, o que se explica pela concepção historicamente construída da ideia de morte na nossa sociedade.

Nessa perspectiva de investigação histórica acerca dos “lugares dos mortos” e espaço de “sociabilidades dos vivos”, recorri às discussões realizadas por Jacques Le Goff, em sua obra intitulada *Por amor às cidades*, destacando o seguinte comentário realizado pelo autor:

O aspecto da cidade construída para os vivos também mudou quanto ao lugar dos mortos. Os gregos e os romanos impeliavam o morto impuro para fora da cidade, os mais das vezes, sobretudo para as pessoas ricas ou importantes, ao longo das principais vias que partiam das cidades. O cristianismo urbaniza os mortos, e as cidades tornam-se também as cidades dos mortos; o cemitério de sociabilidade, alheio a todo aspecto religioso: ele somente terá um estatuto exclusivamente religioso tardiamente, a partir do século XIII. Até então, é um lugar de encontro e mesmo de diversão.²²

Aqui constata-se que para além de ser o espaço dos mortos, o cemitério foi e continua de alguma forma sendo, também, espaço de sociabilidade dos vivos, que o utilizavam como lugar de encontro e de diversão. Em Cuiabá, na segunda metade do século XIX, foi se desenvolvendo o hábito de ir em família ao cemitério visitar os túmulos dos mortos. A partir da influência dos costumes burgueses europeus, o hábito burguês de fazer do cemitério espaço de visita pública passou, também, a ser difundido no Brasil. Vestir-se e ornar-se para preservar o luto ou praticar a caridade em honra aos mortos passaram a ser práticas comuns entre os vivos²³.

Em cidades superpovoadas o cemitério é, ainda hoje, lugar de moradia dos vivos e mesmo de comércio. Nas grandes cidades, o espaço do cemitério é utilizado como moradia por aqueles que vivem nas ruas ou não têm teto. Nas Filipinas, na região da Ásia,

²² LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 11-12.

²³ ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. Atitudes diante da morte em Cuiabá – 1820 a 1926: a guerra, a doença e a secularização dos cemitérios da cidade. **Tese**. (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, 2013. p. 56.

viver dia e noite entre os mortos é uma questão de sobrevivência para muitas famílias. No Brasil, há casos de moradores de rua e sem teto que vivem nos cemitérios, em São Paulo e no Rio Grande do Sul²⁴.

Também, hoje, o cemitério se constitui em espaço de estudo, pesquisa, aula de campo e ensino patrimonial, desenvolvendo estudos sobre territórios, cidades e cultura. Aqui no Brasil, assim como em diferentes países, cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte a apropriação dos cemitérios com fim educativo já constitui realidade vivenciada²⁵.

Nesse sentido, propus com esse trabalho de pesquisa pensar a disciplina de História tendo como objeto de estudo o espaço do cemitério, a partir da saída de sala de aula para esse espaço educativo, com o objetivo também de promover a Educação Patrimonial. Nesse caso, apropriando-me de um espaço, o Cemitério da Piedade, em Cuiabá-MT, ainda não visibilizado de forma sistemática nesse sentido, a não ser em práticas isoladas, e não sistematizadas ou sem significativa constância.

Entendendo o espaço do cemitério como lugar de memória, repleto de simbologias e representações sociais, essa territorialidade construída pelos vivos faz parte do contexto sociocultural da cidade, compondo, além da paisagem, a história local. Portanto, estudar os cemitérios constitui uma forma de compreender a totalidade histórica, identificando e problematizando uma série de possibilidades no âmbito dos espaços urbanos, como por exemplo, os estudos que contrapõem a noção de cidade como cenário, ou a cidade como espaço inerte.

Para Raquel Rolnik, “o espaço do mapa dos urbanistas é um espaço: o espaço real vivido é o território”²⁶, com diferentes funções sociais que vão além das configurações espaciais constituídas, conforme comentário a seguir:

²⁴ Em páginas de jornais na internet é possível verificar as informações e registros fotográficos sobre essa forma de sociabilidade atual entre os mortos. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2013/05/conheca-a-historia-da-comunidade-filipina-que-vive-num-cemiterio/>>. Acesso em 24 abril 2019.

²⁵ Sobre Belo Horizonte, O Cemitério do Bonfim, situado na referida cidade, para além do cumprimento de suas funções habituais ligadas ao culto aos mortos, tem despertado cada vez o interesse para o seu potencial turístico e concomitantemente como espaço educativo. O hábito de ministrar aulas específicas utilizando o espaço fúnebre vem sendo, recorrentemente, praticado pelos docentes da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, ocasião em que atividades de pesquisa se concretizam em disciplinas diversas que são ministradas para os cursos de Design Gráfico, Design de Produto, Design de Ambientes e Licenciatura em Artes Visuais. (Cf. ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Cemitério do Bonfim: arte, história e patrimônio – debate sobre uma experiência. **FÓRUM PATRIMÔNIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável Belo Horizonte** [ISSN 1982-9531], v. 9, n. 2, jul./dez., 2016.)

²⁶ ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. **Cidade e História**. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992. p. 28.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista teórico que se trabalha com esta questão do urbano em transformação e em movimento, existe uma relação para além de funcional entre os homens e os grupos sociais e este espaço. A noção para se tentar pontuar essa questão é a noção de território, ou de territorialidade. Contrapondo-se à noção de território, há uma noção de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território. O território é uma noção que incorpora a ideia de subjetividade. Não existe um território sem o sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito.²⁷

O estudo dos cemitérios, na perspectiva de espaços territorializados, possibilita analisar as relações de poder nesses espaços, bem como as interrelações entre os aspectos econômicos, religiosos e sociais. Nessa perspectiva, pode-se pensar, também, as instituições sociais relacionadas à morte como as funerárias, marmorárias, cartórios e igrejas, até mesmo questionando-as em seus objetivos de lucro com a morte. Assim, como lugares carregados de simbologia e muitas vezes relacionados à funcionalidade de enterrar e conservar os mortos, os cemitérios podem ser concebidos como espaços que podem contribuir no processo de construção do conhecimento em diversas áreas.

Este trabalho de pesquisa tem como proposta analisar os cemitérios como espaço de vivência e experiências dos estudantes, a partir da realidade dos mesmos, o que leva a refletir, também, sobre as “fronteiras simbólicas e liminaridades do espaço urbano”²⁸ e seus significados, conforme defende Antônio Arantes ao escrever sobre lugares e não-lugares.

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações.²⁹

Pensar a “liminaridade” do território do cemitério dentro do território da cidade significa pensar as práticas e os rituais que representam como as sociedades lidam, historicamente, com a morte, a exemplo do trabalho desenvolvido por Maria Aparecida Borges de Barros Rocha, já referenciado aqui. Antes, uma vivência de proximidade com

²⁷ ROLNIK, 1992, p. 28.

²⁸ ARANTES, Antônio A. A guerra dos lugares: Sobre fronteiras e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, n. 23, p. 191-203, 1994.

²⁹ *Ibidem*, p. 191.

os mortos, no interior das igrejas ou no seu entorno e, depois, uma relação de afastamento, motivada por questões higienistas e consolidada de certa forma, nos dias de hoje, pelo desejo de ser eterno e vencê-la.

Estabelecendo uma relação simbólica com a ideia de muro, que limita, separa e restringe, pode-se pensar o mesmo do muro do cemitério (elemento obrigatório no regulamento que orientava sua construção no século XIX), que separa, limita e restringe o espaço dos mortos em relação ao espaço dos vivos. Também, na Idade Média, as cidades eram muradas e esse limite significava a segurança simbolizada pela cidade.

Pontilhada de portas, a muralha isola o espaço urbano no plano material, assegura sua defesa e permite o controle da circulação com o exterior. Em horas determinadas, à tarde e pela manhã, a cidade se fecha atrás de suas muralhas. A alegoria da segurança sobrevoa a cidade.³⁰

Essas reflexões contribuem para pensar a relação que nos últimos anos vem sendo estabelecida entre “os lugares e os não-lugares” dos vivos, particularmente, no que diz respeito aos mortos e à morte. Tais relações sociais foram necessariamente pensadas quando se propôs, neste trabalho, o espaço do cemitério como lugar para o ensino e aprendizagem de História.

Com a proposta de trabalho no território do cemitério, a observação direta e o estudo dos túmulos e jazigos traduzem esse espaço como fonte de pesquisa para que os estudantes compreendam o espaço vivido, construído e transformado por sujeitos que nele registraram suas vivências, experiências e memórias. Assim, a partir da mobilização de diferentes habilidades como a observação, a oralidade, a capacidade de analisar, sistematizar e apresentar os resultados da pesquisa através de produção escrita, é esperado que o estudante compreenda aspectos como o antagonismo das práticas sociais e visões de mundo, a partir da história local de onde faz parte, desenvolvendo, também, a percepção do cemitério como lugar de sociabilidade, de possibilidade de ensino e aprendizagem da história, bem como despertar a necessidade de preservar o espaço do cemitério.

Vale lembrar que o conhecimento da história da cidade de Cuiabá ainda é limitado para a maior parte dos estudantes, uma vez que no currículo escolar não existe uma disciplina específica que trate sobre o conhecimento da história e cultura da cidade. Assim, muitas vezes o conhecimento dessa história só é requisitado nas escolas quando

³⁰ LE GOFF, 1998, p. 16.

acontecem as comemorações em homenagem ao aniversário da cidade ou em algum projeto pontualmente relacionado à temática.

É neste sentido que busco me apropriar do estudo da história a partir da realidade local do estudante como estratégia para facilitar o interesse pela disciplina. Acredito que é possível, concomitantemente, oportunizar aos estudantes a experiência da prática do ofício do historiador, mesmo que de forma mais simples. A partir da realidade local, através da pesquisa, da análise, do levantamento de dados em campo de estudo, da sistematização dos dados, da pesquisa complementar em arquivos, documentos e bibliografia, se possibilita aprender a produzir o conhecimento histórico.

Para além de construir o conhecimento, o trabalho de pesquisa e estudo no espaço do cemitério oportuniza ao estudante a percepção do patrimônio histórico que o cerca. Dessa forma, o estudante pode desenvolver educação patrimonial, através da qual poderá compreender e valorizar como estão construídas as memórias e concepções sobre o lugar dedicado aos mortos, considerando-o como objeto de investigação histórica para compreensão da realidade que o cerca. Realidade essa que pretende ser ressignificada para o estudante com o processo de aproximação e do sentimento de pertencimento em relação aos bens patrimoniais, proporcionando o conhecimento e a sensibilização para o desejo de contribuir para a preservação desses espaços patrimoniais, bem como a possibilidade de inventariar, historicamente, os diferentes territórios constituídos no seu ambiente urbano.

A ideia está pautada também em visibilizar o espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade no conjunto urbano, destacando a sua configuração espacial, sua história, sua arquitetura e a arte que o compõe. Como território constituído historicamente no espaço urbano que precisa ser pensado, repensado e valorizado como patrimônio cultural, se faz necessário perceber a necessidade de conservação de outros monumentos históricos, como prédios, praças, bens naturais, entre outros. Para que se sinta parte da história da sua cidade, o estudante precisa conhecer e valorizar a sua própria história, ressignificando o conhecimento histórico, passando a ter nova percepção a respeito dessa disciplina.

Assim, desenvolver atividades de ensino e pesquisa no espaço do cemitério tem como objetivo visibilizar o que se refere a esse espaço, possibilitando o conhecimento do acervo e da história do mesmo, inventariando e reabilitando o espaço e integrando múltiplos saberes que contemplam a história sociocultural e as subjetividades urbanas. Nesse aspecto, Raquel Rolnik faz o seguinte comentário:

A cidade por excelência, produz e contém documentos, ordens, inventários. Isso caracteriza historicamente o seu processo de formação. A arquitetura urbana também cumpre este papel de escrita, de texto que se lê da mesma maneira que se lê um processo, um relato de um viajante. O espaço é, portanto, uma das fontes essenciais ou um tipo de notação fundamental para quem trabalha com história urbana.³¹

Promover a experiência didática no Cemitério Nossa Senhora da Piedade está relacionado em percebê-lo como lugar de memória e identidade, abrigando um acervo que permite a compreensão dessa cidade em sua multiplicidade, envolvendo aspectos do viver, do fazer e experiências dos diferentes sujeitos históricos que fazem e/ou fizeram parte desta realidade sociocultural. Além disso, este trabalho objetiva contribuir para o processo de ampliação, apropriação e sensibilização dos estudantes em relação à valorização de espaços antigos da cidade, a exemplo do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, promovendo, dessa forma, a Educação Patrimonial.

É o que se pretendeu desenvolver com estudantes a partir de aulas no território do cemitério. Na aula campo, os estudantes foram orientados a explorar o território do cemitério a partir da escolha voluntária de túmulos que devem ser por eles analisados e inventariados. Com isso, o trabalho de pesquisa e observação começa a partir da escolha do estudante, que deve ser justificada em aspectos como: a estrutura e a arte tumular, se existem elementos decorativos no túmulo, informações acerca da temporalidade nas inscrições tumulares e sobre a localização do túmulo dentro do espaço do cemitério. Dessa forma, analisam-se aspectos de conservação, de antiguidade do túmulo e da relação que se pode estabelecer com a pessoa enterrada no lugar e a história da cidade de Cuiabá, seja de forma direta, uma vez que nesse cemitério estão enterrados personagens ilustres da história local, ou de forma indireta, relacionando o contexto histórico da sua morte com aspectos da história da cidade.

A partir das diversas etapas de pesquisa, observação, registros escritos e visuais, e entrevistas com pessoas que trabalham ou que circulem no momento da aula campo no território do cemitério, sendo elas profissionais que atuam no cemitério ou visitantes, os estudantes procederam a sistematização dos dados coletados e buscaram associá-los a aspectos da história da cidade, no contexto histórico no qual se situa os túmulos pesquisados. Dessa forma, foram relacionados dados da história, da economia,

³¹ ROLNIK, 1992, p. 28.

da política e da arquitetura do lugar a partir da comparação das informações coletadas no cemitério e de pesquisas realizadas através da leitura de livros relacionados à História de Cuiabá ou de publicações na internet.

Na sequência, a proposta foi orientada no sentido de que os estudantes sistematizassem suas conclusões, a partir das aulas de campo, seus registros e suas observações e comparações com outras leituras da cidade, numa produção coletiva intitulada *Memórias de Minha Cidade*. Através dessa produção e dos registros realizados pelos estudantes, busquei analisar a construção do conhecimento histórico, a partir da saída de sala para o cemitério, bem como identificar aspectos que caracterizem a sensibilidade dos estudantes à uma nova percepção do espaço do cemitério e da sua relação com a história local e, por conseguinte, com a identidade e a memória deles mesmos.

No Capítulo I, intitulado *O ensino de história e o patrimônio no território da morte* apresento o desafio de lidar com o tema da morte e da proposta de aula campo no cemitério numa sociedade que rejeita a ideia de morte e não vê com bons olhos o espaço do cemitério. Para desenvolver investigação histórica nesse espaço há que se lidar com esse aspecto para promover a formação intelectual dos estudantes, proporcionando uma educação interdimensional, dentro da perspectiva dos quatro pilares da Educação, como trataremos no capítulo. É o promover um “não-lugar”, parafraseando Antônio Arantes em *A Guerra dos Lugares*, ressignificando-o e redefinindo fronteiras simbólicas, com ações educativas no território do cemitério.

No Capítulo II, *O Cemitério de Nossa Senhora da Piedade em Cuiabá e sua estrutura espacial*, apresento o cemitério e as possibilidades de leitura do mesmo, concebido como patrimônio cultural para leitura da história, da memória e da cultura da cidade, estabelecendo uma discussão a partir das novas metodologias para o ensino de História, apresentando possibilidades de construção do conhecimento histórico, a partir da Educação Patrimonial, dinamizando o processo de ensino e aprendizagem de História.

Para o Capítulo III, *A construção do Cemitério Nossa Senhora da Piedade em Cuiabá: cultura, religiosidade e a saúde pública da capital mato-grossense*, apresento uma contextualização histórica do Cemitério Nossa Senhora da Piedade e sua relação com a constituição sociocultural de Cuiabá, pautando em como o cemitério, no contexto da política sanitária, surge no espaço da cidade. Através da análise dos depoimentos dos presidentes da província de Mato Grosso se constitui a compreensão de

como a relação com o cemitério foi sendo construída e o diálogo que a sociedade vai estabelecendo com esse espaço.

No Capítulo IV, *Partiu, cemitério! A história que brotou dos túmulos: por uma educação patrimonial no Cemitério Nossa Senhora da Piedade*, relato a experiência vivenciada com os estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede estadual da cidade de Cuiabá, com a saída da sala de aula para o cemitério, para além dos muros da escola. A ideia consistiu em proporcionar aos estudantes uma experiência de leitura do patrimônio cultural do cemitério para produzir um texto sobre suas memórias da cidade, construindo narrativas.

A proposta de atividade de pesquisa e aula no cemitério foi apresentada aos estudantes numa disciplina eletiva, conforme arquitetura curricular do modelo de escola de tempo integral, adotada em algumas escolas da rede estadual de Mato Grosso, a partir do ano de 2017. A divulgação da proposta foi feita no formato de feirão, no qual os professores envolvidos apresentam a disciplina ofertada, semestralmente, de forma a atrair os estudantes. As diversas propostas de eletivas são apresentadas pelos professores com o objetivo de convencer os estudantes a se inscreverem na sua disciplina e vivenciar a experiência didática.

Nesse quarto capítulo, apresento, inicialmente: a sequência didática de todo o planejamento anterior à disciplina eletiva, as ideias desenvolvidas no feirão de divulgação, algumas observações e registros de aulas que aconteceram antes da ida ao cemitério, bem como suas temáticas, os registros visuais feitos pelos estudantes no cemitério e a arte que compôs a camiseta da eletiva, um dos elementos de atratividade. Na sequência, analiso as narrativas produzidas pelos estudantes para identificar nelas as percepções dos mesmos em relação à História Local, às mudanças e permanências, ao sentido de pertencimento e valorização do patrimônio cultural, e às leituras feitas sobre a história da cidade, a partir da interpretação dos túmulos.

A partir da socialização dessa experiência didática, apresento o espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade como possibilidade para o ensino e aprendizagem de História para professores e estudantes do ensino médio da cidade de Cuiabá-MT.

CAPÍTULO I – O ENSINO DE HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO NO TERRITÓRIO DA MORTE

1.1 Caminhando do não-lugar para o lugar: ressignificando o espaço dos mortos para sociabilidade dos vivos

Partiu, cemitério! O que dizer da experiência de proporcionar aos estudantes o caminhar entre os túmulos? O que fazer para propor uma aula campo no cemitério? Afinal, referir-se a esse espaço significa para muitos remeter à tristeza, ao sofrimento pela perda de um ente querido, ou ainda, à reflexão, muitas vezes evitada, de que um dia também irá morrer. Em outras palavras, podemos deduzir que o convite para ida ao cemitério seria para um passeio não muito agradável para a maior parte das pessoas e que seria certamente rejeitado por grande parte delas.

No século XXI, a morte é ainda compreendida pela sociedade como algo contra a qual se deve lutar e de todas as formas evitar. É comum se deparar com pessoas que não se permitem falar ou tocar no assunto de morte ou de morrer. Aliás, dependendo do lugar, falar sobre morte torna-se constrangedor, pois, para muitos, ao falar da morte, num ato supersticioso, significa a possibilidade de atraí-la. Falar que um dia alguém irá morrer é por vezes interpretado como se estivesse desejando a morte daquela pessoa, como se quisesse antecipá-la. Apesar de a morte fazer parte da vida, percebe-se que, em diferentes realidades socioculturais, a mesma traz consigo um forte significado de perda, dor, tristeza, sofrimento, abandono, enfermidade, medo e até mesmo representações espirituais de maldição e perseguições invisíveis da morte.

Na sociedade que preza pelo desenvolvimento das tecnologias para eternizar a juventude, o mito de ser jovem está relacionado a não possuir rugas, não revelar a idade, não envelhecer. Quanto mais o tempo passa, a idade passa a traduzir o sinal de que se está mais perto da morte, menos atraente e menos produtivo, porque envelhecer traz consigo estes estigmas. Pensar na morte ou no morrer é algo que a maior parte das pessoas prefere evitar, pois a onda é “prolongar a vida”, é viver e continuar forte, saudável e produtivo para a sua sociedade. Atualmente, com o consumo cada vez mais crescente de bens materiais, o morrer significa frear a cadeia de produção e, conseqüentemente, do

consumo. Dessa forma, a ideia de morte está fadada a ser lançada fora, afinal pode paralisar a razão de ser do trabalho, e é em função dele que a sociedade está organizada para garantir a produção, que garante o consumo, que garante o lucro, que por sua vez sustenta o sistema produtivo de todas as sociedades ao longo de sua história.

Nas realidades socioculturais do Ocidente, lugares que paralisam o trabalho, ou que paralisam o ter algo a fazer a todo instante, são considerados descartados. Esses lugares significam isolamento das pessoas e devem ser afastados do centro do ciclo produtivo. Assim, entende-se que lugares como os hospitais, as prisões, os depósitos de lixo e, na sequência, os cemitérios, são lugares representativos do que deve ser descartado: as doenças, a delinquência, os detritos, a velhice, a morte.

Michel de Certeau na sua obra *A invenção do cotidiano*, no capítulo intitulado “O inominável morrer” comenta que na sociedade ocidental, o moribundo sujeito à inação contraria a lógica da sociedade ocidental em que o não-trabalho é algo absurdo. Nas palavras do autor:

Em nossa sociedade, ausência de trabalho significa absurdo; deve-se eliminá-la para que prossiga o discurso que incansavelmente articula as tarefas e constrói o relato ocidental do “há sempre alguma coisa a fazer”. O moribundo é o lapso desse discurso. É e não pode ser senão obscuro. Portanto, censurado, privado de linguagem, envolto numa mortalha de silêncio: inominável.³²

Seguindo a lógica racional e objetiva, esses lugares são áreas técnicas podendo ser encaradas como separadas/secretas, espaços de alívio para os vivos, constituindo-se em fronteiras visíveis e invisíveis, ao longo da história da sociedade ocidental.

Para Certeau, “o segredo imoral da morte é depositado nas grutas protegidas que lhe são reservadas pela psicanálise ou religião”. Nessa perspectiva, os “segredos da morte” habitam também nas regiões e metáforas do obscurantismo representado pela astrologia, necromancia e feitiçarias. Enfim, a morte “acha-se inscrita em todos os procedimentos que encerram a morte ou a expulsa para fora das fronteiras da cidade, para fora do tempo, do trabalho e da linguagem, para salvaguardar um lugar”³³.

³² CERTEAU, Michel de. O inominável morrer. In: _____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 294.

³³ Ibidem, p. 298.

No processo de percepção do sujeito como aquele que faz alguma coisa em função da cadeia produtiva, o moribundo constitui representação da inação, sendo comparado ao ocioso e classificado como intolerável na perspectiva da sociedade ocidental. Pela incapacidade de intervir e interagir na realidade, o moribundo constitui parte de um universo de insignificância. E, assim, podemos refletir: “a quem interessa esse universo?”.

Além disso, levando em consideração que a morte desafia a tecnologia desenvolvida para conservação da vida, se acentua a ideia de que a morte se trata de algo que não é pensado, nem desejado e, por isso, definitivamente, não é bem aceita na sociedade moderna do século XXI, conforme comentário de Certeau:

Considerada por um lado fracasso ou parada provisória da luta médica, subtraída por outro lado à experiência comum, chegando ao limite do poder científico e escapando às práticas familiares, a morte é o outro lugar. Numa sociedade que só conhece oficialmente ‘repouso’ como inércia ou desperdício, ela é deixada, por exemplo, às linguagens religiosas fora de moda, entregue a ritos [...] o que se depõe em segredo ou ressurgue mascarado é a morte que agora se tornou impensável e inominável.³⁴

Ameaçado pela morte, por representar o seu fracasso ou sua queda, o sistema científico atribui a um lugar de obscurantismo que se opõe à sociedade do progresso. Assim, a luta contra a morte se tornou para a ciência, representada pelo saber médico, estratégia para evitar que o jugo da mesma estivesse, inevitavelmente, presente na vida dos sujeitos. E, é dessa forma que se define na sociedade ocidental a ambição pelo progresso indefinido do corpo.

Na busca da eterna juventude, do corpo sem rugas, que não envelhece, é que a sociedade ocidental, aliada ao pensamento moderno de racionalidade técnica, em função do acúmulo de riquezas materiais, trava uma luta constante contra o jugo da morte, o que pode ser interpretado como infelicidade biológica; parafraseando o texto referenciado, de autoria de Certeau, seria o inevitável morrer.

Traduzo aqui neste trabalho a proposição de uma racionalidade formadora em oposição à racionalidade técnica, como afirma Maria Carolina Boverio Galzerani³⁵, com o desafio de propor a saída da sala de aula para o cemitério a estudantes com o perfil do

³⁴ CERTEAU, 1998, p. 295.

³⁵ GALZERANI, Maria Carolina Boverio. Ensino de História, educação dos sentidos, produção de saberes educacionais: em foco um projeto de educação patrimonial. **Anais** do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, Julho, 2011. p. 13.

jovem do século XXI, com a proposição que formá-lo numa percepção voltada à valorização do passado, da história e da memória. Lidamos, portanto, com um perfil de jovem arraigado numa mentalidade presentista, que se desfaz do passado, que tende à rejeição do que é considerado velho, associando-o ao que deve ser descartado. Da mesma forma se remete ao lixo, aos doentes, aos velhos, aos moribundos, e, por consequência, à morte – elementos estes que, para a sociedade ocidental e capitalista, por sua inércia na vida produtiva, devem ser descartados, eliminados ou esquecidos.

Pensando a discussão sobre as “fronteiras simbólicas e liminaridades do espaço urbano”, Antônio Arantes afirma que:

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas, que separam, aproximam, nivelam hierarquizam, ou em uma palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas múltiplas relações. Por esse processo ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas.³⁶

O cemitério constitui um desses “não-lugares”, termo utilizado por Arantes para definir as fronteiras urbanas de convívio social que, pelas definições coletivas de uma sociedade ocidental, deve ser evitado, descartado e esquecido, pois faz parte da concretização de uma não conservação da vida, do limite definitivo ao “algo que se tinha para fazer”.

[...] a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de contexto espaço-temporais flexíveis, mas efêmeros e híbridos do que os territórios sociais identitários.³⁷

Dessa forma, constitui-se num desafio propor o cemitério considerado um “não-lugar”, para um lugar de vivências, experiências e sociabilidades. Além disso, transformar esse “não-lugar” em lugar de ensino, pesquisa e aprendizagem, constituiu-se em um dos objetivos da proposta deste trabalho com jovens estudantes do século XXI.

Para Antônio Arantes, em *A Guerra dos Lugares*, nas práticas cotidianas as pessoas constroem limites e fronteiras, que são constantemente construídos e

³⁶ ARANTES, 1994, p. 191.

³⁷ Ibidem, loc. cit.

reconstruídos pelos habitantes do lugar. Nesse contexto espacial de lugares e fronteiras entrecruzados formam-se as sociabilidades.

Pensando nesses limites enunciados é que, ao proporcionar a experiência da saída da sala de aula para conhecer e refletir sobre a história local e regional, a partir da territorialidade do cemitério ou o “espaço dos mortos”, buscamos a (re)construção de limites e fronteiras simbólicas constituídos por diferentes sujeitos sociais. Neste caso, a atividade de campo abre diferentes possibilidades de reflexão acerca desse território em estudo, definindo-o como espaço de sociabilidade e de ensino-aprendizagem para além da sala de aula.

O caminhar tem uma tripla função enunciativa: é um processo de apropriação do sistema topográfico por parte do pedestre [...] é uma atuação espacial do lugar [...]; e implica relações entre posições diferenciadas [...] O deslocamento excita a imaginação. Indaga, perscruta, libera lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. Leva ao encontro de referências pessoais e dos lugares de memória social. Um marco remete a outro logo em seguida, a cidade onde se viveu por longo tempo. O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar.³⁸

Assim, com esta proposta, defrontamo-nos com o desafio de que o cemitério passe, então, do não-lugar, que se evita, que se esquece, para o lugar de experiência e de investigação do passado, num processo de pesquisa, indagação e reconstrução de experiências do passado. Com essa prática educativa, promove-se o cemitério como espaço de sociabilidade dos vivos, redefinindo-se as fronteiras simbólicas do espaço urbano de Cuiabá; o cemitério percebido como lugar de memória e como possibilidade de promover, através desse espaço, além do ensino-aprendizagem da história local, a educação patrimonial.

³⁸ ARANTES, 1994, p. 198.

1.2 Pensando Educação Patrimonial para leitura do patrimônio cultural

O objetivo deste trabalho de pesquisa consiste, também, em pensar a Educação Patrimonial de uma geração que se pretende voltada ao passado para atuar no presente, garantindo que as próximas gerações tenham acesso aos bens culturais que traduzem a história de um lugar, constituindo, dessa forma, identidade cultural.

Analisando que, de uma forma geral, as gerações atuais pouco têm se preocupado ou interessado com questões e/ou coisas relacionadas ao passado, dado o seu caráter presentista, coloca-se aqui o desafio de como atrair jovens do século XXI para uma experiência de aprendizagem que se volta ao passado a partir de túmulos, e, através dessa vivência, promover a educação patrimonial. Com isso, jovens, com perfil característico do século XXI, seriam instigados a promover a valorização do passado, através do engajamento na luta pela preservação do patrimônio, que confere identidade e sentimento de pertencimento à sociedade em que estão inseridos.

Os velhos casarões que se observam resistentes à paisagem moderna, imposta pela lógica economicista de mercado que preconiza o lucro, teriam um novo olhar de uma geração de jovens sensibilizados para a conservação do patrimônio. Para que exista a educação patrimonial se precisa educar as sensibilidades dos jovens para o que representa o passado, engajando-os no processo de conservação desses elementos da paisagem, que resistem nos atuais espaços urbanos.

Nessa perspectiva, pode-se idealizar que a ação de demolição de um prédio antigo ou a sua destruição pela falta de manutenção deveria então ser algo que incomoda àqueles que possuem uma leitura diferenciada da paisagem urbana, a partir de atividades voltadas à experiência da educação patrimonial.

No Guia de Educação Patrimonial, define-se educação patrimonial do seguinte modo:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens,

e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.³⁹

A partir das palavras em destaque na citação anterior, entende-se a Educação Patrimonial como processo permanente e sistemático, ou seja, para a vivência de ações educativas no sentido de educar para o cuidado com o patrimônio. Assim, deve se pensar não em uma ação isolada, sem a devida relação com um propósito maior que conecta diferentes momentos. As ações educativas devem, para tanto, ser devidamente planejadas e orientadas com a necessária intencionalidade de um fazer pedagógico voltado à educação patrimonial.

Para que a ação educativa aconteça de forma permanente e efetiva, deve-se proporcionar a experiência e o contato direto com o patrimônio cultural, visando concretizar o processo de conhecimento do que se pretende seja preservado. Aliás, só conhecendo o bem cultural é que se pode sensibilizar no sentido de preservá-lo.

Na sequência, passa-se ao processo de apropriação, de sentir que, de alguma forma, determinado patrimônio tem relação com a sua cultura e a sua história, conferindo assim significado e sentido para aquele que o explora. E, só a partir da construção dessa identificação com o bem cultural é que se alcança a etapa da valorização do patrimônio, constituindo, assim, o processo de educação patrimonial.

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.⁴⁰

Desenvolver a habilidade da leitura do mundo que o cerca, num processo de alfabetização cultural, constitui um dos grandes desafios para professores da educação básica no nosso país, em relação aos estudantes e suas necessidades formativas. Para além de desenvolver a capacidade de ler e escrever, desperta-se no estudante a capacidade de interpretar o mundo que o rodeia, constituindo a possibilidade de compreender a

³⁹ HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4.

⁴⁰ *Ibidem*, loc. cit.

sociedade em que se está inserido e, como consequência, passando a nele intervir de forma a valorizar a cultura e a querer preservar o patrimônio de uma determinada cultura.

Para compreender a vida no passado e se conectar melhor cultural e historicamente com o mundo que o cerca, a metodologia da Educação Patrimonial reforça a importância do trabalho com o objeto real, para além de apenas apresentar ilustrações, o que não mobiliza as sensibilidades humanas. O objeto real constitui fonte de informação indispensável para a compreensão do passado nas suas relações sociais e do contexto histórico em que determinado bem cultural foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o elaborou, construiu ou o criou.

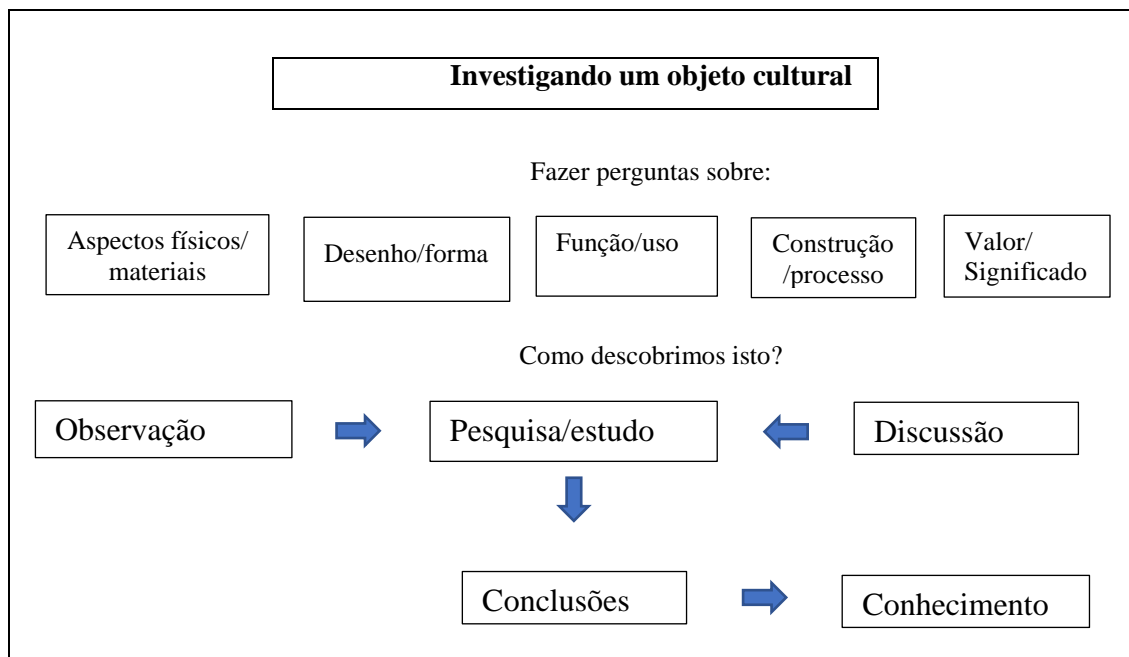
Descobrir esta rede de significados, relações, processos de criação, fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, que dão sentido às evidências culturais e nos informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização é a tarefa específica da Educação Patrimonial. Neste processo de descobrimento da realidade cultural de um determinado tempo e espaço social é possível se aplicar uma metodologia apropriada que facilite a percepção e a compreensão dos fatos e fenômenos culturais.⁴¹

Analisar um objeto, por mais simples que possa parecer, leva necessariamente à percepção de um complexo sistema de relações e conexões. Desenvolver a capacidade de interpretação dos objetos e fenômenos culturais, elaborados em algum momento da história humana, amplia a capacidade de compreensão do mundo em que se está inserido. A forma, o conteúdo e o que se expressa com a elaboração e/ou criação de um determinado bem cultural podem ser lidos e interpretados e, para isso, se torna fundamental exercitar as capacidades de observação e análise direta do objeto em estudo.

A metodologia da Educação Patrimonial define as etapas para análise de um objeto ou fenômeno cultural, por meio de uma série de perguntas e reflexões, conforme o quadro abaixo, reproduzido do *Guia Básico de Educação Patrimonial*⁴².

⁴¹ HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 7.

⁴² *Ibidem*, p. 8.

Quadro 1: Educação Patrimonial e metodologia de investigação de objeto cultural

Fonte: Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 8.

Seguir os passos da metodologia da Educação Patrimonial constitui o caminho para conduzir os estudantes à leitura do mundo real como sujeitos sociais participantes desta realidade sociocultural mais abrangente. Através desse processo de conhecimento crítico e da apropriação consciente do que se identifica como seu patrimônio, visto que representa a historicidade do seu lugar, o estudante estabelecerá as possíveis associações entre o seu patrimônio cultural e contexto histórico nacional e internacional, o que possibilita a ampliação da compreensão do seu universo cultural como um todo. Sobre isso, Ricardo Oriá afirma:

Conhecer, difundir e valorizar um bem cultural ajuda a entender quem somos, para onde vamos, o que fazemos e precisa ser preservado, uma vez que faz parte de um acervo cultural, referência para produzir nossa identidade histórico-cultural.⁴³

No processo de construção da identidade cultural, a preservação da memória constitui atividade fundamental para que a identidade e a cidadania sejam valorizadas, o

⁴³ ORIÁ, Ricardo. Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. p. 139.

que contribui para a percepção do que fica registrado por diferentes grupos culturais acerca dos diferentes elementos patrimoniais.

Assim, através da herança patrimonial deixada pelas gerações passadas, busca-se que os estudantes construam sua identidade cultural, o que é possível por meio de ações educativas que inserem novas interpretações sobre os bens culturais.

Além disso, vale acrescentar o que Maria de Lourdes Horta denomina síndrome da “agnosia social”:

[...] que se manifesta em grande escala em nossa sociedade. A incapacidade de reconhecer o “todo”, a “realidade”, os fatos e as pessoas/personas que nos rodeiam ou que interagem conosco, em especial na vida pública e política, por uma deficiência de mecanismos de conexão entre formas e sentidos, entre expressões e conteúdos, por uma ausência (por não desenvolvimento e estímulo) dos processos operatórios de interpretação, representação e reconhecimento das coisas e dos fatos (eventualmente das fábulas) do nosso cotidiano, que, na verdade, constituem os fundamentos do pensamento e da memória.⁴⁴

Em outras palavras, a dificuldade observada no desenvolvimento de habilidades de interpretação e reconhecimento da realidade que nos cerca constitui um desafio para o professor que utiliza a metodologia da Educação Patrimonial, pois a maior parte dos estudantes não está acostumado ou motivado a esse tipo de ação educativa.

Dada a importância da memória nesse processo de constituição da identidade cultural, para pensar a questão cultural, utilizar-se-á a metodologia da Educação Patrimonial que adentra, por sua vez, a História Regional e Local, enfatizando que é esse campo da História que se propõe como ideia mais imediata do passado, visto que se encontra ainda mais perto ou ainda mais palpável no cotidiano do estudante. É o que enfatiza Raphael Samuel:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele produzido no alto nível de conhecimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.⁴⁵

⁴⁴ HORTA, Maria de Lourdes P. Memória: a memória como funciona? Programa **Salto para o Futuro**, TV Escola, Série Memória, Patrimônio e Identidade, boletim 4, p. 12-21, abril 2005. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/memoria-patrimonio-e-identidade>>. Acesso em: 12 nov 2019.

⁴⁵ SAMUEL, 1990. p. 220.

Assim, na busca por compreender o passado a partir do que se vê e se observa no presente, temos na História Local a possibilidade de relacionar a memória social e coletiva, abordando o patrimônio cultural de uma determinada realidade social. Como consequência dessas relações, se constituem as articulações com o contexto histórico em nível nacional e/ou internacional. E, dessa forma, se pode ampliar as possibilidades de ensino de História, uma vez que, a história local é constituída devido a interligações com outros métodos, como por exemplo, a história oral e, por si só, não constrói a História. Como assinala Rapahel Samuel, “A História Local não se escreve por si mesma, mas como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida”⁴⁶.

Dessa forma, cabe aqui enfatizar, também, que:

Nos projetos pedagógicos isto deve ficar bem claro, pois uma história local, exclusivamente circunscrita a um espaço geográfico específico, fechada em sua abordagem, pode recair no já discutido localismo – que fragmenta a compreensão dos processos históricos mais amplos. O saber escolar, com base na história local, deve permitir ao estudante as conexões entre o local, regional, nacional e mundial através do tempo.⁴⁷

Assim, combinada à História Local, faz-se necessário inserir a temática do patrimônio cultural junto ao currículo da educação formal, temática por meio da qual são analisados objetos culturais próximos ao estudante, relacionados ao seu cotidiano, nos quais o mesmo pode intervir de forma mais direta, sendo cidadão ativo na sua própria história e contribuindo para transformar a realidade na sociedade em que se está inserido, dentro do que for necessário.

Da mesma forma, o percurso na direção de uma educação patrimonial passa pela combinação com a História Local, pois, é por meio da valorização e da promoção da cultura local e regional que, ao se trabalhar com os bens culturais tangíveis aos estudantes, possibilita-se a ampliação das noções de valorização, resgate e preservação dos patrimônios histórico/culturais de toda comunidade envolvida.

O que muitas vezes acontece em grande parte das escolas é que os saberes e experiências vividas pelos estudantes em seu cotidiano não são tão valorizados. E, com

⁴⁶ SAMUEL, 1990, p. 237-239.

⁴⁷ NASCIMENTO JUNIOR, Manoel C.; GUILLEN, Isabel C. M. História Local e o Ensino de História: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas. *Anais VIII Encontro Estadual de História, ANPUH-BA, Feira de Santana, 2016*. Disponível em: <http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/49/1477852456_ARQUIVO_Trabalhocompleto.pdf>. Acesso em: 15 mai 2020.

isso, os conteúdos ministrados em sala de aula acabam por ficar desarticulados e fragmentados, dificultando a compreensão da totalidade em que se insere o mundo. A Educação Patrimonial é uma possibilidade de mudar essa prática que se observa constante em muitas das nossas escolas, pois o estudante passa a se perceber como sujeito ativo, participante do processo de construção do conhecimento e da História, onde se faz sujeito com outros, nas experiências e vivências.

Considerando que a assimilação por meio do abstrato é considerada uma atividade bem mais complexa, o acesso a métodos e práticas concretas contribui, indubitavelmente, para promover uma relação significativa entre os conhecimentos abordados e a realidade, proporcionando uma aprendizagem significativa, que ultrapassa a ideia de apenas memorizar os conteúdos até a avaliação para, dessa forma, alcançar o resultado de aprovação.

Além disso, o contato com a realidade que o cerca, na busca de compreendê-la possibilita com que o estudante se entenda como parte do processo, como sujeito ativo para contribuir no processo de transformação dessa realidade.

Despertar a curiosidade dos educandos e fazer com que eles procurem novas informações é incentivar que formulem e identifiquem, em conjunto com os educadores, novos conhecimentos e também que tomem contato com os patrimônios de suas localidades, no intuito de fundamentar uma identidade cultural.⁴⁸

Observar um objeto concreto da cultura material possibilita ao estudante a busca de informações sobre como esse objeto foi produzido, por quem foi produzido e em que contexto histórico. Com isso, se estabelece uma rede de conexões que dotam o mesmo objeto de significação para esse estudante. A multiplicidade de aspectos e significados que se pode atribuir a uma paisagem, uma dança, um prédio ou um simples objeto do cotidiano, torna mais abrangente a possibilidade de que o estudante tenha uma concepção ampla do mundo.

Dessa forma, podemos utilizar esses objetos como elementos essenciais no desenvolvimento dos currículos para o ensino de História. Assim, a sala de aula pode se tornar um ambiente propício ao debate, a novas descobertas e a troca de experiências,

⁴⁸ MACHADO, Alexander da Silva; HAIGERT, Cynthia Gindri; POSSEL, Vanessa Rodrigues. Cultura material, Educação Patrimonial e ensino de História: uma parceria possível. In: SOARES, André Luís Ramos (Org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 89.

constituindo-se aprendizagem significativa, e, pode-se dizer também, mais atrativa, tanto para os estudantes quanto para os professores.

Ao estudar a realidade do seu entorno o estudante se apropria de novas possibilidades pedagógicas de construção de conhecimentos e de transformação das relações que se estabelecem, na maioria das vezes, entre os jovens e o patrimônio histórico, ressignificando essas relações a partir de múltiplas interpretações. Afinal, o sentido de aprender história deve contemplar a intervenção do estudante na realidade que o cerca, seja direta ou indiretamente.

Entender o passado e sua importância para melhor compreensão do presente é possível através da educação patrimonial, que permite o andar, o olhar, o analisar e o pesquisar uma realidade que é própria do estudante. É partindo dessa realidade que o professor poderá favorecer a construção do conhecimento histórico, ressignificando a concepção da disciplina de história e do estudo do passado, desse modo, projetando respostas aos desafios vivenciados pela disciplina frente às necessidades formativas dos jovens do século XXI. Do contrário, apenas decorar o conteúdo para alcançar a aprovação ao final do ano letivo continuará sendo, de uma forma mais geral, o sentido de se estudar história.

1.3 Para leitura do patrimônio, aprofundando alguns conceitos e práticas

Para Almir Félix Batista de Oliveira, o patrimônio histórico é concebido como:

[...] uma produção cultural que encerra em si todas as características que favorecem, facilitam a relação ensino/aprendizagem por parte de quem o utiliza, por parte daqueles que o usam como fonte documental para obtenção de conhecimento a respeito de uma determinada época, de determinadas condições socioeconômicas de produção de determinado bem, das relações de poder que demonstram que tal imóvel, por pertencer a determinada parcela mais abastada da sociedade, então, foi construído com material de melhor qualidade, pode explicar continuidades e mudanças ocorridas em determinados locais, entre várias outras potencialidades que os documentos apresentam.⁴⁹

⁴⁹ OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Patrimônio, memória e ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. (Orgs.). **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDUFRRN, 2008. p. 98.

Assim, é evidente o quanto o estudo dos bens culturais através de uma atividade de educação patrimonial contribui para a construção do conhecimento histórico do estudante. Conferindo o sentido de ser, fazer e conviver num determinado contexto histórico, com época, local e sujeitos determinados, a Educação Patrimonial possibilita a formação intelectual do sujeito histórico, atribuindo sentido ao ensino de História para os estudantes.

Considerando a importância de analisar a fonte histórica, nesse processo de adotar a metodologia da Educação Patrimonial, Jaqueline Zarbato assinala:

A interpretação da fonte, bem como a fundamentação em torno das mudanças na cidade e da preservação do patrimônio cultural, permite a narrativa de diferentes olhares sobre as experiências de conhecer melhor a história da sua cidade, relatando as permanências e modificações no cenário urbano. Pode-se dizer que, a proposta permite que a constituição de uma memória histórica avivada nas pessoas, fazendo-as pesquisar, interpretar, narrar e orientar-se temporalmente.⁵⁰

A interpretação das fontes históricas, que traduzem no presente o passado, constitui chave importante para compreensão da sociedade em que se está inserido, seguindo um trajeto que perpassa o processo de apropriação, de valorização e de preservação dos patrimônios históricos, próprios da metodologia de educação patrimonial.

Considerando que o trabalho do historiador é a compreensão do homem ao longo do tempo, como afirma o historiador Marc Bloch, e que a educação patrimonial não significa uma “história fria das pedras, mármore e do cimento dos monumentos”, como analisa Jaqueline Zarbato, pensar o patrimônio histórico-cultural é pensar a ação humana através do tempo. Ou ainda, em outras palavras, para estabelecer a compreensão histórica, articular o monumento constitui ferramenta indispensável.

Ao analisar como monumentos bens como edifícios, praças, igrejas, castelos ou cemitérios, pode-se ler nos mesmos as relações sociais que ali se estabeleceram, as histórias de dominação e resistência, os encontros e desencontros que aconteceram naqueles lugares.

Para Maria de Lourdes Parreira Horta, um monumento é:

⁵⁰ ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Patrimônio, Cultura e processos educativos em História: percursos e reflexões**. Campo Grande: Life Editora, 2008. p. 75.

[...] uma edificação ou sítio histórico de caráter exemplar, por seu significado, por seu significado na trajetória de vida de uma sociedade/comunidade e por suas características peculiares de forma, estilo e função. Existem monumentos construídos especialmente para celebrar ou relembrar algum episódio, momento ou personagem de nossa história, criados por arquitetos, escultores ou artistas, como por exemplo, o Monumento às Bandeiras, em São Paulo, ou o Monumento aos Mortos na 2ª Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, ou o Memorial JK, em Brasília. Outros são remanescentes do passado, que sobreviveram ao tempo, e que são consagrados pela sociedade como símbolos coletivos, e como referências da memória de um povo.⁵¹

Os monumentos constituem, dessa forma, a história viva do passado que se encontra ainda no presente, e que precisam ser problematizados e ressignificados nos espaços de convivência dos estudantes, considerando a sociedade atual. Assim, construções humanas, de ordem material ou imaterial, concebidas como resultado das relações sociais e, portanto, como legado da memória coletiva, como propõe Jacques Le Goff, devem ser articuladas, através da Educação Patrimonial, como parte da realidade do estudante, e que, dessa forma, precisam ser lidas e interpretadas.

Assim, os monumentos podem sair da condição de algo que é distante e sem relação com o estudante, para a condição de algo que evoca a memória do passado e que constitui fonte de leitura das relações sociais que os elaboraram em determinado contexto histórico.

Para aprofundar a análise sobre a importância da Educação Patrimonial, torna-se primordial a manutenção das memórias dos lugares e dos grupos sociais, que passam a ser concebidas como espaços de aulas de história, numa metodologia de pesquisa que preconiza o processo de investigação do que ocorre nesses lugares, bem como das suas memórias.

Retomando o conceito adotado por Le Goff:

A História fermenta a partir do estudo dos “lugares” da memória coletiva. Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios

⁵¹ HORTA, Maria Aparecida Parreira. Fundamentos da Educação Patrimonial. **Ciências & Letras: Revista da Faculdade de Educação Porto-Alegrense**, Porto Alegre, n. 27, p. 25-35, jan./jun., 2000. p. 20-21.

sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória.⁵²

Nesse sentido, para além de determinar que esses lugares de memória sejam espaços de conhecimento, de ensino e aprendizagem da história, a preocupação com a manutenção desses lugares deve ou deveria constituir uma das prioridades daqueles que são representantes do povo. É o que se tem observado nos últimos anos, nos quais algumas legislações amparam a conservação e manutenção do patrimônio, preconizando, nesse processo, a educação patrimonial.

No Brasil, no final das décadas de 1980 e 1990, o conceito de patrimônio passou a ser amplamente divulgado. Alguns autores se referem ao contexto histórico desse final do século XX como o de um regime presentista marcado pela falta de crédito no futuro e de um conseqüente surto de memória, de querer se guardar e preservar aquilo que remetia ao passado, tanto por parte de instituições públicas, quanto de instituições privadas.

A Constituição Federal de 1988, promulgada nesse contexto, instituiu aos órgãos públicos e a sociedade o dever de preservar o patrimônio cultural e determinou o conceito de patrimônio, adotando frente legal à valorização do patrimônio no nosso país. No seu Artigo 216, inscreve-se:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. § 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.⁵³

⁵² LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p. 473.

⁵³ BRASIL. Senado Federal. **Constituição**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 08 jun 2019.

Assim, a Educação Patrimonial no Brasil se dá a partir dessa ampliação de conceito e desse contexto histórico, sendo, portanto, um tema ainda incipiente na sociedade e nas escolas, e pouco trabalhado ou mesmo conhecido no contexto social atual.

No contexto histórico anterior ao final do século XX, no que diz respeito ao patrimônio, as ações de natureza educativa estavam mais voltadas para o aspecto físico da preservação, mas não observadas no espaço educacional. Essa prática mais preservacionista do que educativa foi superada e, mais recentemente, os órgãos governamentais financiam vários trabalhos e projetos educacionais que privilegiam o patrimônio, revelando uma configuração: o patrimônio reconhecido como um dos pilares da construção de identidade e sua importância enquanto espaço de construção e ressignificação de saberes. Nesse sentido é que, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais definiram entre seus objetivos que estudantes do ensino fundamental conhecessem e valorizassem a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, reconhecendo a diversidade da cultura brasileira.

Dessa maneira, a educação patrimonial foi ganhando espaço no Brasil, com trabalhos realizados em museus como o Imperial, no Rio de Janeiro, sob organização da museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta, já referenciada anteriormente, que tiveram resultados diversos, a exemplo da publicação do *Guia Básico de Educação Patrimonial*, em 2006⁵⁴. Com a intenção de despertar o senso crítico e a tomada de consciência para a importância da valorização do patrimônio cultural pelas comunidades, a educação patrimonial promove a construção da identidade e, também, da cidadania, por meio de um trabalho educativo coletivo.

Nesse sentido, combinar o ensino de história com a História Local e a Educação Patrimonial leva ao envolvimento dos estudantes com os bens culturais e, conseqüentemente, à necessidade de ampliar o conhecimento de diferentes patrimônios culturais, sejam materiais e/ou imateriais. Dessa forma, abre também possibilidades de conhecer e identificar, reconhecer e valorizar o patrimônio cultural dos diferentes grupos sociais do lugar em que os estudantes estão inseridos.

Foi com esse propósito que desenvolvemos a proposta de transpor o ensino de História, e mais especificamente da História Local, da sala de aula tradicional para o espaço do cemitério. Combinamos o conhecimento da história local, através da metodologia da Educação Patrimonial, com a finalidade de proporcionar aos jovens

⁵⁴ HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999.

estudantes o contato direto com bens culturais presentes no espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Sendo tais bens culturais elaborados em diferentes momentos da História da cidade de Cuiabá-MT, representando simbologias, singularidades e aspectos das sociedades humanas, presentes nos túmulos, nos seus elementos decorativos, na arquitetura do portão frontal do cemitério e na capela de Nossa Senhora da Piedade.

CAPÍTULO II – O CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CUIABÁ E SUA ESTRUTURA ESPACIAL

2.1 Conhecendo o não-lugar: lugar de memória, história, ensino e aprendizagem

Andando pelas passagens estreitas do Cemitério de Nossa Senhora da Piedade, a começar pela alameda principal, passando pelo cruzeiro central, chega-se à capela. Olhando para esquerda e para a direita, visualiza-se outras duas alamedas secundárias que acompanham os túmulos até a altura de um muro que vai até certo ponto somente. Essas duas alamedas parecem compor com a alameda principal a forma de uma cruz, encimada pela capela Nossa Senhora da Piedade que, embora não retrate nenhum estilo, é original.

Figura 4: Foto da alameda central do Cemitério de Nossa Senhora da Piedade



Vista a partir dos fundos do cemitério para o portão de entrada, com destaque para o cruzeiro, local onde são acesas velas para as almas de uma forma geral.

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Continuar o passeio no cemitério requer cuidado da nossa parte para se deslocar entre os túmulos, pois grande parte deles são localizados muito próximos uns

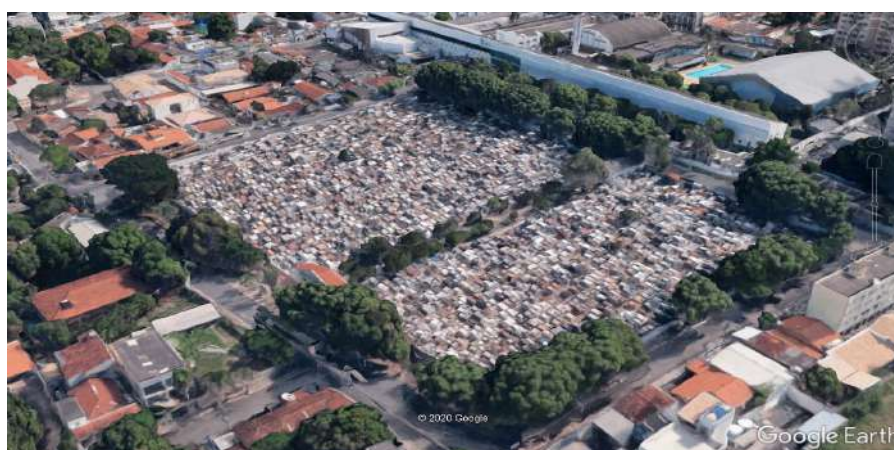
dos outros. Há relatos de que, nos dias de hoje, é necessário um certo malabarismo com os caixões, quando ocorre algum sepultamento, devido o reduzido espaço entre os túmulos, em alguns deles não há possibilidade de passagem entre os mesmos. Tal aspecto pode ser observado nas fotos a seguir, que evidenciam a proximidade de túmulos e jazigos no espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Cuiabá-MT.

Figura 5: Foto de parte dos túmulos do Cemitério Nossa Senhora da Piedade que mostra o reduzido espaço entre os túmulos



Fonte: <<https://www.reportermt.com.br/geral/cemiterios-de-cuiaba-terao-estrutura-para-receber-100-mil-pessoas/73936>>. Acesso em: 12 jun 2019.

Figura 6: Foto aérea do Cemitério Nossa Senhora da Piedade

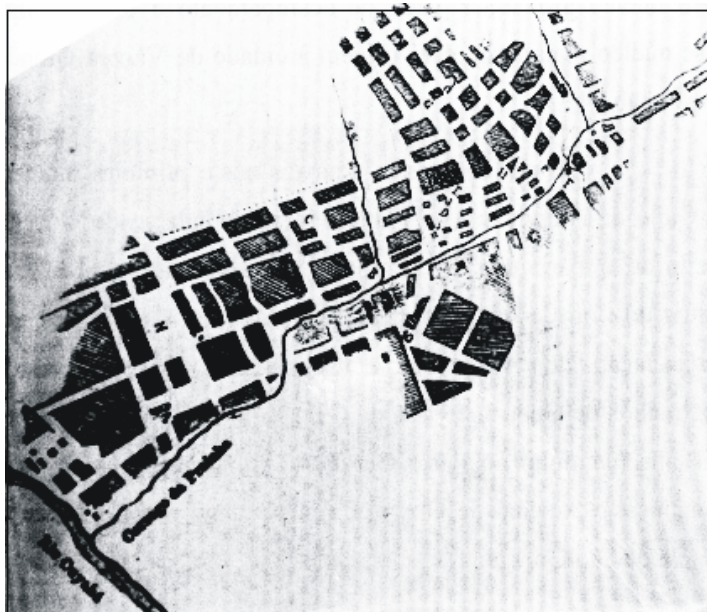


Pode-se observar a quantidade de túmulos e jazigos e ter uma ideia da organização dos mesmos dentro do espaço cimiterial, bem próximos uns dos outros, com destaque para a alameda central.

Fonte. Google Earth, 2020.

Para Freire, Cuiabá é uma cidade do século XVIII com desenho barroco de ruas tortuosas e estreitas, topografia movimentada, becos, largos e praças. O espaço produzido reflete nas curvas e meandros da malha urbana, a ondulação do relevo, a sinuosidade dos rios Coxipó e Cuiabá, e, também do córrego da Prainha. Como se pode observar na planta da cidade com destaque para a sinuosidade do referido córrego.

Figura 7: Planta da cidade de Cuiabá do ano de 1863



Fonte: Freire apud Gomes, 2005, p. 54.

Começar esse capítulo com a descrição da experiência de andar no cemitério, constitui-se numa estratégia para ambientação e para provocar o leitor, em especial, àquele que ainda não foi no Cemitério Nossa Senhora da Piedade ou mesmo que ainda não fez o trajeto a pé pelo Centro Histórico da cidade de Cuiabá.

Como pesquisadora no espaço do cemitério, deparei-me com dificuldades de descrever o Cemitério Nossa Senhora da Piedade pela forma como se encontra organizado. Comparando-o com cemitérios de outras cidades, como o Cemitério do Bonfim da planejada Belo Horizonte, que tem suas alamedas, quadras e distribuição de túmulos também de forma planejada, tal qual a cidade, pude entender que assim como o Cemitério do Bonfim segue a organização da cidade de Belo Horizonte, acontece o mesmo com o Cemitério Nossa Senhora da Piedade que segue a estrutura da cidade de Cuiabá.

A cidade de Cuiabá segue uma organização urbana a partir da atividade extrativa de mineração do século XVIII, ditada pela necessidade de apropriação dos espaços para favorecer a exploração do ouro.

A imagem, a seguir, retrata uma das regiões da cidade indicada como localização da mina de ouro pelos índios que acompanhavam o sorocabano Miguel Sutil, em 1722. Trata-se da atual Avenida Tenente Coronel Duarte, conhecida popularmente como Prainha, na parte que fica logo abaixo da Igreja do Rosário, representada na foto. Nela podemos observar a organização do povoado em torno do córrego da Prainha, identificando a ocupação desses espaços em função da atividade extrativa do ouro. Estas minas localizadas na região do córrego da Prainha que passaram a ser conhecidas como “Lavras do Sutil” teria mobilizado milhares de pessoas, pois se tratava de um veio aurífero considerado de maior potência⁵⁵.

Figura 8: Foto antiga da região da Igreja do Rosário em Cuiabá



A imagem mostra uma das regiões da cidade onde foi encontrado ouro, com destaque para a ponte sobre o córrego da Prainha.

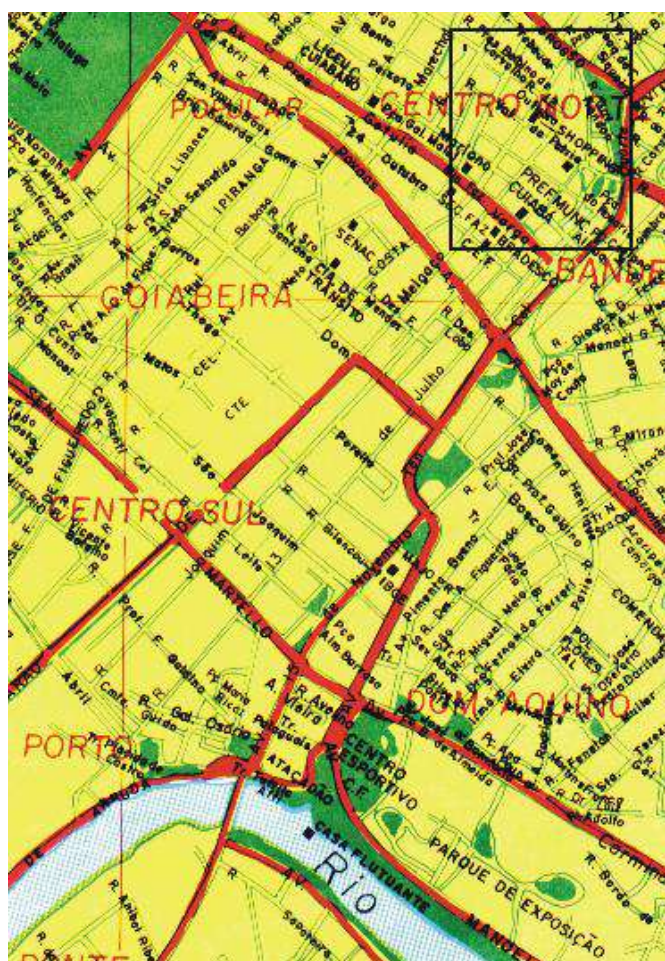
Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_do_Rosario_\(Cuiaba\)_-_AGMT.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_do_Rosario_(Cuiaba)_-_AGMT.jpg)>. Acesso em: 16 jun 2020.

Assim, a cidade, como também o cemitério, refletem essa característica de incorporação e apropriação de novos espaços sem atentar para traçados retilíneos ou geométricos. Abaixo, podemos observar foto da planta atual da cidade de Cuiabá-MT, na

⁵⁵ SIQUEIRA, Elizabeth M., DA COSTA, Lourença Alves; CARVALHO, Cáthia Maria C. **O Processo Histórico de Mato Grosso**. 2 ed. rev. Cuiabá: UFMT/SEDUC, s.d.

qual se pode observar o traçado das ruas e também o bairro Centro-Norte, na margem esquerda superior da planta, onde fica localizado o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, próximo às ruas Presidente Balduino de Carvalho e Voluntários da Pátria, como referenciamos anteriormente.

Figura 9: Planta atual da cidade de Cuiabá destacando a região Centro-Norte da capital mato-grossense, na qual está localizado o Cemitério Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Gomes, 2005, p. 63.

Nascida de uma área de mineração e sem arruamento, a organização da cidade só respeitava a topografia local. Assim, também o cemitério está organizado com sua estrutura ditada pela necessidade de que o maior número de túmulos pudesse estar naquele espaço reservado para os mortos, abrigando atualmente, cerca de 4000 túmulos no seu espaço.

Entende-se, aqui, o espaço da cidade como espaço de relações entre homens e grupos sociais que nele vivem, configurando-se em espaço vivido e territorializado,

conforme conceito de território ou territorialidade discutido por Rolnik. Assim, para além de ser apenas um espaço definido no mapa, o território traz em si a marca de ser um espaço real vivido, o que o condiciona como território. Nele, os sujeitos se relacionam entre si, construindo significados e percebendo essa territorialidade, no qual deixam suas marcas ora individualmente, ora coletivamente. Conforme Rolnik, “[...] uma rua, para além de ser um lugar onde se passa ou deixa de passar, está carregada de histórias, memórias, experiências que o sujeito teve, que seu grupo teve e que a história do seu grupo naquele espaço teve”⁵⁶.

Para o estudo dos espaços constituídos, ou seja, a leitura de um espaço da cidade, seja ele qual for, se requer a leitura das entrelinhas, a percepção dos significados dados pelos sujeitos que construíam ali sua história, sua memória e suas experiências. Aqui, temos o que seria a noção de territorialidade, que justifica com que consideremos o espaço do cemitério como território urbano e que permite, portanto, essa leitura da cidade.

Andando pela cidade de Cuiabá, na sua parte mais antiga, observa-se a arquitetura e estilos diferenciados, que expressam um passado cuiabano, marcado por vivências e experiências de diferentes grupos sociais⁵⁷. Ao andar pelo cemitério, observa-se a existência de túmulos e jazigos antigos que refletem essas características da Cuiabá histórica.

A ação de observar os túmulos enquanto se anda pelo cemitério, traz pra nós, enquanto pesquisadores, a noção de que esse espaço urbano se trata de um território. Nos túmulos, dispostos um ao lado do outro, observa-se a constituição de diferentes edificações, com diferentes estilos arquitetônicos e diferentes temporalidades, expressando particularidades e, por isso, carregados de subjetividades. Resta dizer que cada túmulo possui um corpo com uma identificação pessoal: nome, foto, data de nascimento e de morte, etc. Cada jazigo está num espaço particular, adquirido dentro desse espaço, por uma família ou pelo próprio sujeito social que se encontra ali sepultado.

Quando restritos aos espaços das igrejas, como aconteciam antes dos cemitérios, os túmulos eram coletivos. Assim, preocupava-se que o morto tivesse sua proteção garantida, pois estava em “território santo” e isso era o que importava, senão dentro das igrejas pelo menos no entorno. Com a mudança das práticas de enterramentos

⁵⁶ ROLNIK, 1992, p. 28.

⁵⁷ FREIRE apud GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzozimo. **Viveres, fazeres e experiências dos italianos na cidade de Cuiabá (1890-1930)**. Cuiabá: UFMT/Entrelinhas, 2005. p. 17-18.

para os cemitérios, em função das práticas higienistas e modernizadoras, busca-se legar ao túmulo ou ao jazigo aspectos da individualidade do falecido ou da família. É daí que muitos túmulos se destacam no cemitério pela suntuosidade, pela decoração ou por trazer elementos que remetem a arquitetura da casa do defunto, ou algo relacionado às suas experiências em vida.

Nos cemitérios, distantes de suas casas e igrejas, de suas paróquias, a céu aberto, os mortos encontrariam abrigos nos túmulos. Por isso, muitos deles reproduziram cenários de igrejas e de capelas, em escalas reduzidas, enquanto outros, com morfologias laicizadas, assemelhavam-se às residências de seus proprietários. Mas àquela altura não se tratava apenas de assegurar ao morto um lugar no céu, mas garantir também um lugar na terra, sob a proteção de uma coberta, aos cuidados da família, para lhe proteger das intempéries, e também resguardar a imagem de conservação do corpo. Nos túmulos acumulavam-se cadáveres, cada um conservando parte de sua individualidade, invocando lembranças comuns, memórias genealógicas, pois os túmulos passaram a ser também habitações familiares.⁵⁸

Essas formas de reprodução dos aspectos físicos das residências nos abrigos cemiteriais podemos observar nas figuras a seguir, que retratam a residência da família Orlando localizada no Centro Histórico de Cuiabá e o jazigo dos mesmos, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Os irmãos Orlando migraram da região de Nápoles, na Itália, em fins do século XIX, construindo aqui família e importante atividade comercial na região central da cidade. A fachada frontal da Casa Comercial Orlando & Cia, assemelha-se, como observável, a fachada frontal do jazigo da família, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

⁵⁸ MOTTA, Antônio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 55-80, jan./jun. 2010.

Figura 10: Fachada lateral da Casa Orlando, localizada no Centro Histórico de Cuiabá



Fonte: g1.globo.com, 2019.

Figura 11: Jazigo da Família Orlando, que imigrou para Cuiabá no final do século XIX



Fonte: Olhar Direto, Cuiabá, 2019.

Ainda sobre a reprodução dos cenários das igrejas e capelas, temos as imagens abaixo, que retratam os jazigos da família Mariano e Família Ricci, garantindo a semelhança entre o jazigo e a construção das igrejas católicas.

Figura 12: Jazigo da Família Mariano Ramos, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 13: Jazigo da Família Ricci, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Acervo da autora, 2018.

É essa relação intrínseca com a subjetividade que é colocada em questão quando falamos de territorialidade. Conforme Rolnik, para além de se perceber o espaço

em seus aspectos funcionais, se deve vê-lo “como marca, como expressão, como assinatura como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais”⁵⁹.

Assim como os cemitérios, os territórios urbanos conservados de outras épocas podem ser encarados como rastros de uma sociedade, do seu passado, pois permitem perceber vivências e experiências de outras temporalidades. São esses rastros ou restos do passado que constituem objeto de pesquisa do historiador, como uma forma de garantir que o passado não seja de um todo descontinuado do presente.

Pierre Nora ressent-se da descontinuidade que vivemos hoje em relação ao passado pois, para ele, marcada por uma ideia de mudanças constantes, a sociedade é condenada ao esquecimento do passado que, de alguma forma, tem sido apagado ou destruído em função de uma dada concepção de modernidade. Concepção essa que coloca em oposição o novo ao velho, o moderno ao antigo, determinando que aquilo que é velho e antigo deve ser superado. É nessa tentativa de apagar as referências do passado que se entende porque a sociedade moderna rejeita o antigo, o velho, o passado. Rejeita o cemitério, o museu, o arquivo. E, subentende-se que a opção de cremar os mortos constitui uma forma de banir de vez os rituais. São essas práticas, na verdade, os “rituais” de uma sociedade cada vez mais desritualizada⁶⁰.

O fato de se destruir a memória dita tradicional – vivida, sentida, de forma espontânea, social e coletiva – deu lugar à vontade de produzir uma memória de registros, produzir arquivos, registrar o que foi, como se fosse uma forma de se redimir diante do apagamento da memória tradicional frente ao mundo dito moderno. Assim, Pierre Nora se refere a memória e história não como palavras sinônimas, mas que existem em oposição. Isso porque, segundo ele, existe a memória verdadeira, que seria a tradicional, e a memória transformada em história. A memória é a vida, e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento; a História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

Para facilitar a compreensão, Nora toma como exemplo os judeus como povo de memória que, enquanto praticantes de uma tradição, não se havia uma preocupação com a história, e que a necessidade de historiadores teria advindo da abertura desses povos para o mundo moderno. A percepção histórica, com a ajuda da mídia, dilatou-se

⁵⁹ ROLNIK, 1992, p. 28.

⁶⁰ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. (Tradução Yara Aun Houry) **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

substituindo a memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade.

Memória que nos pressiona e que já não é mais nossa, entre a dessacralização rápida e a sacralização provisoriamente reconduzida. Apego visceral que nos mantém devedores daquilo que nos engendrou, mas distanciamento histórico que nos obriga a considerar com um olhar frio a herança e a inventariá-la. Lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, semi-oficiais e institucionais, semi-afetivos e sentimentais; Lugares de unanimidade sem unanimismo que não exprimem mais nem convicção militante nem participação apaixonada, mas onde palpita algo de uma vida simbólica.⁶¹

Pierre Nora destaca ainda que a memória, depois da metamorfose em história, pode ser qualificada de “memória arquivo, memória-dever e memória-distância”. Assim estaria explicada a crescente necessidade que temos hoje de uma grande produção de arquivos, pois:

[...] na medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da História.⁶²

Dentro dessa linha que se constitui a ideia de lugares de memória, que seriam “antes de tudo restos”, os cemitérios, junto com os arquivos, museus e coleções, bem como as festas, aniversários tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são “os marcos testemunhas de outra era, das ilusões da eternidade”. Para Nora, os “[...] lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”⁶³.

Entendendo a função da História com objetivo de lutar contra o esquecimento, contra uma perspectiva moderna de que os “rastros devem ser apagados”, o grande desafio que se coloca para nós historiadores é o restabelecimento das tradições e das narrativas em nossas sociedades: num ato de “apanhar tudo o que é deixado de lado como

⁶¹ NORA, 1993, p. 13-14.

⁶² Ibidem, p. 19.

⁶³ Ibidem, p. 13.

algo desprovido de significado, algo que parece não ter importância e nem sentido, algo que a história oficial não sabe o que fazer”⁶⁴. Seria lembrar para educar no presente, evitando que os mesmos erros se repitam no futuro.

A sociedade dita moderna busca destruir objetos e signos do passado em lugares específicos e, entre estes, identificamos o território do cemitério secularizado. Isso ocorre quando se constroem, hoje, os crematórios ou se reduzem os túmulos a simples placas de mármore, onde estão inscritos somente o nome, data de nascimento e morte do indivíduo. Apagam-se os rastros. Assim, nos cemitérios modernos, não se pode observar as subjetividades na constituição da arquitetura dos túmulos, já que estão todos padronizados, seguindo o modelo de modernidade. Ao contrário desse formato moderno, o que pode ser observado em cemitérios como o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Cuiabá-MT, são as subjetividades que estão presentes nos túmulos, na santuária, no significado das flores, das coroas, entre outros objetos presentes nos túmulos, levados pelos entes queridos nas suas visitas à morada do falecido.

Para além das individualidades de cada túmulo, no cemitério secularizado, o território se constitui numa rede articulada de diferentes identidades, “uma organização inconsciente de memória coletiva”, como assinala Jacques Le Goff. E conclui que a preservação dessa memória é fundamental quando se fala em formação de identidade, seja ela coletiva ou individual. Para esse autor, a busca por uma memória que traz identidade constitui-se numa das atividades fundamentais da sociedade de hoje, e “a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, de memória coletiva nos povos e nações, pode determinar perturbações graves na identidade coletiva”⁶⁵.

A memória coletiva estaria condicionada à estruturação da memória individual, pois segundo Michael Pollak “mesmo no nível individual, o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”⁶⁶. A memória coletiva, para Pierre Nora, é o que fica do passado vivido dos grupos sociais ou o que os grupos fazem do passado. Assim, há uma relação entre o vivido e o aprendido, entre o vivido e o transmitido.

Ao se pensar na estruturação da memória coletiva, Michael Pollak enfatiza a importância das contribuições de Maurice Halbwachs, quando afirma que:

⁶⁴ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009. p. 53.

⁶⁵ LE GOFF, 1990, p. 389.

⁶⁶ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**; Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

[...] a força de diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a qual pertencemos. Entre eles incluem-se evidentemente, os monumentos, esses lugares de memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo.⁶⁷

Por isso, é fundamental considerar a importância dos monumentos, que aqui se traduzem nos túmulos, como bens culturais, para a estruturação da memória dos estudantes em relação ao passado, estabelecendo a compreensão da realidade em que se vive. É essa memória coletiva que reforça a adesão afetiva dos indivíduos, pois ao definir o que é comum, diferencia-o de outros grupos, fundamentando e reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais.

Considerando que memória e história praticamente estão confundidas, num processo em que a memória deixa de ser tradição vivenciada e passa a ser arquivo para lembrar, a História adotou um “modelo de rememoração, da anamnese e da memorização”. É assim, que em *História e Memória*, Jacques Le Goff se refere a existência dos lugares de memória coletiva, que ferramenta a história:

Lugares topográficos como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história.⁶⁸

Assim, num trabalho de cooperação, memória e história interagem para salvar o passado, para servir ao presente e ao futuro. São nos lugares de memória que se pode acessar os objetos da memória, as imagens, as formas, os traços característicos e os símbolos que permitem a recordação mnemônica.

Numa estratégia de perpetuação da memória, as instituições-memória – as bibliotecas, museus e arquivos – passaram a ser grandemente acessadas pelas sociedades, o que acontece desde o mundo antigo quando a multiplicação de monumentos como os obeliscos e as telas constituíram uma forma de que os reis imortalizassem seus feitos, o que faziam através de representações figuradas, acompanhadas de uma inscrição. Desse modo, também nas inscrições se tem a possibilidade de interpretar significados.

⁶⁷ POLLAK, 1989, p. 3.

⁶⁸ LE GOFF, 1990, p. 433.

Quando se pensa os túmulos como monumentos, fazemos analogia a esses monumentos como documentos, pois, arquivos de pedra, tijolos ou mármore de uma época passada. E, além disso, desenha-se a possibilidade de estabelecer a partir das suas inscrições, seu estilo e seus adereços, a relação com um grupo social que vivenciou uma determinada época, com uma determinada cultura, e ali, consciente ou não consciente, quis gravar uma lembrança, registrar uma memória.

Conforme Jacques Le Goff:

O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Quando Cícero fala dos monumenta huius ordinis [Philippicae, XIV, 41], designa os atos comemorativos, quer dizer, os decretos do senado. Mas desde a Antiguidade romana o monumentum tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte.⁶⁹

Nesse sentido, no processo de valorização da memória coletiva, os monumentos se configuram legitimadores da rememoração e valorização do passado. Desse modo, no presente trabalho, a leitura do cemitério, enquanto lugar de memória repleto de simbologia, pode ser interpretada para compreensão e estudo da História de um local, sua cultura e forma de organização social, política e econômica. É através da leitura desse território, enquanto patrimônio cultural, que se pretende desenvolver nos sujeitos o sentimento de pertença ou mesmo de estranhamento em relação a esse patrimônio.

Para Jaqueline Aparecida Martins Zarbato, pensar a questão cultural insere a necessidade de Educação Patrimonial, que “[...] promove um melhor aprendizado para a questão cultural, despertando o interesse em conhecer as identidades que constituíram as manifestações das histórias e as composições dos lugares de memória”⁷⁰. Para desenvolver a construção de identidade se tem o caminho da herança cultural, na qual o estudante pode se sentir de alguma forma relacionado ou representado. É nesse processo de conhecimento dos bens culturais que se localiza o despertar para preservação e manutenção dos patrimônios culturais, pois o espaço vivido passa a ganhar significação

⁶⁹ LE GOFF, 1990, p. 536.

⁷⁰ ZARBATO, 2008, p. 63.

histórica para os estudantes, o que significa a instrumentalização para que o mesmo conheça o universo que o cerca e possa intervir nessa realidade, atuando como sujeito histórico.

Segundo Maria Carolina B. Galzerani, o objetivo das práticas educacionais está relacionado ao fortalecimento da dimensão da cidadania dos sujeitos históricos. Para a autora, a cidadania é compreendida como “[...] dimensão ativa, como prática capaz de colocar em ação o enraizamento cultural, a afirmação da identidade singular e, ao mesmo tempo, plural, coletiva dos sujeitos envolvidos”⁷¹. Sendo assim, as práticas construídas entre professores e estudantes, relativas à experiência de se perceberem como moradores de uma dada cidade na sua contemporaneidade, podem favorecer que esses sujeitos históricos ultrapassem a “diluição da dimensão de tempo, de espaço, e o esfacelamento das relações sociais” que, como observado, está cada vez mais presente nas sociedades atuais.

Autores como Walter Benjamin, referenciado no texto *Modernidade, Experiência e Memória*, de autoria de Hebert S. Silva, mencionam as faces visíveis do tempo na modernidade, referindo-se à sensação de instabilidade, fluidez, volubilidade, um tempo que interfere na percepção que as pessoas têm da duração de seus ritmos: nele, as coisas são aprendidas e representadas como instáveis e o tempo longo quase não existe no campo das percepções.

A aceleração das mudanças culturais, os novos ritmos de vida estabelecidos nos centros urbanos, as demandas produtivas e as formas de sociabilidades da modernidade, acompanhados por novos padrões de vivência acabaram por tornar a trocas cada vez mais raras de experiências entre os sujeitos. As pessoas estariam assim, sendo privadas da “faculdade de intercambiar experiências”. As experiências passam, dessa forma, a se transformar em vivências.⁷²

A modernidade traria, dessa forma, “uma miséria das experiências vivenciadas”. Em outras palavras, com o avanço da modernidade, na relação íntima com o capitalismo, passou-se, segundo o autor, a vivenciar a crise, a pobreza das experiências. As experiências humanas estariam esfaceladas nas sociedades urbanas pós Revolução Industrial. Em detrimento das experiências coletivas, valorizaram-se as experiências individuais.

⁷¹ GALZERANI, 2011, p. 5.

⁷² BENJAMIN, Walter apud SILVA, Hebert S. Modernidade, Experiência e Memória. **Revista Simbiótica**, v. 3, n. 2, jul-dez, 2016. p. 90.

“Experiências” (*Erfahrung*, no original alemão) tornadas “vivências” (*Erlebnis*, no original alemão), as quais deixam de ser entendidas como construções coletivas, plenas de significados para todo o grupo e para cada um dos seus integrantes, em particular, e sempre abertas ao movimento de resignificação. Vivências que passam a ser automatizadas, partidas, individualizadas, destituídas de sentidos coletivos!⁷³

O desafio em proporcionar Educação Patrimonial como estratégia para o exercício da cidadania está posto no sentido de se estabelecer uma dimensão ativa do estudante, como ser historicamente datado, produtor de cultura, de visões de mundo e de sensibilidades, na relação com as experiências sociais vividas. Para se estabelecer algum vínculo entre os sujeitos históricos da dita modernidade e o Patrimônio Cultural, valorizando esse patrimônio, precisa-se de alguma forma estabelecer vínculo com os sujeitos históricos, aqui referenciados nos estudantes e professores.

Pensando a modernidade avançada como obstáculo para que as experiências sejam efetivadas, conclui-se que as possibilidades de memória estariam, dessa forma, anuladas, pois, para que haja memória, precisa-se da experiência. No mundo moderno, a memória imediata, amparada na contração do tempo e no sentido capitalista de domínio da racionalidade técnica, o desenvolvimento da imaginação e do recordar é impossibilitado. E sem as memórias não existem identidades.

A experiência vivida com a Educação Patrimonial pretende possibilitar aos estudantes a ruptura com a cultura dominante ditada pela sociedade moderna, cultura esta dita “fluída, instantânea e instável”, que leva à crise de identidades. É exatamente em função da necessidade de identidade, de se estabelecer relações entre os sujeitos, compartilhando e vivenciando experiências que a proposta de saída da sala de aula para o cemitério busca direcionar as sensibilidades dos estudantes para um novo olhar sobre o território do qual fazem parte.

Com a atividade de aula campo no cemitério pretende-se resignificar tal território enquanto lugar de memória, de ensino e aprendizagem de História, onde, focalizando diferentes patrimônios históricos se observam diferentes linguagens, espacialidades, visões de mundo e sensibilidades, relacionando o passado e o presente.

Maria Carolina Boverio Galzerani chama a atenção para o que denomina “efeitos fantasmagóricos” de grande parte dos monumentos históricos, bem como de práticas culturais modernas, que constituem efeitos destrutivos, no que se refere às dimensões de tempo, espaço e de relações sociais, o que vai ao encontro da proposta do estudioso Walter Benjamin quando

⁷³ GALZERANI, 2011, p. 9.

se refere aos vínculos que devem ser estabelecidos para que os sujeitos valorizem o Patrimônio Cultural, como já referenciado.

O que se objetiva com a inserção da metodologia patrimonial é enfrentar diferentemente a crise de identidades vivenciada pelos estudantes, apostando em uma “patrimonialização” de sua visão de história/rememoração, sensível à revitalização do sentimento de pertencimento coletivo. Para Galzerani, seria necessário, nesse processo educacional, a distinção de racionalidade: de uma instrumental voltada à técnica, ao cientificismo, característica da cultura moderna, para uma racionalidade formadora.

Concepção de racionalidade formadora e não de racionalidade instrumental, aquela que valoriza a convivência entre seres de carne e osso, no ato de produção dos saberes histórico-educacionais! Que produz pertencimento intelectual e afetivo, na “troca de olhares, brilhos, em busca de brechas em relação à brutalidade produzida pela modernidade.⁷⁴

Seria pensar a educação dos sentidos a estratégia utilizada através da Educação Patrimonial para constituir identidade e sentimento de pertença em relação a um determinado contexto, o que permite a vontade de conservar, enquanto afetividade e promoção de direito à memória das gerações futuras, possibilitando, assim, a construção de conhecimento histórico por parte desses sujeitos, que são jovens estudantes do século XXI.

2.2 A Cidade e o Cemitério: lugares de memória, Patrimônio Cultural

Pode-se entender as cidades como lugares que têm suas memórias, suas histórias e seus silêncios. Sendo assim, pensar os cemitérios como espaços presentes na cidade requer necessariamente atribuir o mesmo ao cemitério: um espaço que tem suas memórias, histórias e silêncios. Deve-se convir que os silêncios percebidos através de leitura minuciosa de um investigador, dos vestígios materiais existentes nesse rico espaço de cultura material, dizem muito sobre uma época em que não se viveu, mas que se tem a necessidade de conhecer ou pelo menos isso deve de alguma forma ser despertado.

Entender o espaço do cemitério como espaço aprazível para a sociedade atual é um convite não agradável a maioria, pois a ideia de morte, ao contrário do que

⁷⁴ GALZERANI, 2011, p. 13.

vivenciado em outros tempos, não é de um todo aceita pela maioria das pessoas do século XXI. Ao contrário disso, o que observamos é o culto a ideia de juventude eterna, de rejeição a ideia de que um dia se envelhecerá. Faz-se as festas de aniversário, mas na maioria das vezes sem denotar uma concepção de que a velhice está chegando.

Não é raro encontrar em conversas rotineiras, situações de pessoas que relutam em revelar a idade que possuem, pois não se sentem confortáveis com a verdade do tempo que passa, das coisas e pessoas que, seguindo o ciclo natural da vida, um dia virão a morrer. Aliás, falar sobre morte ou sugerir que um dia isso vai acontecer é interpretado por muitas pessoas como agouro ou como desejo de que isso aconteça com ela, gerando até mesmo constrangimentos. Trazer a proposta de exploração dos cemitérios como espaço de memória torna-se, dessa forma, desde o seu início, um desafio a ser superado no desenvolvimento desse trabalho.

Entretanto, para além da concepção da sociedade atual sobre a morte, a proposição de conhecer a história de uma cidade para, assim, desenvolver uma nova percepção do conhecimento histórico é condizente ao cemitério. Isso porque, das pequenas às grandes cidades, que um dia também foram pequenas, além da igreja, o cemitério é certamente o monumento que lá podemos encontrar.

Pensando na constituição de parte significativa das cidades brasileiras, muitas delas colonizadas a partir de uma cultura fortemente influenciada pela religião católica, nessas cidades é comum observar, entre os elementos da sua paisagem, uma praça, uma igreja e o cemitério da cidade. Portanto, pode-se concluir que, mesmo que não tenha museu numa determinada cidade, o cemitério é um lugar de memória que materializa os indícios do passado no presente e que possibilita realizar a leitura da história, da memória e da cultura das cidades em diferentes épocas. Dessa forma, observar esse espaço nas nossas cidades com esse olhar constitui uma das contribuições deste trabalho, no sentido de visibilizar esse espaço como de sociabilidade dos vivos para o ensino da história de um lugar.

Considerando que a cidade é resultado do trabalho de pessoas e, portanto, representa a criação de uma coletividade, podemos entendê-la como território, como afirma Raquel Rolnik quando trata da cidade como espaço vivido. É a conceituação de território nos espaços urbanos que constitui o espaço vivido. É onde se observa constante transformação e movimento, numa relação que está para além do funcional nesses espaços, entre grupos sociais.

A cidade, portanto, não é um espaço inerte ou apenas um cenário, como talvez se esteja condicionado a entender. Para além do que os olhos estão acomodados a observar: a cidade não pode ser entendida apenas como objeto e sim como sujeito. “É um espaço entendido na sua configuração física e materialidade é uma versão histórica e teórica”. Para Raquel Rolnik:

[...] o espaço pode ser uma fonte assim como um arquivo, um papel no arquivo ou um registro. Pois podemos ler na história da organização do espaço da cidade, as formas de organização do trabalho, as formas de relação social, entre outras leituras. A cidade, por excelência, produz e contém documentos, ordens, inventários. Isso caracteriza historicamente o seu processo de formação.⁷⁵

É através da materialidade do que permanece no seu espaço como indício do passado que a cidade registra a presença de pessoas que viveram em outras épocas. É o espaço, para além do físico ou da sua função, ser entendido como código. Assim, deve-se perceber o espaço “como marca, como expressão, como assinatura como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais”⁷⁶.

Herdada do passado, essa materialidade é entendida aqui como cultura material. Sendo assim, a cultura material transcende o tempo em que foi pensada e arquitetada, sofrendo ou não mudanças na estrutura física, e se transforma em patrimônio cultural legado às gerações futuras, tornando-se uma inscrição que permite o estudo das sociedades de tempos passados.

Richard Bucaille e Jean-Marie Pesez, ao analisarem a relação entre a cultura material e a histórica socioeconômica, fazem o seguinte comentário:

Para Braudel, a vida é sobretudo feita de objetos, de utensílios, dos gestos da maioria dos homens: só esta vida lhes diz respeito a existência quotidiana, só ela absorve os seus actos e os seus pensamentos. Por outro lado, ela estabelece as condições da vida econômica, o possível e o impossível, constituindo o terreno em que se move a economia, a matéria que ela trabalha, a sua base. A vida material é constituída pelos homens e pelas coisas, pelas coisas e pelos homens.⁷⁷

⁷⁵ ROLNIK, 1992, p. 28.

⁷⁶ Ibidem, loc. cit..

⁷⁷ BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura Material In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). **Enciclopédia Einaudi: Homo-Domesticção – Cultura Material**. Vol. 16. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989.

Considerando a materialidade dos objetos, dos utensílios, das coisas e suas relações com a vida humana é que um novo modo de pensar a História surge com a renovação historiográfica a partir do século XX. A historiografia positivista do fim do século XIX e início do século XX só admitia os documentos na versão escrita como fundamento do fato histórico. A História se estabelecia como disciplina num contexto em que se prezava pelos rigores dos métodos de pesquisa e análise que atribuía aos documentos escritos e oficiais a possibilidade de reconstituir o passado, desde que encadeados numa relação metódica de causa e consequência. A habilidade do historiador consistiria em tirar dos documentos tudo que eles continham, não acrescentando nada e mantendo-se o mais próximo possível dos textos⁷⁸.

Ainda na primeira metade do século XX, o que se mantinha era a concepção de documento como fundamental para a existência da história, pois “Não há notícia histórica sem documentos”, visto que, “se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se”⁷⁹.

Assim, embora a concepção de documento não fosse modificada, o seu conteúdo passou a ser enriquecido e ampliado. Jacques Le Goff cita o historiador Fustel de Coulanges, que declarara:

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história.⁸⁰

Os fundadores da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, de 1929, insistiram na necessidade de ampliação da noção de documento para que se pudesse fazer História:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos

⁷⁸ LE GOFF, 1990, p. 536.

⁷⁹ Discurso citado por Jacques Le Goff, registrado na obra *La naissance de l'historiographie moderne* de Lucien Febvre, co-fundador da Escola dos Annales ao lado do historiador Marc Bloch. (Cf. LE GOFF, 1990, p. 540)

⁸⁰ LE GOFF, 1990, p. 540.

cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.⁸¹

Dessa forma, também o conceito de fonte histórica se ampliou, pois, o documento escrito e oficial não atenderia, definitivamente, às pretensões de conhecimento e interpretação das formas de viver e de se organizar, política, econômica, social e culturalmente das sociedades passadas. Mais do que interpretar o documento, cabe ao historiador conhecer a origem do mesmo e sua relação com a sociedade que o produziu, sem se eximir da crítica documental⁸².

Para além de entendermos que o universo das fontes históricas se ampliou, devemos considerar que, enquanto novas possibilidades de fontes históricas, constituem materiais que foram apropriados pelos historiadores e que, portanto, requerem abordagens específicas, diferentes métodos e técnicas em função de se construir um discurso histórico. Isso exige dos historiadores o domínio de métodos de interpretação que permitam que tais fontes sejam devidamente criticadas e historicizadas.

Com a nova forma de se fazer história, estabeleceu-se novos métodos de escolha e uso de diversos tipos de fontes que não fossem exclusivamente os documentos escritos. Esses não foram excluídos enquanto fontes históricas, mas passaram a ser interpretados a partir de outras técnicas disciplinares. Passou-se a falar nos documentos figurados, nos produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, entre outros⁸³.

Assim, com a denominada Nova História, as leituras feitas acerca do passado humano passaram a considerar como fontes históricas vestígios e registros do passado ligados ao cotidiano, o que significou a abordagem de novos temas, como o imaginário, a alimentação, o vestuário, as tradições e a cultura, entre tantos outros. Os novos temas apontaram para novos objetos, entre eles os bens móveis e a cultura imaterial.

Segundo Marc Bloch, “tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica tudo o que toca pode informar sobre ele”⁸⁴. Portanto, cabe ao historiador na busca de compreender como se estabeleceram os homens do passado, descortinar os significados

⁸¹ LE GOFF, 1990, p. 541.

⁸² SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 162.

⁸³ LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 37.

⁸⁴ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. (Tradução André Telles) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 79.

que determinados objetos adquiriram para estas sociedades, para os grupos que o forjaram e no que tange sua relação com o presente.

Pensar no mundo em que vivem os humanos significa necessariamente pensar nos resultados de processos que se desenvolveram no passado. O que se tem ao abrir os olhos para todos os lados são marcas que existem em todo o território, como registro dos processos desenvolvidos, seja devido a ação natural ou humana. Objetos, prédios, paisagens, cultura, sons, imagens, estruturas, entre tantos outros elementos, permanecem do passado no presente, testemunhando algo que se deu no passado, hoje, marcado no presente. Segundo Ivo Matozzi:

[...] o território em que nos movemos é um mundo de marcas produzidas e deixadas pelos eventos naturais do planeta e pelas atividades de grupos humanos que o habitaram: marcas de metamorfoses geológicas e geográficas; marcas de habitações (sítios arqueológicos, centros urbanos, vilas); marcas arquitetônicas; marcas de estradas e organizações hidráulicas; marcas das atividades produtivas (arqueologia da paisagem, arqueologia industrial...); marcas de atividades administrativas (arquivos); marcas das atividades do poder ou dos poderes (arquivos, museus); marcas das atividades religiosas (locais de culto, necrópoles...); marcas das atividades lúdicas e festivas; marcas das catástrofes humanas (erupções vulcânicas, abandonos, terremotos, enchentes, bombardeamentos...).⁸⁵

Dessa forma, as marcas, na medida em que foram constituídas, assumem valores que as qualificam e as definem como bens culturais. Assim:

[...] assumem um valor cognitivo de instrumentos de informação ou, então, valor estético, afetivo ou mesmo simbólico, ou os quatro valores juntos: por isso, se tornam bens culturais, objeto de atenção, de estudos, cuidado, proteção, manutenção e de restaurações pelas instituições e administrações públicas ou privadas. Os bens culturais são portadores de um tríplice processo: aquele de produção e de uso na origem, o de descoberta e de uso de conhecimento e o de valorização social como bens culturais.⁸⁶

São essas marcas, na medida em que são investigadas e analisadas por historiadores, que se constituem em objeto do conhecimento histórico pois compõem parte do território construído e vivenciado pelos seres humanos no passado. Assim, é

⁸⁵ MATOZZI, Ivo. Currículo de História e educação para o patrimônio. **Revista Educação**, n. 47, p. 135-155. Belo Horizonte, Jun 2008. p. 136. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.46982008000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 jun 2019.

⁸⁶ Ibidem, p. 136.

proposta a inclusão no currículo de pesquisa histórica de uma didática que faça uso dos bens culturais como estratégia para que os estudantes possam compreender melhor a sociedade em que vivem hoje. Através da pesquisa didático-histórica, os sujeitos podem construir o conhecimento da história local, desenvolvendo assim sua formação cidadã na medida em que se instrumentaliza para intervir consciente e efetivamente na sociedade em que vive.

Entende-se aqui a História como construção de representações de aspectos, fatos e processos do passado por meio de operações cognitivas e práticas que se aplicam às marcas e às informações produzidas e que os estudantes dispõem de capacidade de realizar as operações cognitivas exigidas pelo viver cotidiano⁸⁷.

É nesse momento do processo de ensino e aprendizagem que entra a Educação Patrimonial para significar o estudo dos bens culturais. Uma vez que o estudante, formado e orientado à pesquisa-didática, construa conhecimento em relação a determinado bem cultural e, também, quanto ao conhecimento histórico como relação entre passado e presente como processo de transformação e estratégias de interpretação e de crítica do conhecimento, bem como de saber argumentar em relação a problemas históricos, poderá passar do uso dos bens à concepção de patrimônio, e de que esse patrimônio por deter valor cultural, deve ser preservado e respeitado.

Para Jaqueline Zarbato, a abordagem da Educação Patrimonial tem como finalidade provocar o envolvimento e conhecimento cultural, a fim de valorizar o patrimônio histórico e suas manifestações culturais.

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável dos bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.⁸⁸

Assim, busca-se desenvolver nos estudantes a construção de identidade a partir da herança cultural a qual o represente. Nesse processo incluem-se os “lugares de memória” e, conseqüentemente, se estuda a história local. Em outras palavras, pode se afirmar que através dessa memória que se constrói, coletivamente, é que se chega à história dos locais. Tal memória pode ser encontrada tanto nos relatos orais, quanto nos escritos, mas também nos lugares de memória.

⁸⁷ MATOZZI, 2008. p. 140.

⁸⁸ ZARBATO, 2008, p. 61.

Para Pierre Nora, a razão fundamental para a existência dos lugares de memória é bloquear o trabalho do esquecimento, pois nasceram da necessidade de se lembrar algo. Aos mesmos foram atribuídos três aspectos: o material, o funcional e o simbólico.

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição, visto que caracteriza por um acontecimento ou experiências vividas por um pequeno número uma maioria que deles não participou.⁸⁹

Assim, os lugares de memória registram os acontecimentos no tempo e no espaço se tornando, dessa forma, registros e/ou documentos da história. Para Pierre Nora, esses lugares de memória são, antes de tudo, restos. Portanto, como vestígios, restos e indícios do passado, tornam-se objetos de estudo.

Pensar o cemitério como objeto de estudo, dado que é lugar de memória, consiste em, para além da dimensão física, entendê-lo como espaço tecido pelas relações sociais das quais faz parte e, por isso, deve ser pensado em sua multiplicidade. Isso porque, como espaço construído, o cemitério deve ser concebido como resultado da ação de diferentes pessoas, em diferentes épocas, com diferentes culturas. Para pesquisar, ler e compreender esse lugar de memória, precisa-se certamente entender que se trata de examinar as marcas humanas e suas histórias, registradas na paisagem do mesmo.

⁸⁹ NORA, 1993, p. 22.

CAPÍTULO III – A CONSTRUÇÃO DO CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CUIABÁ: cultura, religiosidade e a saúde pública da capital mato-grossense

3.1 Cemitério e cidade: uma leitura possível

Vivemos no século XXI a inquietação e a correria para viver, trabalhar, sobreviver, sem se dar conta que o tempo passa rápido, e deixamos de mensurar a importância de uma diversidade de coisas que nos cercam, que nos envolvem e refletem nossas ações, nossa cultura, nossos saberes.

Ao andar pelas cidades, as pessoas tendem a ser tomadas por uma espécie de cegueira que Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano*, define como um fenômeno presente nos indivíduos que vivem numa cidade em constante movimento, em relação a percepção dos espaços que dele fazem uso e constituem parte. Torna-se necessário, nesse sentido, despertar o desejo de olhar a cidade e perceber os lugares de memória que nela existem. Deve-se considerar que, parecido com o que acontece às pessoas, há cidades que não aprenderam a envelhecer exibindo seus passados. A título de exemplo dessa estrutura de cidade, Certeau apresenta Nova Iorque, que “nunca soube a arte de envelhecer curtindo todos os passados”⁹⁰. O autor a compara com Roma que, no aspecto do envelhecer, mantém até hoje elementos da sua paisagem no passado.

Só até aqui pode se conduzir a inúmeras reflexões relacionadas à conservação de patrimônio, a percepção da falta de políticas públicas, onde não observamos em muitas cidades a importância dada ao patrimônio e que, ao invés de preservar espaços do passado, ao contrário acontece a sua destruição. O que se observa em muitas cidades é a demolição de prédios antigos, o descaso das autoridades competentes e da sociedade de uma forma geral, que adotam uma concepção de modernidade significando oposição ou eliminação do que diz respeito ao que é classificado como antigo.

O corre-corre das pessoas (e porque não dizer, também do tempo) em função de um sistema econômico que preza uma sociedade de consumo, cega as pessoas à

⁹⁰ CERTEAU, 1998, p. 169.

possibilidade de ler os espaços em que elas, como sujeitos, interagem, constroem ou se apropriam pela territorialização, dando continuidade aos seus significados, seja pela desterritorialização ou reterritorialização desses espaços, conforme Raquel Rolnik:

É, na verdade, uma tensão entre o movimento de singularização e de expressão territorial e um padrão de homogeneização ou o alisamento de território, de retirada desses elementos, desses códigos de significação, cheios de marca e de códigos específicos. Então, o que está em jogo são os movimentos de singularização e o desterritorialização.⁹¹

Pensando nessa perspectiva é que, na proposta de um caminhar pela cidade, com o objetivo de apreender os passados que ela conserva, percebe-se, na constituição das urbes brasileiras, três elementos quase sempre presentes na paisagem das cidades do interior ou nas grandes cidades: a igreja matriz, a praça e o cemitério. É nesse formato que se pode pensar as cidades, remetendo a esses elementos paisagísticos para se saber e conhecer a origem histórica de um determinado lugar ou de uma realidade sociocultural.

Observando as cidades brasileiras, no que diz respeito à arquitetura, a herança que possuímos do processo de ocupação territorial realizada pelos portugueses seguiu configurações e características específicas desse contexto de dominação política, econômica e social, em diversas regiões do Brasil. No decurso da dominação portuguesa, a evangelização se constituiu em importante estratégia para a conversão de novos cristãos ao catolicismo, única religião permitida desde a época da colonização até a segunda metade do século XIX, no Brasil Império.

Assim, na configuração das cidades coloniais brasileiras, em se tratando da arquitetura, aparece constante a construção da igreja matriz, o templo católico que serve de referência, monumento e fonte histórica para o conhecimento da história, da sociedade, da cultura e da política de um lugar. Era no espaço da matriz que as pessoas costumavam se reunir, não só com objetivos religiosos, mas, também, por questões de ordem política, social e econômica. Era no entorno das igrejas que a comunidade se congregava para tratar de questões espirituais e do cotidiano; era o espaço da sociabilidade.

Desse modo, para além dos festejos religiosos de semana santa, de procissões, batizados e casamentos, era na igreja que também se sepultava os mortos. A igreja católica era, portanto, bastante presente na vida familiar dos cristãos, constituindo o

⁹¹ ROLNIK, 1992, p. 29.

espaço de sociabilidade onde crenças, devoções e rituais eram celebrados pela coletividade que compunha a sociedade daquela época. A Igreja Católica, em seus mandamentos, garantia aos fiéis que as práticas religiosas exercidas em vida contribuiriam para uma “boa morte” das pessoas, que teriam no leito da Santa Igreja, quando possível, uma boa confissão e absolvição dos pecados, seguida do sacramento católico da unção dos enfermos ou extrema unção⁹². Tais práticas sociais e culturais eram ainda mais marcantes no cotidiano de cidades interioranas, e a cidade de Cuiabá não fugiu à regra. Nela:

[...] as grandes oportunidades de distração eram proporcionadas pelas festas religiosas, tanto por ocasião da Semana Santa, quanto do padroeiro das irmandades quando havia procissões, leilões de prendas e quitandas e bailes. A vida da comunidade caminhava seguindo o calendário litúrgico da Igreja católica, privilegiando suas celebrações e rituais. O ritmo do tempo era dado também pela natureza, que determinava o tempo de plantar e colher, característico das sociedades que não tinham suas relações sociais ditadas pelo modo de viver capitalista.⁹³

A preparação para uma boa morte envolvia desde a escolha do local da sepultura, a destinação dos bens, a vigília do defunto, à demonstração de luto, entre outros ritos. E era a Igreja Católica que encaminhava esses rituais. As práticas e representações católicas da morte e do morrer são uma constante nos testamentos dos setecentos e oitocentos. A primeira preocupação dos testamentos seria com a salvação da alma após a morte e a forma como eram elaborados seguia orientações pastorais da igreja para se alcançar a boa morte⁹⁴.

Os mortos eram enterrados dentro ou nas proximidades da Igreja, como forma de garantia desse controle sobre a vida dos vivos e dos mortos. Além disso, para os fiéis, estar perto do sagrado era uma estratégia de que a passagem para a outra vida fosse para salvação eterna ou pelo menos para o purgatório. É interessante observar essa ideia de se estar próximo à igreja mesmo quando se transferem os enterramentos para os cemitérios, pois, é característico que alguns túmulos sejam considerados de alguma forma

⁹² Sobre a prática cristã de recorrer aos sacramentos para a boa morte, ver: RODRIGUES, Cláudia. A cidade e a morte: a febre amarela e seu impacto sobre os costumes fúnebres no Rio de Janeiro (1849-50). **Revista História, Ciência e Saúde** – Manguinhos, v. 6, n. 1, Rio de Janeiro, Mar/jun., 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200003#im1>. Acesso em: 20 jun 2019.

⁹³ VOLPATO, 1993. p. 37-38.

⁹⁴ RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX)**, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

privilegiados por estarem localizados próximos à capela do cemitério, ou ainda que a sua construção contemple elementos que lembrem as igrejas, a exemplo dos jazigos-capelas, que possuem altares nos seus interiores, como podemos observar nas figuras que representam túmulos com essa simbologia religiosa, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

Figura 14: Túmulo com escultura de Maria, a mãe de Jesus, com jarros e flores, semelhante aos altares característicos da Igreja Católica



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 15: Estátua de anjo sobre o túmulo em postura de oração, também comum no ambiente das igrejas católicas.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 16: Túmulo com escultura no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade



Figura 17: Túmulo com escultura no Cemitério de Nossa Senhora da Piedade



Os túmulos apresentam esculturas representando diferentes imagens de Jesus, símbolo da fé católica. Na figura 16, podemos observar o formato da arquitetura comum a muitas igrejas católicas do século XIX, que foram reproduzidas em alguns túmulos do Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Em outras cidades do país, no período colonial, e em parte do período imperial, os enterramentos se fizeram dentro das igrejas e imediações. E isso não causava problemas à população, muito pelo contrário, como já observado. Para se ter uma ideia, nas igrejas os poucos bancos que haviam serviam à elite fiel, pois, diferente do que estamos acostumados hoje, o espaço das mesmas era voltado para os enterramentos. Assim, vez por outra as covas precisariam ser reabertas para o sepultamento de novos cadáveres. Os mortos continuavam de certa forma entre os vivos, sem que isso fosse encarado como prejuízo, pois até esse momento os rituais e costumes eram percebidos com uma concepção sacralizada, pautada em questões religiosas.

Claudia Rodrigues, em texto sobre a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, e o seu impacto sobre os costumes fúnebres, enfatiza essa familiaridade entre vivos e mortos:

As atitudes dos habitantes da Corte com relação à morte tinham como eixo básico, até meados dos Oitocentos, a familiaridade entre vivos e mortos, expressa nos sepultamentos no interior ou em torno das igrejas. Costume este, essencialmente cristão, que possibilitava a vizinhança cotidiana entre os fiéis e seus mortos; pois, ao freqüentarem as igrejas, pisavam, caminhavam, sentavam e oravam sobre as sepulturas.⁹⁵

Entretanto, no final do século XVIII, o discurso médico revelaria a laicização da sociedade, pois passou-se a preconizar a higienização e a necessidade de se precaver contra os perigos dos odores emanados pelos corpos em decomposição nos interiores das igrejas. A interpretação de que a causa das doenças seria por contágio ou infecção e não como castigo de Deus pelos pecados da humanidade, contribuiu para que, no sentido de preservar os habitantes das cidades das epidemias do século, as instituições consideradas perigosas ou infectas como os hospitais, matadouros, prisões e cemitérios fossem construídas nos arredores das cidades, distante dos espaços urbanos.

Era o que Michel Foucault denominou de medicina urbana, que teria nascido na França como uma das etapas da chamada medicina social no final do século XVIII. Devido ao aumento das revoltas urbanas entre a plebe, que se configuraria mais tarde no proletariado, a cidade passou a representar nesse contexto sinônimo de medo e angústia nas pessoas.

⁹⁵ RODRIGUES, 1999.

Nasce o que chamarei medo urbano, medo da cidade, angústia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das *caves* sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar.⁹⁶

Sobre o medo dos cemitérios e da contaminação que podiam causar, Foucault se refere ao episódio do Cemitério dos Inocentes em Paris, onde, devido ao amontoamento de cadáveres no muro do claustro, a pressão dos esqueletos causou o desmoronamento das casas que ficavam próximas:

[...] e os esqueletos se espalharam em suas *caves* provocando pânico e talvez mesmo doenças. Em “tôdo” caso, no espírito das pessoas da época, a infecção causada pelo cemitério era tão forte que, segundo elas, por causa da proximidade dos mortos, o leite talhava imediatamente, a água apodrecia, etc. Este pânico urbano é característico deste cuidado, desta inquietude político sanitária que se forma à medida em que se desenvolve o tecido urbano.⁹⁷

Dos três objetivos da medicina urbana, mencionados por Foucault, o primeiro deles consiste em “analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doença, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos. São essencialmente os cemitérios”⁹⁸. É dessa forma que, para se resolver a questão dos Cemitério dos Inocentes se procura um químico, Fourcroy, considerado um dos químicos mais notáveis em fins do século XVIII, na França, e ele recomenda a transferência do cemitério para os arredores da cidade.

Naquele contexto de final do século XVIII e início do século XIX, médicos e também engenheiros, fundamentados na teoria miasmática, passaram a intervir na organização dos espaços das cidades em função da higiene pública⁹⁹. Os miasmas

⁹⁶ FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: _____. **A microfísica do poder**. (Tradução: Roberto Machado) 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 87.

⁹⁷ Ibidem, p. 87.

⁹⁸ Ibidem, p. 89.

⁹⁹ A teoria miasmática foi desenvolvida pelos médicos, mediante a aglomeração de pessoas nas cidades, devido ao desenvolvimento da atividade industrial. No sentido de orientar os comportamentos coletivos, eram determinadas medidas de higiene com o objetivo de intervir na conduta da população. Assim, explicam-se que os códigos de postura, para além de medidas sanitárias e de higiene, controlavam a vida das pessoas, e a relação de biopoder, já referenciada nesse texto. (Sobre a relação entre a teoria miasmática

estavam diretamente relacionados à insalubridade e diziam respeito a algo desconhecido e até invisível que corrompia o ar e podia atacar o corpo humano. Assim, a sujeira encontrada nas cidades consideradas insalubres, bem como os gases formados pela putrefação de cadáveres, tanto de humanos, quanto de animais, deveria ser eliminada a todo custo e o espaço urbano deveria ser limpo. Os miasmas podiam estar presentes em tudo: excrementos humanos, pântanos, casas mal construídas, cadáveres humanos ou de animais, doentes, água suja, entre outros. Era o que Foucault referenciava como “medicina urbana”, pois tratava-se de evitar que epidemias tomassem conta das cidades.

Ainda sobre a forma como foram se estruturando os cemitérios e os túmulos, no contexto do final do século XVIII, na França, Foucault se refere à individualização do cadáver, do caixão e do túmulo, apontando razões que não aquelas ligadas à religião cristã, para explicar esse processo. Segundo ele:

[...] a individualização do cadáver, do caixão e do túmulo aparece no final do século XVIII por razões não teológico-religiosas de respeito ao cadáver, mas político-sanitárias de respeito aos vivos. Para que os vivos estejam ao abrigo da influência nefasta dos mortos, é preciso que os mortos sejam tão bem classificados quanto os vivos ou melhor, se possível. E assim que aparece na periferia das cidades, no final do século XVIII, um verdadeiro exército de mortos tão bem enfileirados quanto uma tropa que se passa em revista. Pois é preciso esquadrihar, analisar e reduzir esse perigo perpétuo que os mortos constituem. Eles vão, portanto, ser colocados no campo e em regimento, uns ao lado dos outros, nas grandes planícies que circundam as cidades.¹⁰⁰

Assim, para o controle dos miasmas e das emanações pútridas, as autoridades competentes preocuparam-se em escolher de forma conveniente a localização do cemitério da cidade de Cuiabá, determinando-se que esses enterramentos não poderiam mais acontecer no interior das igrejas¹⁰¹.

e a intervenção no comportamento dos habitantes, ver: MASTROMAURO, Giovana C. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011.)

¹⁰⁰ FOUCAULT, 1984, p. 89-90.

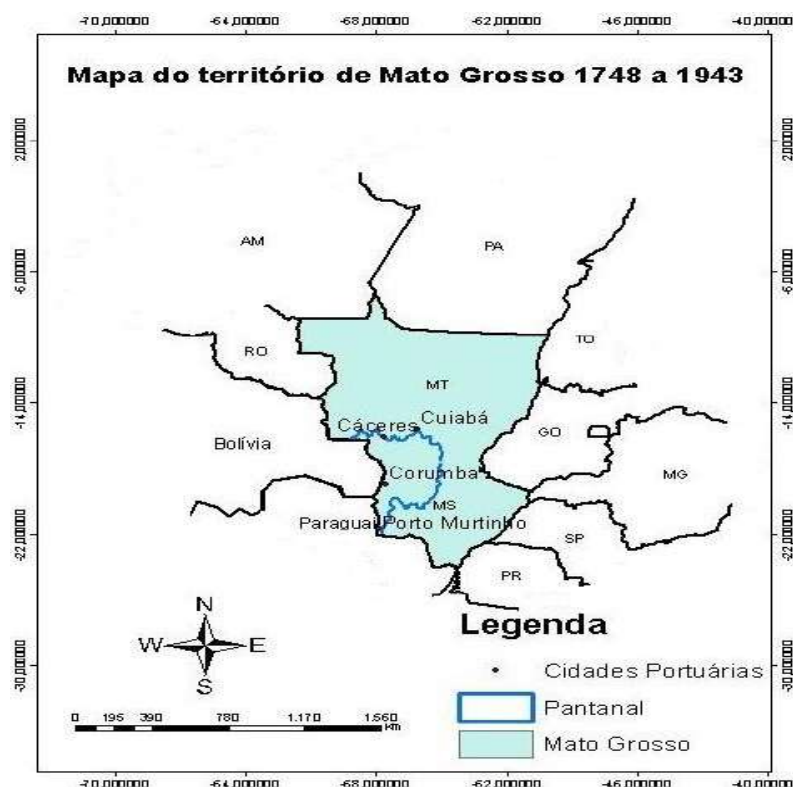
¹⁰¹ Miasmas ou emanações pútridas diz respeito ao vapor que exala de matéria orgânica em decomposição. No século XIX, as descobertas científicas associaram os cemitérios, os miasmas e emanações pútridas que exalavam dos mortos ao aparecimento de doenças e epidemias, o que fez aumentar a preocupação com os sepultamentos quando as epidemias tornavam as mortes mais frequentes. No Brasil, a discussão referente aos miasmas circulava não somente entre o corpo médico, as informações sobre seus efeitos maléficos e as maneiras de eliminá-los chegavam também à população. A entrada “Miasmas” consta no *Dicionário de Medicina Popular* dirigido à população e escrito em fins do século XIX por Napoleão Chernoviz (médico polonês radicado no Brasil). (Cf. MASTROMAURO, 2011, p. 1.)

No início do século XIX, adentramos, na história do Brasil, o contexto da proclamação da Independência do país e nele pairavam os ares de implantação de uma nova nação pautada nos ideais de civilidade e progresso. Mato Grosso aderira a esse processo, já encabeçado pelas províncias de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, que tinha a Europa como referência e modelo para o desenvolvimento. Assim, começou a fazer parte da preocupação dos governos das províncias a ideia de implantar civilidade, moralidade e modernização no ambiente das cidades.

Ainda que as minas de ouro tenham dado origem ao povoamento da região de Cuiabá, a Província de Mato Grosso e a cidade eram consideradas pobres, assim como sua população. Localizada em uma região de fronteira, a Província era um lugar distante e até então considerado desconhecido e exótico, onde civilização e barbárie se defrontavam cotidianamente.¹⁰²

O mapa do território de Mato Grosso, representado a seguir, mostra o território da então província no final do século XVIII até a primeira metade do século XX. Como podemos observar a seguir, destaca-se o aspecto fronteiro do território, no qual a oeste faz fronteira com a Bolívia e o Paraguai.

¹⁰² ROCHA, 2013, p. 49.

Figura 18: Mapa de Mato Grosso no século XVIII

Fonte: Gomes, 2011, p. 15.

Assim, localizado numa região estratégica pela afirmação das fronteiras do antigo império português, por vasta extensão e pelas suas riquezas naturais, Mato Grosso teria em seus presidentes de províncias, designados pela Corte, o elo mais notável entre a localidade e o governo central. Quando os presidentes de província chegavam a Mato Grosso era recorrente que se referissem à sua principal missão como “elevar o grau civilizatório e moral da província”. Eram geralmente instruídos com ensino superior nas províncias mais prósperas do império, quando não formados na Europa. E era exatamente a Europa, nesse contexto, o modelo de civilização e progresso a ser seguido.

Na Europa, o processo de industrialização provocou significativa transformação nos espaços urbanos, por causa da atração de grandes contingentes populacionais para o trabalho nas fábricas. Assim, as cidades foram transformadas em grandes centros urbanos e as inovações tecnológicas, somadas a essas transformações, mudaram as relações de trabalho e alteraram as formas de viver das pessoas: a comunicação, o transporte, a diversão e o lazer, dali pra frente, não seriam mais os mesmos e o homem moderno teria ampliadas suas opções na forma de viver, trabalhar e se divertir; a fisionomia das cidades também seria transformada. Esse processo de

industrialização coincide com o desenvolvimento do capitalismo, que traz o que se vive na Europa como modelo para o restante do mundo.

A expansão capitalista se dava no intuito de difundir o modelo de vida urbana no processo de industrialização que visava não apenas criar um mundo de plena distribuição material, mas também de crescente felicidade, oportunidade para todos, de avanço das ciências, das artes, num mundo de contínuo e acelerado progresso material. Juntamente com as mercadorias que exportavam para os quatro cantos do globo (mercadorias agora produzidas em larga escala), os empresários europeus difundiam seu conceito de civilização e progresso.¹⁰³

Nesse contexto, o novo modo de viver irradiado da Europa chegava aos mais longínquos lugares que, longe de serem industrializados, buscaram copiar o modelo da Europa, transplantando-o, de alguma forma, para sua realidade. No Brasil, a França seria a maior referência a partir das reformas urbanas parisienses promovidas pelo barão Eugène Hausmann, descritas a seguir nas palavras de Michel Foucault:

A reforma urbana de Paris fora conduzida com mão de ferro por Georges Eugène Hausmann, “prefeito de Paris e circunvizinhanças, investido no cargo por um mandato imperial de Napoleão III” [...] uma reconstrução.: a cidade, remodelada, seguindo um plano que atendia a várias exigências. As ruas tornavam-se largas, de traçado reto e geométrico, facilitando o tráfego e dificultando as barricadas populares. Eliminavam-se do centro da cidade os cortiços e bolsões de pobreza. Em seu lugar criava-se “a mais espetacular inovação urbana o século XIX, decisivo ponto de partida para a modernização da cidade tradicional”: o boulevard ou bulevares, ruas largas com imensas calçadas, propiciaram o surgimento de toda uma nova vida no centro da cidade, especialmente nos cafés que surgiram ao longo das novas vias de tráfego.¹⁰⁴

Nesse contexto histórico, relacionamos essa ideia do alargamento das ruas à necessidade de maior ventilação em função de uma maior higienização do ambiente das cidades, associando modernização às políticas sanitárias e de gestão, fundamentadas nas orientações científicas, do final do século XIX e início do século XX. Simultaneamente, a preocupação com os cemitérios e matadouros constituiu uma constante nesse processo de urbanização, aliado a políticas de sanitarismo, em Paris. Foi esse modelo a referência para o Rio de Janeiro e de lá irradiado para os demais centros urbanos do país.

¹⁰³ VOLPATO, 1993, p. 40.

¹⁰⁴ FOUCAULT, Michel apud BARROSO, Eliane A. Baier. Modernização e Higienismo: Controle Sanitário e Gestão Político-Científica na Manchester Mineira (1891-1906). **Dissertação.** (Dissertação em História). UFJF: Juiz de Fora, 2008. p. 23.

Em 1818, Cuiabá é elevada de vila à categoria de cidade, e, ainda na primeira metade do século XIX, em 1834, à condição de capital de Mato Grosso. Até meados desse século, a cidade de Cuiabá teve sua organização a partir das ordens metropolitanas, mas, com a declaração de que se tornara oficialmente a capital da província de Mato Grosso, houve uma reconfiguração urbana com a construção de edifícios que abrigariam o serviço público, diversificando, assim, a sua estrutura.

Para a organização da cidade instituiu-se a necessidade de regulamentar e ordenar a vida dos habitantes que transitavam por ela, e, mudanças nos hábitos e nos costumes dos mesmos passaram a ser determinadas pelos Códigos de Posturas Municipais que regiam o certo e o errado nas ações cotidianas dos moradores da cidade, bem como questões relacionadas a saúde, organização dos espaços públicos, entre outras recomendações. Tratava-se de controlar os corpos dos sujeitos, disciplinando e limitando seu espaço de atuação. Os chamados códigos de posturas se constituíram numa estratégia de gerir a vida na cidade, organizando-a e consistindo no que, segundo Foucault, são táticas e técnicas de biopoder¹⁰⁵. Eram regulamentos meticulosos que normatizavam a vida urbana, estabelecendo gestos e ações.

Ainda sobre a normatização da vida urbana em Cuiabá, Rachel Tegon de Pinho narra e interpreta esse aspecto do processo civilizador que se impõe à cidade de Cuiabá em fins do século XIX, significando o enquadramento da população dentro de práticas disciplinadoras, gerando nova ordem social e urbana. Para a autora, foi o medo da peste, da contaminação, do pobre, do vagabundo, do louco, que estruturou a urbanização transformando Cuiabá numa capital republicana de ordem e progresso¹⁰⁶.

O Código de Posturas, instituído pela Câmara Municipal de Cuiabá e aprovado no dia 15 de maio de 1832, em execução da Lei de 1º de outubro de 1828, deliberava em seus 142 artigos sobre Posturas Policiais e estabelecia normas e respectivas punições e multas que seriam aplicadas quando a determinação não fosse cumprida. O mesmo possuía resoluções acerca da saúde pública, da venda de gêneros, do alinhamento das ruas, de edifícios, da limpeza, ornato e “formosura” das ruas, das obras públicas,

¹⁰⁵ A discussão sobre o conceito de biopoder e disciplina em Foucault é referenciada no artigo “Conduzindo condutas: a transformação no ambiente urbano de Cuiabá a partir do Código de Posturas de 1832”, no qual os códigos são interpretados como mecanismos ordenadores, que envolvem a formação de técnicas biopolíticas e disciplinares, com o objetivo de ordenar e modernizar o ambiente urbano. (Cf. AGUIAR, Patrícia F. Conduzindo condutas: a transformação do ambiente urbano de Cuiabá a partir do Código de Postura de 1832. *Revista Espacialidades* [online], v. 4, n. 3, 2011.)

¹⁰⁶ PINHO, Rachel Tegon de. *Cidade e loucura*. Cuiabá: EdUFMT; Central do Texto, 2007.

estradas, pontes, chafarizes, bicas e tanques, dos “creadores” de gado, da conservação de matos e campos, da polícia, entre outras considerações¹⁰⁷.

No Título 1º do Código de Postura, foram, por exemplo, estabelecidas normas relacionadas à Saúde Pública:

[...] a fim de que as exalações pestíferas, que deles se levantão, não damnem a saúde pública, e mesmo para que não se propagarem os insectos. O infrator será multado em dois mil réis, ou quatro dias de prisão, e em se alimpar o poço, ou tanque à sua custa.¹⁰⁸

As normas se referiam também ao esgotamento dos pântanos, os matadouros, a proibição de matar peixes com veneno, à venda de alimentos corrompidos, à falsificação de gêneros misturando-lhes outras substâncias. Foram proibidas as latrinas com despejo para as ruas e lugares públicos das povoações, por serem prejudiciais ao público, o que mostra a preocupação com o ordenamento e a higienização do espaço urbano nos mais diversos aspectos, evidenciando, também, como a cidade de Cuiabá ainda estava distante do modelo de progresso e civilidade que referenciava as ações conduzidas pelas autoridades responsáveis, especialmente os presidentes da província e os chefes da polícia.

Nos artigos 9º e 10º desse título 1º, que trata da *Saúde Pública*, determinou-se que:

Nesta cidade se farão os Cemitérios fora do recinto dos Templos, para serem nelles enterradas todas as pessoas de qualquer estado, ou condição, que sejam: depois de feitos, a Câmara organizará suas Posturas [...] Semelhantemente serão feitos Cemitérios nas Freguesias e Capellas de fora desta Cidade, para que dentro da Igreja não se enterre pessoa alguma.¹⁰⁹

Conforme a determinação, os cemitérios deveriam sair da área de dominação da igreja, o que foi motivo de resistência entre fieis e autoridades eclesiásticas, seja em Cuiabá como em outras cidades do Império, a exemplo de uma revolta ocorrida na Bahia em 25 de outubro de 1836 e que ficou conhecida por Cemiterada, liderada pelas irmandades e ordens terceiras em protesto, após a determinação em lei de que os

¹⁰⁷ O Código de Posturas pode ser consultado em formato original no Arquivo Público de Mato Grosso.

¹⁰⁸ Código de Posturas de 15 de maio de 1832. Disponível para consulta no Arquivo Público de Mato Grosso.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

enterramentos nas igrejas estariam proibidos e concedendo a uma companhia privada o monopólio dos enterros em Salvador por trinta anos. Alcançando a adesão de pessoas que nem faziam parte da irmandade, os confrades organizaram um abaixo-assinado com 280 assinaturas e marcharam numa grande procissão convocada pelos sinos da igreja para a praça do Palácio, para reivindicar ao presidente da província que, recebendo os revoltosos e temendo maior violência, retrocedeu, suspendendo a lei, que seria analisada por Assembleia Extraordinária no dia 07 de novembro. O clima de euforia e de gritos de “Morra o Cemitério” levou os manifestantes a dirigirem-se ao Campo Santo, e em torno de 3 mil pessoas procederem a destruição do cemitério em menos de uma hora¹¹⁰.

Em Cuiabá, o processo de aceitação só seria definido no século seguinte, pois, frente ao Ato de Resolução nº 40 da Câmara Municipal de Cuiabá, de 19 de novembro de 1900, que definia a municipalidade da administração dos cemitérios e, portanto, sua secularização retirando esse poder do domínio da Igreja, o arcebispo à época, D. Carlos Luiz d’Amour, em repúdio ao projeto, determinou impedidas as cerimônias religiosas nos cemitérios da cidade. Tal proibição perdurou por 20 anos, até sua morte, quando fora substituído por D. Francisco de Aquino Correa. Este, a partir de 1926, adotando uma postura contrária ao arcebispo que o antecedeu, aceitaria a secularização se comprometendo a somente se responsabilizar pelas atividades religiosas nas capelas dos cemitérios da cidade¹¹¹.

A direção dos percursos do enterro sofreria alterações a partir do século XIX, quando se pensou em organizar o espaço urbano das cidades brasileiras. No sentido de preservar os habitantes das cidades das epidemias do século, determinou-se que as instituições consideradas perigosas ou infectas, como os hospitais, matadouros, prisões e cemitérios, fossem construídas nos arredores das cidades. Assim, para o controle dos miasmas e das emanações pútridas preocupou-se em escolher de forma conveniente a localização do cemitério da cidade de Cuiabá, determinando-se que esses enterramentos não poderiam mais acontecer no interior das igrejas.

A nova ordenação do espaço urbano, era, então, determinada a partir das práticas europeias burguesas:

No universo capitalista, o espaço privilegiado da classe burguesa era a cidade, ou melhor a cidade burguesa ordenada e higienizada. A

¹¹⁰ REIS, João José. **A Morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹¹¹ ROCHA, 2013, p. 34.

constituição da ordem passava pela definição e hierarquização dos espaços e pela racionalização do seu uso proposta por um novo profissional, o engenheiro. A higienização exigia a assimilação de novos padrões de comportamento determinados pelo médico sanitário.¹¹²

No Brasil, os centros que mais se urbanizaram adotando os modelos e padrões europeus foram São Paulo e Rio de Janeiro, que, de acordo com suas condições, constituíam hábitos que serviriam de parâmetro para outras cidades do país. E, integrados a esse processo de transformações, os presidentes designados para as diversas províncias do Império chegavam ao seu destino cobrando das populações interioranas comportamentos semelhantes aos do centro-sul.

Os presidentes de província se declaravam espantados em saber que em Cuiabá, já na segunda metade do século XIX, não possuía mercado, nem matadouros, nem mesmo o cemitério público, sendo os sepultamentos realizados no interior das igrejas. Um dos primeiros dentre eles foi o presidente de província Augusto de Leverger. Ele havia recebido um ofício da Câmara Municipal de Cuiabá, datado de 5 de julho de 1852, que registrava a necessidade de transferência dos enterramentos. O mesmo teria, em Relatório enviado à Assembleia Legislativa, de 10 de maio de 1859, discorrido sobre a necessidade de se abandonar os enterramentos, enfatizando que não se deveria confiar à salubridade do clima o fato de não adotar as medidas higiênicas, o que segundo ele estaria presente em relatórios dos seus antecessores¹¹³.

A preocupação em se construir um cemitério na cidade estaria presente nos discursos de presidentes de província que se seguiram a Augusto Leverger. Eram eles que, designados pela Corte, traziam outros ideais de vida e comportamento, e que no primeiro contato entravam em choque com as práticas cotidianas da população interiorana e de região fronteira da cidade de Cuiabá.

Em relatórios como o do Presidente da Província Joaquim Raymundo de Lamare apresentado à Assembleia Provincial, de 1859, e do Coronel Antônio Pedro de

¹¹² VOLPATO, 1993, p. 44.

¹¹³ Considerava-se que, devido a salubridade do clima, quando se abriam as sepulturas não se sentiam sair delas os miasmas pútridos, o que se atribuía a característica de pureza do ar da cidade. E, com isso, se poderia justificar o fato de não ser necessária a adoção de medidas higiênicas na cidade. Tais considerações a respeito da salubridade do clima estão presentes no Relatório apresentado pelo Presidente de Província Herculano Ferreira Penna aos vereadores da Câmara Municipal de Cuiabá em 17 de março de 1862. “[...] tal é a benignidade do clima, que apesar dos miasmas pútridos que brotam do seio da terra nas ocasiões em que se abrem as sepulturas, conserva-se inalterável o ar sempre puro e a atmosfera sem infecção.” (ROCHA, 2001, p. 28.)

Alencastro, de 1861, observa-se os discursos que falam da necessidade de se tomar medidas como:

[...] dessecação das águas estagnadas, a remoção de imundícies que se depositam em diversos pontos da cidade, e, finalmente, o estabelecimento de um cemitério público para a inumação dos cadáveres.¹¹⁴

Segundo Maria Aparecida Borges de Barros Rocha, a determinação de que um cemitério público fosse construído em Cuiabá já constava nas leis provinciais nº 18 e nº 21, dos meses de agosto e setembro de 1835, que orçavam receitas e despesas para o exercício de 1836/1837, e, respectivamente, consignaram verbas de 1200 réis para a construção de um cemitério em Cuiabá e regulamentavam a organização das necrópoles. As referidas leis determinavam desde o número de cemitérios que deveriam existir, definindo a manutenção de um portão com chave e um coveiro que teria a função de guardar o local e sepultar os defuntos, permitindo os familiares do falecido erigir túmulos e atribuindo ao pároco a encomenda do defunto na sua moradia, de onde o corpo deveria sair para o cemitério¹¹⁵. As leis estipulavam ainda o valor a ser pago pelo enterramento e a penalização aos que não seguissem as normas estabelecidas.

Todavia, ainda em 1864, o Presidente da Província Alexandre Manoel Albino de Carvalho, ao chegar em Cuiabá, lamentava a manutenção da prática de se enterrar mortos nas igrejas em seu discurso, o que mostrava que as leis citadas anteriormente constituíram naquele contexto apenas letra-morta. Nas palavras do referido presidente da província, sobre a prática de enterramento que persistia:

Não censuro, mas deploro que em 1864 ainda se enterrem cadáveres nas igrejas de Cuiabá; conjuro-vos, pois, senhores, a extirpar um costume atualmente reprovado por todos os povos civilizados, e já extinto em todas as demais províncias do Império.¹¹⁶

Datado em dois anos antes, o Relatório do Presidente da Província Herculano Ferreira Penna aos vereadores da Câmara Municipal fazia a indicação de que as obras do

¹¹⁴ Relatório de 1859, do Presidente da Província Joaquim Raymundo de Lamare, apresentado à Assembleia Provincial e do Coronel Antônio Pedro de Alencastro, de 1861/APMT.

¹¹⁵ ROCHA, 2001, p. 25.

¹¹⁶ Relatório do Presidente da Província Alexandre Manoel Albino de Carvalho, do ano de 1864. Disponível para consulta no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, caixa nº 04, Estante 03.

cemitério teriam sido iniciadas, com o objetivo de pôr fim aos enterramentos de cadáveres nos recintos das igrejas e seus consequentes prejuízos à saúde da população cuiabana¹¹⁷.

A inauguração do cemitério público seria referenciada no Relatório do Presidente da Província Alexandre Manoel Albino de Carvalho, datado de 3 de maio de 1864:

V.Sa. Ex.^a Rma o Sr. Bispo Diocesano, que nutre a melhor vontade a bem de semelhante reforma, “benzeo” a nova “Capella” e o transformado cemitério nos dias 01 e 02 de novembro do “anno” passado. Estes “actos” forma executados com toda solenidade devida, e de então em diante os enterramentos ali feitos vão correndo, se não com perfeita regularidade, a que devem atingir, pelo menos já de uma maneira muito satisfatória em relação às dificuldades, que ainda resta vencer.¹¹⁸

Localizado fora do perímetro da cidade por simbolizar perigo para a saúde da população, o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, construído na segunda metade do século XIX, representou, para a elite social e política local, um fator de progresso e civilização. De acordo com os novos parâmetros de higienização médica, fora construído em local afastado dos centros de convívio de forma a evitar uma possível contaminação ou contágio, causado pelos gases ou emanações pútridas que exalam dos cadáveres.

Com a urbanização e a construção dos cemitérios, os mortos são afastados dos vivos. Com o passar dos anos vai consolidando a ideia de isolamento em relação à morte, chegando mesmo à rejeição da ideia de que um dia essa distância entre homem e morte há de diminuir inevitavelmente. Assim, a distância dos cemitérios e a profundidade das covas garantiam que a propagação de doenças e, por conseguinte, podemos inferir, a proximidade da morte, estariam ambas distantes dos vivos.

Associado à propagação de doenças, o cemitério foi sendo cristalizado no imaginário coletivo do século XIX como um espaço que deveria ser ao máximo evitado e, por consequência, pouco visitado. É assim que se pode justificar práticas e hábitos que afastam a ideia de morte e/ou de cemitério. Entre tais práticas e crendices presentes na cultura mais popular, podemos citar algumas mais comuns, como: a de que crianças não vão a velório; que as roupas usadas quando se vai no cemitério devem ser imediatamente

¹¹⁷ Relatório apresentado pelo Presidente de Província Herculano Ferreira Penna aos vereadores da Câmara Municipal de Cuiabá em 17 de março de 1862. (Cf. ROCHA, 2001, p. 29)

¹¹⁸ Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso, no ano de 1864. Disponível para consulta no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, caixa nº 04, Estante 03.

retiradas e lavadas, quando da chegada do lugar; ou ainda, se estiver com alguma doença respiratória, não é bom frequentar cemitérios porque o solo é poluído; entre outras.

Em 1867, a cidade de Cuiabá foi acometida de uma epidemia da varíola, após a Guerra do Paraguai. Vale considerar o contexto pelo qual passava a cidade à época, que se tornou ainda mais difícil no final da década de 1860 pois, além da doença, a população havia enfrentado a guerra e, por consequência, também a crise no abastecimento de gêneros que foi provocada pelo bloqueio da navegação pelo Rio da Prata, comprometendo o fornecimento de gêneros alimentícios para a população da cidade e suas adjacências. Além disso, também na mesma época, em 1865, a cidade fora assolada pela cheia do Rio Cuiabá que provocou a destruição de plantações destinadas ao abastecimento da população e de casas nas proximidades do rio e seus córregos, como o da Prainha.

Para Luiza Rios Ricci Volpato, a segunda metade da década de 1860 foi denominada de apocalipse cuiabano pois, nesse período Cuiabá enfrentou fome, peste, guerras e intempéries naturais que trouxeram às pessoas dor e sofrimento¹¹⁹.

Foi nesse contexto histórico, em que soldados ou desertores contaminados pela varíola entraram em contato com a população, que a epidemia se espalhou pela cidade. Os dados sobre os índices de mortes causadas pela varíola são confusos. Segundo Moutinho, metade da população teria sido atingida, e, para o Chefe de Polícia teria sido pouco mais de 2 mil pessoas, caso não se contasse os que foram atingidos pela doença nas freguesias e adjacências¹²⁰.

Para o sepultamento dos variolosos, um cemitério foi especialmente fundado com o objetivo de acolher os corpos dos defuntos cuja morte fora causada pela varíola, o Cemitério Nossa Senhora do Carmo, conhecido também como Cemitério do Cai Cai, construído para evitar a contaminação do Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Tal fato leva a refletir sobre como a mentalidade de cemitério relacionada à propagação de doenças foi se ampliando. O Cemitério Nossa Senhora da Piedade fora construído para evitar a contaminação e, diante da epidemia da varíola, outro cemitério é necessário para evitar que o primeiro fosse contaminado.

Vale acrescentar que, devido ao contágio pela doença, muitos nem chegaram a ser sepultados e eram colocados em casas abandonadas, e que famílias inteiras morriam da doença, o que obrigava ao arrombamento das casas para o recolhimento dos corpos.

¹¹⁹ VOLPATO, 1993, p. 57.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 76.

Nas valas, ao invés de um só morto, outros eram colocados, e muitos eram cremados apenas superficialmente, o que causava podridão, ou ainda que partes dos corpos fossem alimentos de corvos, cães e porcos¹²¹.

Todavia, uma questão importante em torno da construção do Cemitério Nossa Senhora do Carmo é que a situação da epidemia acabou favorecendo com que a população, que rejeitara o sepultamento fora das igrejas, tivesse maior aceitação em sepultar os mortos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Desse modo, pode-se concluir que o surto epidêmico da varíola na cidade de Cuiabá forçou necessariamente a população à mudança de práticas relacionadas a inumação, estabelecendo novos hábitos na relação entre vivos e mortos. A rejeição ao enterramento no terreno dos cemitérios pode ser explicada pelo fato de que nas imediações do terreno sobre o qual se construiu o Cemitério Nossa Senhora da Piedade era onde se enterravam os considerados indigentes, ou aqueles que não eram permitidos ter o seu sepultamento nas dependências da igreja devido as suas condições financeiras ou pela falta do auxílio de alguma das irmandades.

O cenário vivido em Cuiabá, seja de resistência aos enterramentos nos cemitérios a partir de manifestações das irmandades religiosas, ou de insistência no hábito de enterrar os cadáveres dentro das igrejas, era o mesmo vivenciado em meados do século XIX em outras cidades do Brasil que, no mesmo período, regulamentavam a construção de cemitérios. Da mesma forma, em outra cidade do Império, a capital baiana, somente uma epidemia de cólera convenceria a população de que os cemitérios eram necessários e importantes para se evitar a propagação de doenças. Antes da epidemia, associada às irmandades religiosas que defendiam o enterramento nas igrejas, a população destruíra o cemitério da cidade com armas como alavancas e machados¹²².

Os presidentes de província estavam engajados no propósito de salubridade e modernização da capital mato-grossense, sendo assíduos e recorrentes na causa de que os enterramentos ocorressem nos cemitérios, longe das igrejas e do centro urbano. Entre eles, o presidente da província, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, que defendia o enterramento nos cemitérios, foi considerado “protetor do Cemitério da Piedade” e o cemitério até teve em sua alusão uma outra denominação, a de “Chácara do Albino”.

¹²¹ VOLPATO, 1993, p. 77-78.

¹²² Refiro-me a Cemiterada, já citada anteriormente, ocorrida na Bahia, em 25 de outubro de 1835. (Cf. REIS, 1991.)

Maria Aparecida Borges de Barros Rocha cita o depoimento do administrador do cemitério, Cônego Manoel Pereira Mendes, que enfatiza:

[...] o Cemitério Nossa Senhora da Piedade não é mais uma quimera, mas, sim, e graças aos incansáveis esforços de V.ex.^a, uma realidade patente aos olhos de todos, majestoso monumento à sóbria e fraternal administração de V.ex.^a, conseguindo esse aumento como espero da justiça da Ilm^a Câmara e da bondade de seu ilustre protetor, atingirá o grau de perfeição que deve ter um estabelecimento de tanta consideração.¹²³

Foi no governo desse referido presidente de província, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, que para legislar e legalizar os enterramentos em Cuiabá, fora sancionado, a 12 de maio de 1865, o Regulamento para os Cemitérios Públicos de Cuiabá, com 67 artigos, trazendo claramente a proibição dos enterramentos nas igrejas, com as suas devidas exceções, referindo-se aos cadáveres de autoridades eclesiásticas. Tal regulamento, no seu 2º artigo, registra a existência na cidade de dois cemitérios com a finalidade de se enterrar os mortos:

Os dous cemitérios públicos já existentes nesta cidade, a saber: o de Nossa Senhora da Piedade, erecto na Freguesia e Curato do Senhor Bom Jesus e o de São Gonçalo, erecto na Freguesia da mesma invocação, são destinados para os enterramentos dos indivíduos que residem nas duas referidas Freguesias ou nelles quizerem de ser sepultados.¹²⁴

No regulamento indicava-se, no seu artigo 27, que nenhum cadáver poderia ser enterrado com menos de 24 horas e sem a devida determinação das autoridades policiais e religiosas, à exceção de mortos devido a epidemia ou que entrassem antes desse período em estado de decomposição:

Nem uma pessoa será sepultada nos jazigos dos cemitérios sem que hajam decorridas 24 horas do seu falecimento e sem que os guardas dos cemitério, se apresente o atestado do facultativo com o -sepulte-se – de uma autoridade policial, visto o parcho e o – cumpra-se – do administrador.¹²⁵

¹²³ ROCHA, 2001, p. 38.

¹²⁴ Ibidem, p. 178.

¹²⁵ Ibidem, p. 181.

Sobre esse fato, o jornal local A Gazeta, em edição datada de 6 de setembro de 1889, traz uma reclamação a respeito dos porteiros do cemitério que se negavam a proceder o enterramento de cadáveres em estado de decomposição, mesmo que pudessem pagar o feito. No registro, em primeira página do jornal, pedia-se providência para secularização do cemitério e para melhor resolver esses problemas¹²⁶. Como vimos anteriormente, foi determinada a mudança definitiva pela Resolução nº 40, de 19 de novembro de 1900, a ser implantada a partir de 1 de janeiro de 1901.

Pelo regulamento, cadáveres de pessoas não católicas, judeus, suicidas, excomungados, “que deixassem de confessar e comungar naquele ano”, “manifestos violadores e roubadores das igrejas”, “os manifestos usurários” (salvo se tudo aquilo que foi roubado, fosse devolvido) e supliciados não poderiam ser enterrados no Cemitério Nossa Senhora da Piedade. Isso demonstra o aspecto religioso fortemente presente na organização desse espaço, mesmo secularizado. Aliás, até no nome dado ao cemitério se vê, claramente, a influência do catolicismo na composição desse espaço dos mortos, espaço esse que, de certa forma, representou a perda de parte significativa do poder da Igreja Católica, enquanto instituição, sobre a vida das pessoas. Para esses que não poderiam ser enterrados no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, o regulamento faz menção de que fosse construído um cemitério especial, de forma que não se misturassem esses com as demais pessoas da sociedade, mesmo no pós-morte.

Segundo Maria Aparecida Borges de Barros Rocha, o único documento que faz menção à preparação desse cemitério, num terreno próximo ao Cemitério Nossa Senhora da Piedade, é um relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial, em 1874, pelo então Presidente da Província, José de Miranda Silva Reis:

[...] em dezembro último mandei entregar ao Reverendo Cônego Administrador do Cemitério de Nossa Senhora da Piedade, conforme requisitou-me S. ex.^a Ver^a o Sr Bispo Diocesano, a quantia de 706\$000 Réis, para aquisição e preparo de um terreno contíguo ao mesmo cemitério, para nele serem sepultados as pessoas acatólicas.¹²⁷

Determinou-se pelo regulamento que aos mortos de causa não natural, para evitar contaminações, era necessária a presença de uma autoridade eclesiástica e do inspetor de saúde ou médico da Polícia, devendo-se proceder o registro dos dados do

¹²⁶ Jornal A Gazeta, de 06 de setembro de 1889. Cópia da fonte disponível para consulta no Arquivo Público de Mato Grosso.

¹²⁷ROCHA, 2001, p. 56.

falecido, como nome, filiação, idade, local onde nasceu e data do falecimento em um atestado que deveria ser apresentado ao chefe de Polícia que, após dar o seu visto, encaminharia ao vigário para que se procedesse o enterramento do morto. Às autoridades eclesiásticas caberia também a admissão das inscrições e epitáfios dos túmulos, segundo normatização do regulamento¹²⁸.

A aquisição dos túmulos no cemitério poderia ser feita através da compra, do aluguel, e tinham aqueles que eram enterrados gratuitamente ou ainda registrados como não possuidor de meios. No sentido de comparação entre a organização da sociedade dos vivos e dos mortos, temos a divisão dos túmulos do Cemitério Nossa Senhora da Piedade em 5 classes e 5 ordens distintas, incidindo essa divisão sobre os valores pagos correspondentes a cada classificação.

Segundo o Regulamento dos Cemitérios:

Dos jazigos dos cemitérios, suas classes, dimensões e pessoas que podem nelles ser enterrados.

Artigo 15 - Os jazidos dos cemitérios públicos serão divididos em 4 classes e 2 ordens correspondentes. Na 2^o os pasarilos, não sendo os senhores indigentes, pagarão pela abertura da cova a taxa marcada na tabella n^o 1 ou mandarão abri-la sob a inspeção dos guardas, sujeitando-se porém às despesas das deteriorações que causarem os seus mandatários.

[...]

Artigo 17 - A segunda classe compreenderá também sepulturas na 1^o ordem para adultos, na 2^o ordem para anjos ou menores de 8 anos. Serão nellas enterrados os cadáveres de todas as pessoas indigentes, que não tenham adquiridos jazigos particulares e nem possam, e também daquelas que, podendo adquirir outras não queiram.

Artigo 18 - A terceira classe compreenderá sepulturas rasa preparadas com alguma decoração, sendo as de 1^o ordem para adultos e as de 2^o ordem para anjos ou menores de 8 anos. Serão nellas enterrados cadáveres daquelles, cujos encarregados dos enterramentos preferirem sujeitarem-se porém à taxa da tabela n^o1.

Artigo 19 - A quarta classe compreenderá carneiros para adultos na 1^o ordem e para anjos ou menores de 8 anos da segunda. Serão nellas enterrados cadáveres cujos encarregados dos enterramentos preferirem sujeitarem-se porem, à taxa da tabella n^o 1.¹²⁹

Segundo Maria Aparecida Borges de Barros Rocha:

Havia quatro classes de primeira e segunda ordem para sepultamento de adultos e crianças, sendo a primeira classe endereçada aos escravos e a segunda aos pobres. A terceira classe custava o montante de 30\$000

¹²⁸Regulamento para os Cemitérios Públicos de 1865. (Cf. ROCHA, 2001, p. 182.)

¹²⁹ ROCHA, 2001, p. 181.

na primeira ordem e 20\$000 na segunda ordem, sendo considerada classe intermediária. A quarta classe era a mais nobre, formada por carneiras feitas de tijolos, podendo receber canteiros de flores para os inumados, e seus preços variavam entre 120\$000, para os de primeira ordem, e 80\$000, para os de segunda ordem, enquanto que as carneiras perpétuas tinham preços que podiam chegar a 700\$000.¹³⁰

A compra de túmulos ou de carneiros de carneiras perpétuas evidenciam o poder aquisitivo das pessoas que viviam em Cuiabá, àquela época. Com essas informações deduz-se, facilmente, que as representações da sociedade se davam também no cemitério. Era de acordo com os dados, as condições econômicas dos falecidos e seus familiares, que se efetuavam os enterramentos e sepultamentos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

Cabia ao administrador do cemitério, de acordo com o regulamento, comunicar para as autoridades semanalmente o número de enterramentos que ocorreram nas respectivas classes e ordens. Além dos controles semanais, aconteciam os controles trimestrais. Em um desses relatórios analisado por Maria Aparecida Borges de Barros Rocha, referente ao trimestre de julho a setembro de 1889, constam as seguintes indicações: de enterramentos de pessoas que tinham condições econômicas de um enterramento na chamada 3ª classe, de 1ª ou 2ª ordem; que poucos enterramentos foram feitos pela irmandade; como também de enterramentos não pagos pela família do morto, ficando registrado o pagamento como “sem meios” ou “grátis”, o que indica poucas possibilidades econômicas das famílias enlutadas¹³¹.

No artigo 13 do Regulamento se faz menção à organização e regulamentação do cemitério como forma de manter a imagem da boa sociedade, pautada nos princípios da ordem e da civilização. Assim, como na sociedade dos vivos a ordem era mantida pela delegacia de polícia, na sociedade dos mortos deveria ser garantida pelo administrador do cemitério.

O Regulamento determinava também que os cemitérios públicos e particulares deveriam ser cercados por muros e grades de altura claramente especificada. Com isso, concretizava-se os limites de convivência entre mortos e vivos, o que vai lentamente afastando as relações entre os mesmos, que antes eram cotidianas e agora cada vez mais distantes e limitadas. Pode-se pensar aqui nas “fronteiras simbólicas e liminaridades do espaço urbano” e seus significados, em acordo com os estudos de

¹³⁰ ROCHA, 2001, p. 56-57.

¹³¹ Ibidem, p. 60.

Antônio Arantes sobre lugares e não-lugares, estabelecendo o muro do cemitério como símbolo dessa linha de separação entre as cidades dos vivos e dos mortos.

Vale registrar aqui que, mesmo após o Regulamento dos Cemitérios Públicos, ainda assim, a resistência aos enterramentos nos cemitérios não foi de todo vencida. Pois, após 25 anos da publicação do referido Regulamento, no Código de Posturas de 1880, no seu capítulo 10, faz-se menção à proibição dos enterramentos nas igrejas, o que evidencia que a mentalidade da população interiorana, acostumada a ter suas práticas sociais e culturais regidas pela igreja católica, resistia em ceder às concepções de modernidade e higienização ditadas pelas cidades do litoral ou por países europeus de um contexto muito diferente da realidade local da capital da província mato-grossense.

Aliás, nem mesmo a própria Igreja demonstrara estar satisfeita com a perda de poder que a secularização dos cemitérios representava. Temos por exemplo dessa resistência, a partir de autoridades eclesiásticas, a atitude do arcebispo de Cuiabá, D. Carlos Luiz d'Amour, que proibira a realização de cerimônias religiosas nos cemitérios, quando da Resolução nº 40, de 19 de novembro de 1900, que determinou a municipalidade da administração dos cemitérios.

Compreendo que as mudanças nos costumes e comportamentos de uma sociedade, antes centrada nos aspectos religiosos, agora colocada diante de uma realidade voltada para os aspectos materiais, com as ideias de progresso e civilização que trazem o esquadramento e a normatização, não se estabelecem a curto prazo.

Da mesma forma, no espaço do cemitério é possível perceber pelo modo como o homem cuiabano vai se relacionando com a morte, também, essas mudanças ocorrerem de maneira gradativa na sua mentalidade, antes marcadamente influenciada pela Igreja Católica e que vai se deixando influenciar pela mentalidade burguesa e capitalista.

Uma reflexão sobre a pedagogia do morrer bastante presente nos séculos XVII e em fins do século XIX é realizada por Cláudia Rodrigues na obra *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX)*. A autora acompanha o processo de desritualização da morte e do morrer a partir das práticas e representações católicas, dos debates entre a Igreja e o Estado e do processo de secularização vivido pela sociedade brasileira. Apresenta os mecanismos de controle da

morte e do morrer por parte da Igreja e como é feito o desmonte desse processo, a partir da cidade do Rio de Janeiro¹³².

Nesse processo de desritualização da morte e do morrer, percebe-se, ao invés dos rituais, o isolamento e a privacidade no momento da morte; ao invés do túmulo, no cemitério com elementos decorativos, menos decoração, só a lápide com indicação de nome, data de nascimento e morte; ao invés do túmulo tradicionalmente concebido, a cremação dos corpos. Na sociedade moderna que ora se vive, a morte foi perdendo o seu lugar e sendo suprimida e os mortos são sepultados às pressas, o que dificulta a criação e vivência de rituais que acompanhem o fim da existência humana. Afinal, é por isso que a morte, hoje em dia, é temida. Antes pelo medo do que aconteceria após a morte, daí buscar uma vida regrada para, seguindo as orientações da Igreja, alcançar uma boa morte, hoje, confiante no desenvolvimento das tecnologias, buscar evitar a morte e garantir ao máximo sua permanência em vida, aumentar seu tempo aqui na terra.

São essas relações com a morte, bem como as formas como a mesma se evidencia materialmente, que podem ser observadas no espaço do cemitério e, para além dessas relações com os elementos que tradicionalmente disponibiliza, é que o cemitério pode ser entendido como uma estratégia de leitura para a história de um determinado lugar. O que revela também a importância de, nos dias de hoje, ao andar pela cidade e se deparar com o espaço do cemitério, buscar entendê-lo como patrimônio da história, da cultura e da tradição da referida cidade.

Pode-se afirmar, então, que o Cemitério Nossa Senhora da Piedade se constitui em espelho adequado da cidade de Cuiabá dos séculos XIX e XX e, nos dias de hoje, se apresenta como um documento histórico para o nosso tempo. Dessa forma, pode-se levar em consideração a análise feita por Wim Wenders quando menciona que “as cidades não contam mais histórias, mas podem contar algo sobre a História. As cidades podem trazer em si sua história, e mostrá-la, podem torná-la visível ou ocultá-la”¹³³.

Entendendo o cemitério como parte da cidade, pois convive com ela em grande parte da sua história, esse espaço específico, como um lugar de memória urbana, abre possibilidades de contar a sua própria história inserida no contexto dessa realidade sociocultural. Nesse espaço, criam-se emoções, associações e ideias que muitas vezes só

¹³² RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além:** a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX), Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

¹³³ WENDERS, Wim. A paisagem urbana. (Tradução de Maurício Santana Dias) **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, n. 23, p. 181-189, 1994. p. 187.

seriam percebidas na infância, pois, ao envelhecer as pessoas muitas vezes deixam de entender os lugares e as coisas como possibilidades de dar asas a nossa imaginação¹³⁴.

Assim, diante dessa análise, abre-se a possibilidade de trabalhar o cemitério como espaço de aprendizagem, permitindo redirecionar o olhar dos estudantes e a sua sensibilidade de perceber a história e a emoção que o cemitério produz. Adota-se, aqui, a estratégia de perceber através do cemitério a história da cidade, visibilizando um e outro, despertando no estudante através do andar pelo território do cemitério, a apropriação do conhecimento histórico e o consequente desejo de preservar esse espaço, assim como tantos outros espaços da cidade que representam o passado sobrevivendo no hoje, constituindo a memória, a tradição e a identidade de uma determinada sociedade.

¹³⁴ WENDERS, 1994, p. 186.

CAPÍTULO IV – PARTIU, CEMITÉRIO! A HISTÓRIA QUE BROTOU DOS TÚMULOS

4.1 Por uma Educação Patrimonial no Cemitério Nossa Senhora da Piedade

Considerando a importância da metodologia da Educação Patrimonial para efetivar uma experiência de aprendizagem significativa na construção do conhecimento histórico, neste trabalho, o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, concebido como patrimônio cultural da capital mato-grossense, constituiu o território escolhido para promover a vivência do contato direto com bens culturais para descoberta e investigação do passado, relacionado à História da cidade de Cuiabá, o lugar onde, hoje, vivem os estudantes envolvidos nessa proposta didática.

A proposta de escolha do Cemitério Nossa Senhora da Piedade se explica pelo fato de ser um espaço construído e pensado pelo homem, já notadamente caracterizado como um ambiente que instiga a curiosidade, o que por sua vez é mola propulsora do interesse dos estudantes. Despertar o interesse dos estudantes, propondo uma temática diferente e instigante, tem como objetivo fazê-los se apropriar de métodos e práticas próprios do ofício do historiador, mesmo que de forma mais simples. Adotar o território do cemitério como espaço para investigação do passado constitui a estratégia empregada neste trabalho para envolver os estudantes com o processo de aprendizagem significativa para a construção do conhecimento histórico, a partir de sua própria realidade, de seu cotidiano.

A proposição do tema de trabalho para os estudantes foi possível numa escola estadual da rede básica de ensino do estado de Mato Grosso, a Escola Estadual Professor Nilo Póvoas, localizada na região central da cidade de Cuiabá, capital do estado, onde leciono desde 2017. A escola atende estudantes que cursam o ensino médio em tempo integral, e que têm faixa etária dos quatorze aos dezoito anos de idade.

O modelo de educação integral contempla sua grade curricular a Base Comum, que diz respeito às disciplinas que estamos tradicionalmente acostumados – das quatro áreas do conhecimento: Humanas, Linguagens, Ciências da Natureza e Matemática – e uma parte diversificada do currículo – Práticas Experimentais, Avaliação

Semanal, Projeto de Vida, Estudo Orientado e Eletivas. Este último componente curricular, conforme referenciado anteriormente, propõe aos estudantes um projeto de estudos de caráter interdisciplinar, desenvolvido semestralmente, como parte do currículo, contemplando as necessidades formativas dos estudantes em complemento à grade curricular da base comum ou ainda voltado aos interesses dos estudantes no que diz respeito ao seu Projeto de Vida.

Considerando que a história de Cuiabá é pouco conhecida pelos estudantes e que a carga horária destinada à disciplina específica de História é reduzida, dificultando a abordagem dessa temática, se propôs aos estudantes o conhecimento da história da cidade numa Disciplina Eletiva, a partir dos cemitérios mais antigos da capital mato-grossense, fazendo a “história brotar dos túmulos”¹³⁵.

Essa proposta teve como objetivo principal preencher a lacuna do conhecimento histórico local, a partir da realidade vivida pelos estudantes, de forma a contribuir, propositivamente, para discussão de sua atuação como agente social de sua própria história.

A proposta da disciplina eletiva para o ensino médio, intitulada *A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*, se consolidou com o chamado “Feirão das Eletivas”. Nessa atividade didática se constitui o momento em que os professores envolvidos nas diversas propostas de Disciplina Eletiva na escola apresentam os seus projetos aos estudantes, com o objetivo de convencê-los a participarem e se inscreverem na disciplina ofertada, com o intuito de desenvolverem o projeto proposto. A Disciplina Eletiva a qual nos referimos envolveu professoras das três áreas do conhecimento: a professora de História, da área de Humanas, a professora de Biologia, da área de Ciências da Natureza e Matemática, e a professora de Língua Portuguesa, da área de Linguagens, caracterizando, dessa forma, um projeto interdisciplinar.

No dia do “Feirão das Eletivas”, na sala, aguardando os estudantes, as professoras maquiadas e vestidas de preto representavam uma das alegorias mais

¹³⁵ A ideia de fazer a História brotar dos túmulos se deu no sentido de se propor a interatividade entre os estudantes, aqui como pesquisadores, através dos túmulos, e a construção do conhecimento histórico sobre a História de Cuiabá, bem como a apropriação de métodos próprios do ensino de História, como o da observação, pesquisa de campo, registros, análise, entre outros, para consolidar a construção do conhecimento histórico pelos estudantes. Brotar, aqui no sentido de fazer surgir, de permitir germinar/conhecer o passado através dos túmulos, suas singularidades, características e simbologias. Vale acrescentar que o título foi um dos motivos que instigou a curiosidade e o interesse de parte significativa dos estudantes em participar da disciplina eletiva.

conhecidas da morte com a foice e convidavam-lhes para que olhassem o morto, no caixão de madeira, que pode ser observado na Figura 19, construído para esse momento. Dentro do mesmo, havia flores artificiais e no fundo um espelho, pois o objetivo era começar a reflexão sobre a morte com esse encontro e/ou impacto do estudante vendo a sua imagem, refletida no espelho, dentro do caixão. Tais estratégias foram utilizadas como meios para convencer os estudantes a se inscreverem numa eletiva com um tema que em muitas pessoas desperta aversão, tristeza e necessidade de afastamento, pois a maioria não gosta da temática morte.

Figura 19: Caixão de madeira, construído para as atividades da eletiva. Nele pode ser observado o espelho no fundo



Fonte: Acervo da autora, 2018

Figura 20: Estudantes simulando sofrer com a morte de si mesmo. O que demonstra envolvimento dos mesmos com a proposta



Fonte: Acervo da autora, 2018

Figura 21: Professoras da Eletiva maquiadas e vestidas de morte



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 22: Estudante olha pra dentro do caixão de madeira, onde se vê refletido no espelho



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Observou-se que os estudantes ficaram muito animados e instigados com essa dinâmica inicial. Isso foi constatado pelas várias fotos que tiraram perto do caixão (depois alguns até entraram dentro e tiraram foto) e, também, pelo número de inscritos nesta proposta de disciplina eletiva, superando as inscrições nas outras propostas de eletivas apresentadas pelos demais professores. Na sequência dessa dinâmica, ainda no dia do “Feirão das Eletivas”, foi exibido o vídeo “Vencedor da Morte”¹³⁶ que apresenta no formato de animação a ideia de que a morte há de nos alcançar um dia, indubitavelmente, e, também foi exibido um *powerpoint* apresentando a proposta da eletiva.

Figura 23: Professora de História apresentando a proposta da Eletiva no “Feirão”



Pode-se observar o PowerPoint, banner da eletiva, com a logomarca e caveiras mexicanas colocadas no quadro da sala como moldura para apresentação, representando a ambientação do tema.

Fonte: Acervo da Autora, 2018.

A sequência das aulas seguiu as temáticas conforme o plano de ensino da eletiva (Apêndice 1), com destaque para as aulas que abordaram a perspectiva histórica dessa proposta: a relação do homem com a morte, as diferentes formas das sociedades se relacionarem com a morte, a exemplo do México¹³⁷, a História dos Cemitérios, e a História dos Cemitérios de Cuiabá: Cemitério da Piedade, Cai-cai e do Porto.

¹³⁶ O referido vídeo foi escolhido com o intuito de apresentar a ideia de estudo de História no cemitério e de saber mais sobre a temática da morte, de forma lúdica e reflexiva.

¹³⁷ A morte é um evento marcante para todo o ser humano, mas, no México, esta realidade é vivida de maneira original. A origem do dia dos mortos tem raízes nas culturas indígenas pré-hispânicas centro-americanas. A maneira própria da representação da morte, durante a festividade, acontece com humor, afabilidade e até com certa ironia, manifestos tanto nas gravuras como nas músicas, nas caveiras de açúcar com os nomes de pessoas. No dia dos mortos a cultura popular mexicana festeja, se diverte e brinca de forma irônica com a morte, misturando o sagrado e o profano, criando um sincretismo religioso que mistura tradições religiosas do catolicismo e dos povos indígenas. Todas as pessoas vivem o sentimento de

Entre os objetivos propostos, destaco a compreensão de que na estrutura dos túmulos, além do saber estético, se poderia ler a expressão de contextos sociais, políticos e culturais e a intenção de entender o espaço cemiterial como espaço de aprendizagem, resignificando-o e valorizando-o como patrimônio histórico artístico e cultural da cidade de Cuiabá. Enfim, proporcionar um “novo olhar” sobre esse território.

A seguir, a figura representativa da fachada frontal do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, tirada na tarde da aula campo no espaço do cemitério, constituiu para muitos estudantes o primeiro contato visual com o cemitério a ser explorado pelos mesmos. Assim, já no início da aula puderam estabelecer contato com esse bem cultural, sendo informados que se trata de um bem tombado pelo patrimônio histórico do estado de Mato Grosso, desde 1998. Estabelecendo comparações com a foto da fachada mais antiga do cemitério, a fachada atual, conservada, desde 1875, quando foi inaugurada, apresenta alterações somente na cor da parede, antes branca, com detalhes na parte inferior azul; e, hoje, na cor verde, com detalhes na cor branca nas colunas e na moldura das janelas, como se pode observar, nas figuras a seguir.

Figura 24: Foto da fachada frontal do Cemitério Nossa Senhora da Piedade, registrada na tarde da Aula Campo (05/10/2018)



Fonte: Acervo da autora, 2018.

homagem aos mortos, mesmo que grande parte da população não tenha conhecimento sobre as origens da celebração da data; mesmo assim, passou a ser uma das festas mais tradicionais e populares de México. (Cf. VILLASENOR, Rafael L; CONCONE, Maria Helena Villas-Boas. A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, N. Especial 12: “Finitude/Morte & Velhice”, p. 37-47, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17036>>. Acesso em: 12 out 2019.)

Figura 25: Foto da fachada do Cemitério Nossa Senhora da Piedade mostrando a cor da parede e das colunas antes branca, com a parte inferior azul



Fonte: <<http://aterramediaclaudia.blogspot.com/2012/12/historias-sobre-o-cemiterio-da-piedade.html>>. Acesso em: 15 jun 2020.

Ainda sobre as aulas antes da saída para aula campo no cemitério, no sentido de melhor ambientar a ida dos estudantes ao espaço dos mortos, buscamos estabelecer algumas reflexões importantes sobre a ideia da morte e como lidamos com ela na nossa vida. Para essa finalidade, o tema de uma das aulas foi *O Ciclo da Vida*, na qual, através de uma dinâmica orientada, os estudantes dramatizaram a vivência do ciclo da vida do início até o fim, colocando para si a experiência simulada do morrer.

Em outra aula, foi realizada uma roda de conversa com relatos e escrita sobre a perda de pessoas queridas, cujo objetivo foi o de possibilitar uma reflexão acerca da postura de cada um deles diante da morte. Os estudantes foram motivados a escrever cartas para as pessoas queridas, de cuja morte ainda não haviam superado, e a ler as cartas, espontaneamente. Depois, realizamos uma dinâmica de queima das cartas, uma atividade que foi considerada positiva no sentido de desenvolver as competências emocionais para a vivência de experiência da pesquisa/investigação no espaço do cemitério.

Aliás, o estudo do comportamento humano e das sensibilidades constitui observações de autores como Sandra Pesavento, que ao discutir a história e as “sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades”, abre a perspectiva de investigação histórica a partir de estudos das sensibilidades e subjetividades individuais e coletivas

partilhadas, para compreender modos de vida e comportamentos de sujeitos comuns de uma determinada realidade sociocultural. Conforme a autora:

Ora, sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real.¹³⁸

Outra aula que merece destaque como preparação para o estudo de campo foi a que se abordou a temática das diferentes fontes e registros históricos, para que os estudantes pudessem entender o tipo de abordagem que teriam no cemitério para realizar a investigação histórica a partir de entrevistas, análise das inscrições nas lápides, das esculturas que decoram os túmulos e a própria arquitetura tumular.

Nessa perspectiva de trabalho com registros históricos, os estudantes foram orientados a explorar algumas fontes históricas. Para isso foram distribuídos documentos relacionados à vida, formação e trabalho da professora de História, a saber: certidão de nascimento, contrato temporário de aulas do ano de 2012, certidão de nascimento da sua filha, caderno de mensagens dos colegas e amigos da escola, certificação de formatura de graduação em História, entre outros. Esse trabalho inicial teve como objetivo a leitura e interpretação dos documentos e dados coletados, complementando com entrevista feita à docente investigada, para que os estudantes pudessem elaborar um texto sobre os diferentes aspectos da história de vida da professora. Essa constituiu para muitos deles a primeira atividade de análise de documento como fonte de investigação de vivências do passado. Dessa forma, fez-se alusão à experiência a ser vivenciada no espaço do cemitério.

Outra aula de preparação foi uma oficina de fotografia, que teve a parceria de um fotógrafo profissional, Francisco Ferreira, que atua em uma das maiores mídias escritas e digitais do estado de Mato Grosso. Convidado pela professora de História, o

¹³⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, L'ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 4 fev. 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

fotógrafo Francisco Ferreira ministrou uma “Oficina de Fotografia” para os estudantes sobre as diferentes estratégias que poderiam adotar para registro de imagens no cemitério.

Nessa oficina, os estudantes aprenderam que os registros deveriam ser feitos de forma a apresentar o espaço do cemitério como um espaço que para além da tristeza, da dor, da perda, podendo ser visto como um espaço de arte, beleza arquitetônica, de sociabilidade e de diferentes experiências de conhecimento, reflexão e aprendizagem que iriam vivenciar. Nas fotos a seguir temos registros desse momento de atividade em que os estudantes observam e questionam o fotógrafo sobre uma imagem na sua câmera fotográfica.

Figura 26: Fotógrafo Chico Ferreira mostra aos estudantes as imagens registradas no dia da Oficina de Fotografia



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 27: Estudantes e o fotógrafo Chico Ferreira na Oficina de Fotografia na escola



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Considero que a Oficina de Fotografia foi bastante válida, pois como podemos observar nas figuras a seguir, as fotos tiradas por alguns deles trazem bem essa ideia que aprenderam na oficina. No primeiro plano, os estudantes registraram algo que remete à beleza ou à arte, presentes no cemitério, e, no segundo plano, os túmulos, o que faz com que o observador se dê conta de que se trata do espaço dos mortos. Para além da tristeza, a beleza e a arte. Eis o cemitério, na representação protagonizada pelos estudantes, nas fotos a seguir:

Figura 28: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando uma escultura no primeiro plano



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 29: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando flores no primeiro plano



Fonte: Acervo da estudante "Da Piedade", 2018.

Figura 30: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando uma rosa no primeiro plano



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 31: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade apresentando flores no primeiro plano



Fonte: Acervo da estudante "Da Piedade", 2018.

Para a ida ao Cemitério Nossa Senhora da Piedade, localizado a cerca de quatro quilômetros da escola, foi preciso mobilizar, através da parceria da Secretaria Municipal de Educação, um ônibus para levar e trazer os estudantes, realizando o trajeto da escola para o cemitério e vice-versa. Antes de levar os estudantes ao cemitério, busquei, enquanto docente de História e organizadora do evento, a autorização mediante ofício junto à administradora responsável pela guarda do espaço do cemitério, que encaminhou a autorização da aula, fazendo devidas recomendações para a circulação dos estudantes no cemitério.

O contato com o fotógrafo Francisco Ferreira, bem como com a Secretaria Municipal de Educação e a administradora do cemitério são exemplos de que propostas

de ensino e aprendizagem como essa que realizamos requerem o sentido de apoio de parceiros da sociedade como um todo. Assim, é possível realizar experiências que ampliem a capacidade de desenvolvimento de competências e habilidades, possibilitando aos estudantes maior qualidade na sua formação integral.

Nas vésperas da ida para a esperada aula de campo no cemitério, os estudantes se mostraram ansiosos, evidenciando animação quando anunciada que esta atividade aconteceria já na semana seguinte. A professora, satisfeita com animação e, ao mesmo tempo, surpresa pela reação dos estudantes, retrucou: “Pessoal, vamos ao cemitério e não à praia”. Mas a animação dos estudantes foi ainda maior. Isso pode mensurar que estavam motivados a ida ao cemitério e, de certa forma, preparados para o que fariam por lá. O primeiro objetivo fora alcançado.

Enfim, saímos da sala de aula para o cemitério. Os estudantes, devidamente orientados, chegaram ao Cemitério da Piedade com o objetivo de realizar os seguintes registros: anotações de suas impressões e relatórios escritos; fotos dos túmulos e do espaço e entrevistas com pessoas que por ventura circulassem por lá. O grupo composto por vinte e cinco estudantes, acompanhados por três professoras da escola, recebeu as orientações gerais e foi dividido em três grupos de sete a oito estudantes, para circular na coleta das informações pelo cemitério. A necessidade de acompanhamento se deu pelo fato do tamanho da área do cemitério e pela necessidade de garantir a segurança dos estudantes, sob a responsabilidade dos professores e da escola. Nesse aspecto, para que participassem da aula campo os estudantes foram devidamente, com antecedência, autorizados pelos pais e/ou responsáveis.

No dia da aula de campo, pontualmente, uma mãe de uma das estudantes precisou conversar com as professoras para entender o que seria a aula no cemitério e o seu objetivo. A mesma teria interpretado essa atividade como “mexer com os mortos”, de forma errada, não como uma aula de história a partir do espaço monumental do cemitério de Cuiabá. Aqui, observa-se da necessidade do cuidado que se deve ter com esta abordagem diferenciada, principalmente com o trato na relação com a temática morte ou com o espaço dos mortos, que perpassa o universo da sala de aula, envolvendo pais e/ou responsáveis. Isso constitui um indicativo da relação que o ser humano tem com a morte nos dias de hoje. Ao final, após as devidas explicações, convenceu-se a mãe, e a estudante foi autorizada a participar da aula proposta.

Já no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, antes de começar a circulação, os estudantes receberam um roteiro de orientações (Apêndice 2) das atividades que deveriam

desenvolver. Pelo referido roteiro, os estudantes deveriam escolher, a seu critério, por algum motivo com o qual se identificassem, no mínimo três túmulos e no máximo cinco túmulos para fazer seus registros, observações, inferências e pesquisas, seguindo as orientações escritas, recebidas no início da aula.

Alguns estudantes escolheram túmulos que tinham muitas pessoas da mesma família enterradas, segundo inscrições tumulares; outros porque era o casal que estava enterrado; outros porque já tinham pesquisado sobre personalidades da História de Cuiabá e Mato Grosso, enterrados no Cemitério Nossa Senhora da Piedade; outros, porque pareciam casas; ou que tinham uma arquitetura diferente; outros porque gostaram da estrutura tumular. Enfim, o critério de escolha tem a ver com trabalhar e pesquisar com algo com o que se identifique, a exemplo do que ouvimos quando optamos por pesquisar, enquanto historiadores, determinado objeto ou fonte histórica.

A experiência de aula no espaço do cemitério constituiu a ressignificação desse território pelos estudantes, antes restrito a espaço dos mortos, agora espaço de sociabilidade para aprendizagem e construção do conhecimento histórico pelos vivos, docentes e estudantes. A imagem a seguir constitui uma ilustração dessa intersecção do espaço dos mortos e, também dos vivos, como espaço de sociabilidade, agora ressignificado.

Figura 32: Foto de túmulos no Cemitério Nossa Senhora da Piedade representando a morada dos mortos, no primeiro plano, e a morada dos vivos, no segundo plano



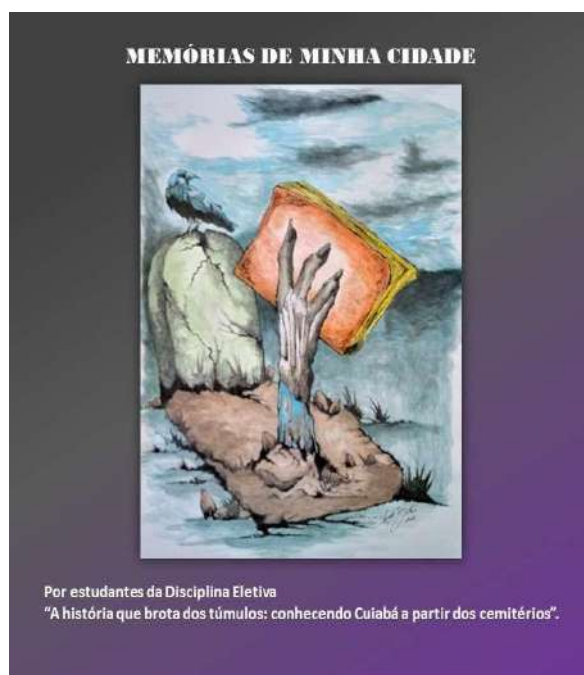
Fonte: Acervo da autora, 2018.

Limitar o número de túmulos fez-se necessário no sentido de traduzir para os estudantes a ideia de recorte dentro do espaço e do tempo de um tema para pesquisa, proporcionando experiência de definição de tema a ser pesquisado, evitando que o tempo de pesquisa no cemitério fosse desperdiçado pela dificuldade em decidir como, com quantos e com qual túmulo fazer a pesquisa. Levando em consideração que no espaço do Cemitério Nossa Senhora da Piedade há aproximadamente quatro mil túmulos, essa atividade de escolha constituiu um exercício de recorte bem interessante e que tem muito a dizer do perfil do próprio estudante a partir das suas escolhas.

Na sequência do estudo de campo, o trabalho passou a ser a pesquisa de dados complementares no laboratório de informática, a partir das informações coletadas nos túmulos. A partir de uma aula sobre o gênero textual “memória”, os estudantes sistematizaram suas pesquisas e registros, resultando em um texto que os mesmos produziram, intitulado *Memórias de Minha Cidade*. Vale acrescentar aqui que ficou evidente nessa etapa do processo a dificuldade de muitos deles no trabalho de produção textual e na prática da digitação dos textos na ferramenta Office Word e, na sequência, de enviar o produto do trabalho no e-mail da professora. Como não houve uma oficina de informática sobre manuseio de computador e digitação, nesse momento, sentiu-se essa dificuldade e a necessidade de prestar assistência aos estudantes.

O resultado do trabalho de produção textual dos estudantes foi publicado no formato de livro, que foi apresentado à comunidade escolar, na Culminância das Disciplinas Eletivas, ao final do ano letivo de 2018. Alguns estudantes apresentaram seus textos, onde foi possível evidenciar o desenvolvimento da habilidade de leitura e compreensão por parte deles. Nesse aspecto, destacamos, também, a superação do receio de falar em público, por parte de alguns. Vale o registro dessas informações, porque aqui se identifica o desenvolvimento de habilidades e competências consideradas fundamentais no processo de aprendizagem e construção do conhecimento histórico.

Figura 33: Imagem da capa do livro *Memórias de Minha Cidade*, com arte produzida para essa finalidade



O livro *Memórias de Minha Cidade* foi produzido por estudantes da Disciplina Eletiva *A história que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*.
Fonte: Acervo da autora, 2018.

Na Culminância, apoiados pelos professores, os estudantes apresentaram uma encenação teatral na qual, vestidos de mortos, representavam os falecidos que haviam pesquisado. Na oportunidade, também, apresentaram uma exposição das fotos tiradas no cemitério a partir das orientações recebidas na oficina com o fotógrafo profissional, em projeção de *slides*, como podemos observar a seguir, evidenciando a beleza e a arte presentes no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

Figura 34: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante Lago da Piedade



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 35: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante “São João Batista”



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 36: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante “Da Piedade”



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 37: Foto exibida na exposição, tirada pela estudante “Vila Aurora”



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Por fim, um dos estudantes da eletiva socializou o vídeo, editado por ele, contendo os relatos dos estudantes sobre a experiência da eletiva e da aula campo no cemitério. O vídeo constitui um registro ímpar das atividades realizadas, o qual possibilitará, na sequência, a análise da experiência vivenciada pelos estudantes, identificando aspectos de construção do conhecimento histórico, a partir da análise dos túmulos e de elementos de educação patrimonial, bem como das práticas de pesquisa desenvolvidas na atividade educativa de aula campo no cemitério. Aqui, destaca-se a atenção necessária às habilidades e competências de alguns estudantes com técnicas e

recursos que podem enriquecer a sistematização das atividades desenvolvidas e proporcionar com maior êxito a socialização dos resultados do trabalho. Nessa metodologia de ação educativa, possibilitar o protagonismo do estudante faz diferença significativa no processo de construção da autonomia do estudante.

Ainda sobre a eletiva, e não menos importante na vivência das atividades da mesma, desde o feirão apresentou-se para os estudantes como estratégia de convencimento dos mesmos a ideia de uma “camiseta da Eletiva”. No questionário aplicado no primeiro encontro da eletiva, alguns estudantes apontaram a camiseta como o que motivou à escolha da eletiva.

A arte da camiseta da Eletiva foi pensada pelo professor de História, André Brito, meu colega do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, da Universidade Federal de Mato Grosso, no momento de exposição da ideia do tema deste trabalho, quando ele ainda era apenas um projeto a ser executado. Ao socializar a minha intenção em projetar a arte da camiseta, André Brito, dotado de competência artística e de desenhar profissionalmente, concretizou a minha ideia em uma arte gráfica única e significativa para o meu trabalho, que passou a compor não só a gravura da camiseta eletiva, como, também, o banner da eletiva e a capa do livro.

A arte da camiseta representa a imagem de um túmulo de onde se projeta saindo uma mão que oferece um livro, indicando “o conhecimento que brota do túmulo”, o que intitula a eletiva *A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*. A seguir, as figuras 38 e 39 mostram a arte inicial e final da logomarca da Disciplina Eletiva.

Figura 38: Arte inicial da logomarca da camiseta produzida pelo professor e mestrando do ProfHistória, André Brito



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 39: Arte final da logomarca da Disciplina Eletiva, 2018



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Vale acrescentar aqui o sucesso da camiseta que foi adquirida pela equipe de professores da escola, por estudantes, tanto os participantes como os que não puderam

fazer parte da eletiva, bem como pelos colegas do curso de mestrado profissional, o ProfHistória. Para a confecção das camisetas, os estudantes mobilizaram recursos pessoais para adquiri-las, mas conseguimos, também, uma parceria para ajudar aqueles que não tinham condições financeiras para comprá-la. Para a confecção do livro Memórias de Minha Cidade, a professora de História utilizou recursos próprios para impressão numa gráfica da cidade e a escola fez algumas cópias para os estudantes.

A seguir podemos conferir como ficou na sua arte final, a camiseta da eletiva, motivo de muito sucesso nessa atividade proposta.

Figura 40: Camiseta da Disciplina Eletiva, 2018



Fonte: Acervo da autora, 2018.

4.2 A história que brotou dos túmulos!

Começo essa parte desse trabalho a partir de uma reflexão levantada pela professora Selva Guimarães:

A cada ano, a cada curso, novas atividades são realizadas, e nem sempre nós, docentes, temos tempo para sistematizar, organizar e refletir sobre nossas práticas, nossos saberes e fazeres de sala de aula, sobre os conhecimentos da nossa experiência docente. É comum publicarmos resultados de dissertações, teses, relatos de projetos de pesquisa, coletâneas de *papers*, porém resistimos à publicização, ou até mesmo desvalorizamos aquilo que é fruto de construção da/para a sala de aula.¹³⁹

A partir dessa leitura, pude me apropriar da importância e da responsabilidade em socializar a experiência didática vivenciada na Disciplina Eletiva *A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*. Para além da vivência, importa a sistematização e, na sequência, a publicização do que foi pensado, para possibilitar aulas diferenciadas da disciplina de História. O objetivo constituiu-se a partir da necessidade de despertar o interesse dos estudantes, de uma geração dita presentista, mas que se pretende voltada para o passado e mobilizada ao uso dos instrumentos de pesquisa, próprios do historiador que investiga o passado.

Ao refletir sobre essas questões, rememoro da fala de alguns colegas do mestrado que compartilhavam o interesse em participar da aula, produto proposto neste trabalho, para que em seguida pudessem levar os seus estudantes a vivenciar a mesma experiência. O interesse dos colegas foi tamanho, que, ao socializar a arte da camiseta, a maior parte da turma encomendou a sua também, o que levou a inserir em um dos modelos as logomarcas da UFMT e do ProfHistória.

O texto de Selva Guimarães, acima citado, nos instiga enquanto professores de História à seguinte questão: “qual o papel da História na formação dos nossos jovens?”. A essa questão acrescento a minha inquietação relatada no início desta dissertação: como estabelecer estratégias que motivem o jovem estudante, com perfil do século XXI, marcado por uma mentalidade presentista e movido por tecnologias, ao estudo do passado, com o real interesse de compreendê-lo, pesquisá-lo e estudá-lo?

¹³⁹ GUIMARÃES, 2012, p.12-13.

A busca por uma sala de aula inusitada e/ou excepcional, para além dos muros da escola, que motivasse a curiosidade, instigou-me à escolha do território do cemitério. Afinal, trata-se de um espaço onde parte significativa dos estudantes, por diferentes motivos, ainda não tinha ido.

Diante da aplicação inicial das atividades da disciplina eletiva, tivemos as seguintes falas registradas pelos estudantes, quando questionados sobre o motivo da escolha da nossa proposta, consolidando o objetivo de propor algo que os instigassem e os motivassem a escolher a Eletiva *A História que brota dos Túmulos conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*: “tirar o trauma de cemitério”; “conhecer um cemitério de perto”; “a vontade de superar o meu medo”; “o que motivou foi sobre os cemitérios de Cuiabá que eu nunca fui na minha vida foi isso”; “por ser primeiramente diferente, iremos ao cemitério, pois nunca uma escola de Cuiabá fez esse tipo de atividade e a novidade de aprendermos a história de Cuiabá a partir dos túmulos”.

No livro *Memórias da Minha Cidade*, produzido pelos estudantes participantes desta proposta, no qual relatam a experiência vivenciada na eletiva, o aspecto da curiosidade como fator de motivação dos estudantes foi uma fala que se repetiu claramente em alguns textos¹⁴⁰. No livro, anexado ao final desse trabalho, o nome dos estudantes participantes foi substituído por pseudônimos, de modo a preservar a identidade dos mesmos. Os pseudônimos escolhidos dizem respeito a nomes de cemitérios de Cuiabá e outras cidades de Mato Grosso. Tal escolha teve como intento a estratégia de visibilizar, neste trabalho, esses territórios de ensino e aprendizagem, cidades dos mortos presente na cidade dos vivos.

Assim, foram utilizados como pseudônimos aos estudantes que compuseram o livro os nomes dos seguintes cemitérios, localizados nas respectivas cidades de Mato Grosso: Cemitério Nossa Senhora da Piedade, Do Carmo (antigo Cai Cai), Da Guia, Do Coxipó, Do Porto e Bom Jesus, em Cuiabá; Cemitério Vila Aurora e Mata Grande, em Rondonópolis; Do Junco e São João Batista, em Cáceres; Recanto da Paz e São Francisco de Assis, em Várzea Grande; Lago da Piedade, em Chapada dos Guimarães; Cemitério Nossa Senhora do Rosário, em Poconé; Cemitério Campo da Paz, em Primavera do Leste; Porto de Fora, em Santo Antônio do Leverger; Cemitério Parque dos Ipês, em Barra do

¹⁴⁰ Quando pensamos na aprendizagem significativa e na disposição do estudante em aprender, para que ela aconteça temos aqui um primeiro aspecto que referenda a importância da adoção da temática da morte e do cemitério para construção do conhecimento histórico: a motivação.

Garças; Jardim da Paz, em Tangará da Serra; e Cemitério Jardim da Saudade, em Alta Floresta.

A estudante Da Piedade registrou: “Eu entro na sala e vejo um caixão e o tema, a história que brota dos túmulos. Me interessei imediatamente [...] pelo fato interessante de se tratar da morte um assunto que as pessoas evitam falar”. A estudante Do Carmo escreveu: “Participar de uma eletiva sobre cemitérios motivou-me muito, porque a curiosidade foi maior”.

A estudante Recanto da Paz registrou:

No começo senti um certo receio, mas no meu coração havia a curiosidade enorme em saber dessas histórias. Sempre tive um amedrontamento em relação aos mortos, não podia saber sobre a morte de alguém que pronto, aquela noite assustadora ao fechar meus olhos e imaginava aquela pessoa aparecendo e pegando no meu pé. E assim demorava pra dormir.

Os relatos escritos no livro sobre o aspecto de curiosidade como fator de motivação podem transparecer sobre a temática ser algo inusitado enquanto o que se espera comumente dentro do currículo escolar. Nas falas de alguns dos estudantes, como a estudante Do Porto, registrou-se: “Os motivos que me fizeram participar dessa eletiva foram que na nossa escola normalmente nunca falou de cemitérios e a eletiva abriu portas para ampliar meus pensamentos sobre cemitérios”. Ainda sobre isso, a estudante Do Coxipó relatou: “Quis entrar na eletiva a História que brota dos Túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios porque achei o tema da eletiva muito diferente, visto que não é falado em matérias normais da escola”.

Assim, fica explícito que a temática despertou a curiosidade esperada nos estudantes, levando-os a optar por se inscrever nessa eletiva. Para além do senso comum, aqui falamos de transversalidade e interdisciplinaridade como proposta de um tema que está voltado ao desenvolvimento dos valores, tendo um desdobramento de conteúdos que dizem respeito à História Local, que por sua vez, está vinculada à História Nacional e/ou Internacional.

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais já traziam nas suas orientações essa tendência de adaptação do currículo comum às particularidades regionais e locais, como estratégia para desenvolver de forma mais aproximada a construção do conhecimento em História. Quando se contempla o conhecimento da história de Cuiabá a partir dos cemitérios se está atento a atender essa necessidade formativa dos estudantes.

Ademais, o desafio em se trabalhar com a temática da morte que contemplou o espaço do cemitério contribuiu para o desenvolvimento das chamadas competências socioemocionais, uma das necessidades formativas do jovem do século XXI¹⁴¹. O fato de alguns dos estudantes terem superado a morte de pessoas queridas ou o medo do cemitério constituiu-se em contribuições significativas quando se pensa a educação numa perspectiva interdimensional, para além do cognitivo. Considera-se, também, que a capacidade de gerir as emoções em relação à perda de pessoas queridas é importante no processo de construção da percepção do cemitério para além de ser um lugar somente dos mortos, no sentido de que fosse ressignificado e suas “fronteiras simbólicas” constituídas fossem rompidas, para entendê-lo como lugar de ensino e aprendizagem para construção do conhecimento histórico.

Na perspectiva do ensino de história, considerou-se a lacuna existente no currículo acerca da História Local, pois, como registrado, muitos estudantes não têm conhecimento sobre a história e a cultura do seu lugar de origem. Geralmente, as escolas limitam-se ao estudo da história a partir de datas cívicas e comemorativas, como o aniversário da cidade.

Assim, percebe-se, neste trabalho, a importância da discussão sobre a História Local como instrumento de ensino e aprendizagem e, também, como metodologia para construção da identidade dos grupos sociais e promoção da Educação Patrimonial. Nesta perspectiva, alguns dos estudantes deixaram indícios em seus relatos de que a história da cidade de Cuiabá também pode ser vislumbrada, analisada e interpretada a partir dos cemitérios. A estudante Vila Aurora escreveu: “[...] não é sempre que nós temos a oportunidade de nos conectar com as raízes do lugar em que vivemos de forma tão profunda (literalmente) e não é usual falarmos de cemitérios e suas histórias”.

O nome pensado e adotado para a disciplina eletiva foi *História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios*. Desde o nome da eletiva já se buscou trazer para os estudantes do ensino médio a consciência de que o cemitério, para além de ser apenas espaço de tristeza e dor, tinha nele a possibilidade de revelar histórias

¹⁴¹ As competências socioemocionais no contexto escolar abordam diretamente as novas diretrizes propostas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a proposta de Educação para o século XXI (proposta pela UNESCO) e o ensino integral. Na BNCC, as competências socioemocionais estão presentes em todas as 10 competências gerais. De acordo com as determinações acerca da implantação da BNCC no Brasil, todas as escolas deverão contemplar as competências socioemocionais em seus currículos. As cinco competências socioemocionais que devem ser contempladas no processo educacional são: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisões responsável.

vivenciadas na cidade de Cuiabá, permitindo que os mesmos se apropriassem dessa ideia, desde o início. O estudante Bom Jesus relatou:

A minha maior motivação em fazer parte da eletiva foi a importância de conhecer um pouco mais sobre a história da cidade que vivo há 14 anos e não conhecia quase ‘nada’. Muito pouca coisa. Mas agora sei coisas incríveis que eu não sabia. E tenho muito orgulho de morar em uma cidade maravilhosa que tem muitas histórias que vou contar para meus filhos e bisnetos. Visitei os cemitérios mais antigos de Cuiabá.

A estudante Do Carmo, registrou:

A pergunta que ficou na minha cabeça foi: o que eu vou fazer no cemitério, chorar? Porque é isso que mais acontece... não você simplesmente irá investigar as vidas ali, esquecidas, ocultadas, deixadas, memórias escondidas que alguns não tiveram a oportunidade de saber ou no mínimo, por falta de conhecimento, não saber que ali está enterrado Barão de Melgaço, que foi um herói na Guerra do Paraguai, que também está o ex-governador José Garcia Neto, mais conhecido como Garcia Neto.

Para além da percepção do cemitério como um lugar onde apenas se enterram os mortos, a ideia de que pode ser apropriado como lugar de ensino e aprendizagem da História foi verificado no discurso de estudantes, como Lago da Piedade:

Quando visitamos o cemitério eu fiquei muito assustada porque era algo que eu também não estava muito acostumada. Na verdade, era medo porque toda vez que ia ao cemitério e por ter perdido alguém, então não gostava. A sensação no começo era de medo por ter ouvido muitas histórias de terror, sobre fantasmas, cemitério como casa dos mortos, mas não tem nada disso. (...). Gostei muito e, sinceramente eu mudei muito a minha opinião sobre cemitério.

A percepção do cemitério como um espaço de ensino e aprendizagem de história traz em si a prática de pesquisa e investigação que são próprias do ofício do historiador no processo de estudo do passado¹⁴². De algum modo, os estudantes

¹⁴² A historiadora Circe Maria Bittencourt discute a metodologia que aqui tratamos como aula campo, como metodologia do Estudo do Meio. Tal método é caracterizado como método de investigação. Seus objetivos estão pautados no aprofundamento dos conteúdos (conceitos e informações das disciplinas envolvidas, por se tratar de uma prática interdisciplinar) na socialização dos alunos e na formação intelectual dos mesmos, considerando as capacidades desenvolvidas da observação, da comparação e de estabelecer analogias. Aliás, a autora considera que a observação do meio, no caso da disciplina de História, possibilita aos estudantes, mesmo que das séries iniciais, desenvolverem o método de investigação histórica e o desejado pensamento crítico. (Cf. BITTENCOURT, 2018.)

internalizaram tais práticas de forma produtiva no momento da aula campo no cemitério. A estudante Do Carmo, referindo-se às suas reflexões quando chegou ao cemitério, relatou: “[...] estou aqui, pronta para investigar túmulos e desvendar mistérios”.

O estudante São Francisco de Assis relatou o método de pesquisa orientado antes da saída para aula campo no cemitério, detalhando o processo:

Com a ajuda de nossas ‘Aulas Campo’ fizemos histórias brotarem dos túmulos no ‘Cemitério Nossa Senhora da Piedade’ e também no ‘Cemitério do Porto’ em Cuiabá-MT. Funcionava assim: três grupos de alunos se dividiram e tinham que escolher três túmulos para usar como fonte histórica tendo como atividade anotar nomes, data de nascimento, data de morte e tirar fotografias sobre a fonte histórica.

A concepção dos túmulos como fonte histórica está presente no relato desse mesmo estudante que destaca: “Outra fonte histórica que escolhi foi a do Dito Fiscal, que nasceu em 05/01/1958 e morreu em 06/12/2005 [...]”.

Utilizar-se de entrevistas como método para a coleta de informações, para além da leitura que fizeram dos túmulos, foi uma prática comum a alguns estudantes. Entre eles, podemos referenciar os relatos dos estudantes Do Carmo, Do Porto, Bom Jesus e Mata Grande, respectivamente:

Também tive a oportunidade de entrevistar um senhor de idade. E ele me narrou um acontecimento bem estranho: de uma pessoa que trabalha lá no cemitério limpando os túmulos. Segundo ele, a mesma contou que recebeu uma ligação de uma senhora pedindo que desse uma geral num túmulo que ela pediu, e depois de fazer o serviço, ele ligou pra senhora cobrando o dinheiro, aí a família diz que a senhora está falecida há muito tempo.

No cemitério eu conversei com o Silvio, um dos funcionários do cemitério que trabalha lá tem 6 anos. Até agora ele trabalha de tarde até mudar o turno. Ele demonstrou ter bastante afinidade com as pessoas que levam o corpo para o enterro.

[...] o senhor que entrevistei também falou que costumava ir até o cemitério para beber uma cerveja geladinha (risos) com uma turma de amigos e ainda sentavam nos túmulos. Ele falou também sobre a doença de epilepsia que pessoas que desmaiava e demorava pra acordar os parentes pensava que tinha morrido e eles velavam o corpo. Daí a pessoa que estava desmaiada, acordava e estava sendo velada. E eles falavam que era milagre.

A primeira pessoa que tive oportunidade de entrevistar no cemitério Nossa Senhora da Piedade foi a senhora Acy [...] descobri que a Dona

Acy já foi professora da escola a qual eu estudo e foi a primeira filha de seus pais [...].

Observar o relato dos estudantes quanto a entrevista que realizaram traz três aspectos importantes a serem observados nesse processo: o fato de estarem lidando, embora de forma simplificada, com a histórica oral; o fato de valorizá-la enquanto fonte de informação; e o fato de dar visibilidade ao discurso de seus entrevistados, registrando sobre suas descobertas em seus textos. Tratavam-se de pessoas comuns que normalmente não são visibilizadas no discurso histórico, mas que para os estudantes constituíram importantes fontes de informação sobre o passado. Isso explicita o quanto os estudantes, conscientes ou não, se apropriaram desse método para sua investigação no cemitério.

As ações de observar e analisar são registradas nas falas dos estudantes Do Porto, Do Junco, Porto de Fora, respectivamente:

Vi que alguns túmulos estavam conservados, mas tinha uns que estavam abertos e malcuidado, como se ninguém tivesse visitado ou reformado. Observei também que os túmulos passavam impressão de diferença entre os túmulos: uns eram de mármore, outros de cimento, outros de cerâmica. Isso pra mim mostra as condições de dinheiro.

Eu gostei de ir no cemitério e uma das coisas que mais observei foi que existiam muitos túmulos malconservados.

A cada túmulo que eu passava queria tirar fotos, ler quem morreu, quando nasceu, quando morreu, e pra mim seria ótimo se retratasse o porquê morreu também.

Na análise desses relatos, observa-se a concepção da necessidade de um maior cuidado e conservação dos túmulos, bem como as condições sociais do morto através da análise dos túmulos ricos em ornamentos e os de construção mais simples. Isso evidencia a relação que se faz entre túmulo, história, condições sociais, preservação e abandono, enquanto fonte histórica. Daí pode-se inferir a educação patrimonial e a possibilidade de ampliação dessa consciência e atitude em relação aos demais patrimônios que também são fontes históricas.

Nos relatos feitos pelos estudantes, nas suas conclusões, ficou evidenciado a relação com o espaço do cemitério e a aprendizagem de história. Alguns deles exerceram de forma bem clara a capacidade de interpretar e inferir sobre as questões que puderam analisar a partir das observações realizadas e das atividades propostas na aula campo.

A estudante Mata Grande concluiu: “Aprendi que principalmente os túmulos mais que memórias nos dão conhecimento, eles sussurram vida, nos contam histórias”.

O estudante Francisco de Assis refletiu: “as histórias que brotaram desses túmulos são ainda poucas sobre o que podemos saber sobre o passado”. Essa reflexão evidencia que as pesquisas nos túmulos despertam o interesse em investigar mais ainda sobre o passado, o que corrobora com as minhas inquietações enquanto professora de História, de que os estudantes desse século XXI se propusessem voltados ao passado.

A estudante Vila Aurora concluiu:

Analisar este jazigo e conhecer a história contada através dele me fez sentir privilegiada, por ter o poder de conhecer a história de onde eu moro e saber dos fatos e pessoas importantes da história cuiabana. Levando-se em consideração que me mudei recentemente aqui pra Cuiabá e isso se torna ainda mais importante.

Esse recato transparece a importância do conhecimento da história da cidade como algo que se é indispensável para conhecer o lugar onde se está, o que torna a aprendizagem e a construção do conhecimento histórico algo significativo para a estudante.

Por fim, a experiência de possibilitar o desenvolvimento da produção textual dos estudantes, a partir da vivência que tiveram na eletiva e na aula campo no cemitério, constitui uma atividade educativa significativa no processo de formação dos nossos jovens. Para além de reproduzir um texto apenas, os estudantes protagonizaram o seu processo formativo a partir do momento da escolha da eletiva. Na sequência, foram preparados para pesquisar, analisar e sistematizar o resultado do processo de investigação que ocorreu na aula campo no cemitério.

Finalizo com o registro da estudante Lago da Piedade, que traduz para mim, dentro dessa experiência didática, o resultado da importância do cemitério como espaço de leitura da história da cidade, demonstrando que esse objetivo foi consolidado, como se pode observar nos registros que a estudante e outros, também, relataram:

Quando eu visitei o cemitério Nossa Senhora da Piedade eu conheci túmulos importantes para a história de Cuiabá, o cemitério é importante para nós conhecer mais sobre a nossa cidade. É bom você visitar o cemitério mesmo não ter perdido alguém, porque assim você vai ter tempo para estudar a história, e no cemitério Nossa Senhora da Piedade, eu não conhecia e foi por causa dessa eletiva que eu conheci, mas no

começo foi difícil, pensei porque estou visitando, o que eu estou fazendo aqui, mas tudo era parte de conhecer a História de Cuiabá.

Posso concluir que o território do cemitério, para além de ser um lugar dos mortos e de tristeza, foi ressignificado como lugar de ensino e aprendizagem, lugar de memórias, lugar de histórias. Acompanhar as produções resultantes de toda uma experiência vivenciada e apropriada pelos estudantes com desenvolvimento de aprendizagem significativa, construindo competências e habilidades de leitura, de análise, de observação, de interpretação, da capacidade de inferir, de produzir textos e publicar suas produções constituiu, indubitavelmente, a ímpar colaboração dessa experiência no processo formativo dos nossos estudantes e, ainda, no ressignificar da minha prática em sala de aula, enquanto professora e pesquisadora do ensino de História do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões sobre o ensino de História e desafios postos para essa disciplina, adentra-se num percurso histórico que começa com a sua consolidação enquanto disciplina, e chega até os nossos dias. Percurso este, marcado pela necessidade de se autoafirmar, garantindo sua permanência no currículo escolar, dadas as constantes reformas e reestruturações do ensino e do currículo proposto nos últimos anos¹⁴³. Algumas vezes se percebeu essa necessidade de autoafirmação da disciplina de História frente aos discursos científicistas, em outras, frente às determinações do governo – que ora a utiliza como suporte ideológico e ora quer suprimi-la dos currículos escolares. Diante de tal situação, busquei refletir a importância da afirmação da disciplina de História diante do estudante, sendo que este estudante deve ser pensado com o perfil do jovem do século XXI.

Nesse sentido, minhas preocupações e desafios, dados os embates atuais em relação à disciplina de História e às questões políticas, em esfera nacional e em sala de aula, coloco nas seguintes questões: o que nós como professores de história podemos fazer para evitar, para além do silenciamento do passado, o silenciamento da disciplina que escolhemos ensinar? O que podemos fazer como professores para tornar as nossas aulas mais dinâmicas e interessantes para o estudante do século XXI? Como podemos formá-lo? Como competir ou usufruir das tecnologias tão presentes nas mãos, nos ouvidos e no pensar dos nossos estudantes? Como motivar o estudante, marcadamente presentista, a olhar e querer estudar o passado? Que estratégias utilizar nas aulas de História para ressignificar a percepção dos nossos estudantes em relação ao passado, em função do presente que se vive e de um futuro em que se pretende estar?

Como estudante da Educação Básica, na sala de aula, tive aulas de História com quadro, giz e apagador. A maioria de nós diante de tantas informações sobre

¹⁴³ Para a historiadora Maria Auxiliadora Schmidt, foi com base no conceito de código disciplinar e em pesquisas realizadas nos manuais de História, destinados a professores, bem como nas chamadas reformas curriculares que se construiu uma periodização do ensino da História no Brasil. Para ela, a periodização constituiu-se a partir de quatro marcos: a construção do código disciplinar da história no Brasil (1838-1931), a consolidação do código (1931-1971), a crise do código (1971-1984) e por fim a reconstrução do código (1984- ?), num processo que continua agora no século XXI. (Cf. SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação** – RHE, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 73-91, maio/ago. 2012.)

sociedades de um passado distante do nosso, preocupava-se em memorizar os conteúdos para alcançar notas suficientes para sermos aprovados ao final do ano letivo. Daí me pergunto: Qual teria sido o sentido da História para mim naquele contexto? O que ficou de significado para mim? O que me fez escolher a licenciatura plena em História, quando estudava para o vestibular?

Ao refletir e questionar sobre o sentido da história para mim, naquele contexto da minha formação, a partir das contribuições das aulas que tive na Educação Básica, só um acesso à memória, ainda não alcançado, poderia responder. Mas a questão sobre o que me motivou a escolher essa licenciatura foi a fala de um amigo que dizia que eu falava de História de uma forma que conquistava e dava vontade de aprender e por que não ser professora de História? E aqui estou eu. Hoje, desafiada a fazer com que os meus estudantes tenham paixão ou se sintam instigados ao conhecimento da história. Acredito que essa seja a maior herança que recebi dos meus professores de História: a paixão por ensinar essa disciplina.

A prática como professora no contexto do século XXI instigou-me à reflexão sobre o sentido de se ensinar História e sobre como proporcionar uma aprendizagem efetiva, que possibilitasse a construção do conhecimento histórico na sala de aula. Diante do jovem do século XXI, apenas saber História, ao contrário do que pensamos quando saímos das nossas licenciaturas, não é o suficiente. Para ser um bom professor de História é preciso saber ensinar e criar condições concretas para que a aprendizagem realmente se efetive para os estudantes.

Como professores de História inseridos na cultura contemporânea, somos desafiados a desenvolver habilidades e competências para atender à demanda de pluralidade e complexidade de saberes. Nos últimos anos, estamos vivenciando um processo de revisão, críticas, ampliação e reconhecimento de diversos espaços, processos, sujeitos, saberes e práticas formativas, modos de ensinar e aprender a ensinar, de formar-se e de tornar-se professor de História.

Considerando os desafios postos ao professor nesse contexto, numa reflexão sobre os saberes profissionais docentes, a partir da sua formação na universidade para o posterior exercício do magistério, Maurice Tardif comenta:

[...] quer se trate de uma aula ou do programa a ser ministrado durante o ano inteiro, percebe-se que o professor precisa mobilizar um vasto cabedal de saberes e habilidades, porque sua ação é orientada por diferentes objetivos: objetivos emocionais ligados à motivação dos

alunos, objetivos sociais ligados à disciplina e à gestão da turma, objetivos cognitivos ligados à aprendizagem da matéria ensinada, objetivos coletivos ligados ao projeto educacional da escola etc.¹⁴⁴

Muito mais do que apenas dominar os saberes históricos, o professor de História precisa, para ser um “bom professor”, desenvolver habilidades no sentido de administrar o seu trabalho em consonância com o coletivo, representado nos demais profissionais e no projeto político-pedagógico da escola. Nesse aspecto, o profissional dessa área deve ser capaz de desenvolver habilidades de gestão da sala de aula, tornando-se capaz de mediar e administrar possíveis conflitos nas relações desenvolvidas em sala de aula, e ainda objetivos relacionados às competências socioemocionais, que, para além de motivar os estudantes, possam alcançar a realidade individual dos mesmos, muitas vezes com problemas de ordem emocional, que afetam o psicológico, impedindo que a aprendizagem seja de fato consolidada no ambiente da sala de aula. Muito se tem discutido no que diz respeito à formação dos professores para uma melhor preparação pedagógica do mesmo para o exercício da docência na Educação Básica.

Discussões atuais têm indicado, com base em pesquisas, que os saberes didático-pedagógicos precisam compor em maioria, preferencialmente no início dos cursos de licenciaturas, as disciplinas obrigatórias à formação do professor de História¹⁴⁵. Ao invés de formar somente pesquisadores, ao final do curso de licenciatura em História, deve-se propositar a boa formação de professores-pesquisadores.

O desenvolvimento de habilidades e competências que atendam à demanda do perfil do estudante do século XXI, alguns deles não muito abertos à valorização da História enquanto disciplina, instigou-me à proposição de uma aula de História que adotasse uma metodologia diferenciada, com uma temática que despertasse a curiosidade do estudante e o desejo de querer investigar para construir novos conhecimentos.

Fugindo ao modelo dominante que permeia o ensino de História que se constitui no quadripartite francês, esquemático, cronológico, composto pelos quatro

¹⁴⁴ TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 5-24, jan.-abr., 2000. p. 15.

¹⁴⁵ No XII Encontro Nacional de Pesquisadores de História- ENPEH, realizado no último mês de novembro (2019), na Universidade Federal do Mato Grosso, com o tema *Territórios disputados: a produção do conhecimento no ensino de História em tempos de crise*, algumas das discussões foram pautadas no sentido de que a formação do professor, de acordo com o Parecer do Conselho Nacional de Educação para a Formação Docente, aprovado em 07 de novembro de 2019, que estabelece que ¼ da carga horária dos cursos de licenciatura, seja voltado para os saberes da docência, a prevalência das competências docentes e a submissão à Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

grandes períodos – Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea – a proposta se deu no sentido de promover o ensino de história adotando a metodologia da pesquisa, que, por sua vez buscou romper com a prática de apenas copiar de livros e/ou sites para alcançar uma pontuação, sem seguir roteiro, nem bibliografia como referência, nem ter o esforço de investigar, analisar e sintetizar o resultado do que se pesquisou, construindo, dessa forma, o conhecimento histórico.

A saída da sala de aula para o cemitério tornou possível promover uma aula de história que permitisse aos estudantes o contato com o território de pesquisa, através da aula de campo. E dessa forma, possibilitou que o estudante pudesse olhar, observar, caminhar por entre os túmulos, registrar suas observações e, na sequência, complementar sua pesquisa, consultando outras fontes, para socializar com os demais estudantes o resultado da sua atividade de pesquisa. Retirá-los da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com os monumentos históricos, representados nos túmulos que escolheram para sua pesquisa, constituiu excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa para a sua formação intelectual, emocional e cidadã para lidar com as diferenças socioculturais em seu ambiente de vivências e experiências.

Para propor algo interessante para os jovens do ensino médio e precisando mesmo competir e/ou se apropriar das tecnologias que se fazem constantemente presentes na vida dos estudantes, tornou-se imprescindível o uso de novas linguagens no processo de ensino e aprendizagem de História. Para isso, foi necessário redimensionar o papel do professor e, simultaneamente, o conceito de fontes históricas¹⁴⁶.

Assim, o cemitério mais antigo da cidade setecentista de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, foi colocado como estratégia para o ensino de História, adotando a perspectiva da História Local, que consideramos mais próxima do estudante e necessária para desenvolver a construção da sua identidade e formação para a vida em sociedade.

Os túmulos, concebidos como bens culturais, constituíram o patrimônio histórico cultural escolhido, analisado e pesquisado pelos estudantes, que puderam através dos seus registros e observações estabelecer conexões com o passado, conhecendo aspectos da História Local, desenvolvendo educação patrimonial.

¹⁴⁶ As propostas do Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) e do PCN+ trazem a possibilidade de domínio do processo de conhecimento histórico pelo uso mais intenso de fontes de diferentes naturezas. Não objetivando que o estudante seja um “historiador”, mas possibilitar que o mesmo desenvolva maior autonomia intelectual em relação aos diversos registros humanos, aprofundando, também, o seu conhecimento histórico.

Experiências de aprendizagem foram desenvolvidas com a utilização dos túmulos como fonte de pesquisa, analisados de forma direta pelos estudantes. Através da observação dos túmulos, os estudantes coletaram dados e produziram informações, com a elaboração coletiva do livro. Acredito que, para além da percepção do túmulo como fonte histórica, por constituir bem cultural resultante da ação humana e das experiências vivenciadas, buscou-se construir uma tomada de consciência de que os túmulos são a minúscula parte de um conjunto muito mais amplo que permite o conhecimento do passado e do mundo, proporcionando o desejo de apreender um pouco mais sobre o passado dos vivos a partir do espaço dos mortos, através desta instigante e desafiadora pesquisa histórica.

Em um processo de questionamento da racionalidade técnica e científica, a proposta se efetivou no sentido de propor uma racionalidade formadora de educação das sensibilidades, da educação do olhar, do andar, do tocar, do penetrar, do trocar, do compreender e do dialogar com o outro.

Para Maria Carolina Bovério Galzerani seria a racionalidade formadora diferente da racionalidade técnica e científica,

Não a racionalidade instrumental, que separa, que hierarquiza brutalmente as vivências educativas, mas, sim, aquela que valoriza a convivência entre seres de carne e osso, no ato de produção dos saberes histórico-educacionais! Que produz pertencimento intelectual e afetivo, na “troca de olhares, brilhos, em busca de brechas em relação à brutalidade produzida pela modernidade.”¹⁴⁷

Adotamos uma metodologia que favoreceu o trabalho de pesquisa, interdisciplinar, possibilitando aos estudantes estabelecer contatos vivos, diretos, com o patrimônio histórico e cultural, formando várias habilidades, como o desenvolvimento da expressão oral e escrita, iniciando os estudantes nos caminhos da investigação histórica, da produção de saberes e sobretudo na capacidade de observação, que possibilitou a problematização e a preservação de diversas fontes históricas.

A metodologia da educação patrimonial pode contribuir para a compreensão do passado, despertando nos estudantes o sentimento de pertencimento ao seu lugar, com a inserção e utilização de procedimentos que podem constituir relações identitárias entre

¹⁴⁷ GALZERANI, 2011, p. 13.

o estudante e a história da sua cidade através da construção de saberes sobre o patrimônio cultural.

Assim, concluímos que a inserção do estudo do patrimônio no ensino de história, pode promover a valorização através da memória das identificações com o lugar em que se vive. A ação educativa na aula de história pode abordar o próprio conceito de patrimônio cultural, sensibilizando os estudantes para o conhecimento acerca de elementos que estiveram presentes na sociedade, em diferentes tempos e diferentes representações.

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (PCNEM), ao tratar sobre os conhecimentos históricos, chama a atenção para a inclusão dos compromissos educacionais ligados ao patrimônio cultural. Considerando que o direito à memória faz parte da cidadania cultural, traz como necessário o debate sobre o conceito de preservação das obras humanas. E nesse propósito, situar os estudantes nos chamados “lugares de memória” é fundamental pra que estabeleçam o que deve ser lembrado e preservado, definido como patrimônio cultural.

Dessa forma, a proposta de aula de História no Cemitério Nossa Senhora da Piedade revelou que tais territórios podem se tornar espaços de investigação de diferentes reflexões no âmbito da história da cidade, como lugares de memória, que têm representado múltiplos elementos da cultura e de grupos sociais nos espaços urbanos. E, como proposta, poderá vir compor parte dos planejamentos das aulas de História, inserindo-se diferentes métodos além dos tradicionais, com o objetivo de proporcionar aos estudantes a construção do conhecimento histórico.

Socializo minha experiência com a certeza de que o território do cemitério, junto com os seus túmulos e sua composição espacial, de uma forma geral, também se constitui em território educativo para que a aprendizagem e a construção do conhecimento histórico aconteçam, possibilitando o desenvolvimento de mais uma atividade humana nesse espaço dos mortos e de sociabilidade dos vivos, possibilitando que a história possa, também, brotar dos túmulos. Nesse sentido, deixo aqui o convite aos colegas de profissão: Partiu, cemitério?

REFERÊNCIAS

1- FONTES

ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO

MANUSCRITAS:

Relatório do Presidente da Província de Mato Grosso Alexandre Manoel Albino de Carvalho, de 1864.

Código de Posturas Municipais de Cuiabá 1832.

IMPRESSA:

Jornal A Gazeta, de 06 de setembro de 1889

2- BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Patrícia F. Conduzindo condutas: a transformação do ambiente urbano de Cuiabá a partir do Código de Postura de 1832. **Revista Espacialidades** [online], v. 4, n. 3, 2011.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Cemitério do Bonfim: arte, história e patrimônio – debate sobre uma experiência. **FÓRUM PATRIMÔNIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável** Belo Horizonte [ISSN 1982-9531], v. 9, n. 2, jul./dez., 2016.

ARANTES, Antônio A. A guerra dos lugares: Sobre fronteiras e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, n. 23, p. 191-203, 1994.

BARROSO, Eliane A. Baier. Modernização e Higienismo: Controle Sanitário e Gestão Político-Científica na Manchester Mineira (1891-1906). **Dissertação**. (Dissertação em História). UFJF: Juiz de Fora, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. (Tradução André Telles) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm>. Acesso em: 08 jun 2019.

BRASIL. Ministério da Educação **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais de História**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura Material In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). **Enciclopédia Einaudi: Homo-Domesticção – Cultura Material**. Vol. 16. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1998.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Editora Cortez, 7ª edição, 2012. p. 89-101.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. (Tradução: Roberto Machado) 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

GALZERANI, Maria Carolina Boverio. Ensino de História, educação dos sentidos, produção de saberes educacionais: em foco um projeto de educação patrimonial. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, Julho, 2011.

GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzozimo. **Viveres, fazeres e experiências dos italianos na cidade de Cuiabá (1890-1930)**. Cuiabá: UFMT/Entrelinhas, 2005.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. – 13º ed. rev. e ampliada – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) Campinas: Papirus, 2012.

HORTA, Maria Aparecida Parreira. Fundamentos da Educação Patrimonial. **Ciências & Letras: Revista da Faculdade de Educação Porto-Alegrense**, Porto Alegre, n. 27, p. 25-35, jan./jun., 2000.

_____. Memória: a memória como funciona? Programa **Salto para o Futuro**, TV Escola, Série Memória, Patrimônio e Identidade, boletim 4, p. 12-21, abril 2005. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/memoria-patrimonio-e-identidade>>. Acesso em: 12 nov 2019.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **História e Memória**. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. **Por amor às cidades**. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998.

LIMA, Waleska G.; DAHMER, Cláudia I; MEIRELLES, Érica S A; Disciplinas Eletivas: um exercício de interdisciplinaridade nas escolas de ensino médio de tempo integral do estado de MT. **Anais** do Congresso de Pesquisa e Educação. Universidade Federal de Mato Grosso (CUR), setembro 2018. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/108661.pdf>>. Acesso em: 09 jun 2020.

MACHADO, Alexander da Silva; HAIGERT, Cynthia Gindri; POSSEL, Vanessa Rodrigues. Cultura material, Educação Patrimonial e ensino de História: uma parceria possível. In: SOARES, André Luís Ramos (Org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: UFSM, 2003.

MASTROMAURO, Giovana C. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. **Anais** do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado da Cultura de Mato Grosso. Cuiabá: Cemitério Nossa Senhora da Piedade (Fachada). SEC - Ipatrimônio Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/cuiaba-cemiterio-da-piedade-fachada/>>. Acesso em: 10 abr 2019.

MATOZZI, Ivo. Currículo de História e educação para o patrimônio. **Revista Educação**, n. 47, p. 135-155. Belo Horizonte, Jun 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102.46982008000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 22 jun 2019.

MÓRAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos A S; MORALES, Ofelia E T. (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 25 jan 2020.

MOREIRA, Marco Antonio; MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

MOTTA, Antônio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 55-80, jan./jun. 2010.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. p. 5. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Invent%C3%A1rio%20pdf.pdf>>. Acesso em: 29 jun 2020.

NASCIMENTO JUNIOR, Manoel C.; GUILLEN, Isabel C. M. História Local e o Ensino de História: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas. **Anais VIII Encontro Estadual de História, ANPUH-BA, Feira de Santana, 2016**. Disponível em: <http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/49/1477852456_ARQUIVO_Trabalhocompl_eto.pdf>. Acesso em: 15 mai 2020.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. (Tradução Yara Aun Khoury) **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Patrimônio, memória e ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. (Orgs.). **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDUFRRN, 2008.

ORIÁ, Ricardo. Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cad. Cedec**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, L'ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 4 fev. 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

PINHO, Rachel Tegen de. **Cidade e loucura**. Cuiabá: EdUFMT; Central do Texto, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**; Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

REIS, João José. **A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. Atitudes diante da morte em Cuiabá – 1820 a 1926: a guerra, a doença e a secularização dos cemitérios da cidade. **Tese**. (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, 2013.

_____. Igrejas e Cemitérios: as transformações nas práticas de enterramentos na cidade de Cuiabá – 1850-1889. **Dissertação**. (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso, 2001.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX)**, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

_____. A cidade e a morte: a febre amarela e seu impacto sobre os costumes fúnebres no Rio de Janeiro (1849-50). **Revista História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, v. 6, n. 1, Rio de Janeiro, Mar/jun., 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200003#im1>. Acesso em: 20 jun 2019.

ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. **Cidade e História**. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**. V. 9, n. 19, p. 219-242, 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 73-91, maio/ago. 2012.

SILVA, Hebert S. Modernidade, Experiência e Memória. **Revista Simbiótica**, v. 3, n. 2, jul-dez, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SIQUEIRA, Elizabeth M., DA COSTA, Lourença Alves; CARVALHO, C athia Maria C. **O Processo Histórico de Mato Grosso**. 2 ed. rev. Cuiabá: UFMT/SEDUC, s.d.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. (Org.) **Cuiabá: de Vila   metrópole nascente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação   formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 5-24, jan.-abr., 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VILLASENOR, Rafael L; CONCONE, Maria Helena Villas-Boas. A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, N. Especial 12: "Finitude/Morte & Velhice", p. 37-47, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17036>>. Acesso em: 12 out 2019.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá: EdUFMT, 1993.

WENDERS, Wim. A paisagem urbana. (Tradução de Maurício Santana Dias) **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, n. 23, p. 181-189, 1994.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Patrimônio, Cultura e processos educativos em História: percursos e reflexões**. Campo Grande: Life Editora, 2008.

APÊNDICES

Apêndice 1

Plano de Ensino Semestral Eletiva A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá A partir dos cemitérios

E.E. PROF. NILO PÓVOAS - ESCOLA PLENA - 2018				
PLANO DE ENSINO SEMESTRAL – 2º SEMESTRE				
PROFESSORES: Aurika Eliza Simm, Francisca Nailê Bernardo de Araujo e Mychelly Nascimento.				
ELETIVA: A História que brota dos túmulos: conhecendo a História de Cuiabá a partir dos cemitérios.				C/H: 02 horas/aula
COMP.CURRICULARES: Biologia, História e Língua Portuguesa.				PERÍODO: Agosto a Dezembro
HABILIDADES	CONTEÚDO	RECURSOS UTILIZADOS	LEITURA COMPLEMENTAR	AValiação
<p>Relacionar competências e habilidades da proposta da eletiva com as disciplinas nele envolvidas, a saber História, Biologia e Língua Portuguesa.</p> <p>Comparar diferentes concepções da morte e seus rituais do século XVIII ao XXI.</p> <p>Analisar a dimensão religiosa, biológica, e histórico-cultural da morte na nossa sociedade.</p> <p>Compreender nas estruturas dos túmulos a saber cultural e estético e também a literatura como expressão de contextos sociais, políticos e culturais.</p> <p>Entender o espaço cemiterial como espaço de aprendizagem, ressignificando</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A relação do homem com a morte. ▪ História de diferentes formas das sociedades se relacionarem com a morte, a exemplo do México. ▪ História dos cemitérios. ▪ História do Cemitério em Cuiabá ▪ Cemitério Nossa Senhora da Piedade, do Cai-cai e do Porto em Cuiabá. ▪ Gênero textual: Memórias. ▪ Entendendo a nossa relação cultural com a morte e suas 	<ul style="list-style-type: none"> • Projetor de multimídias • Computador • Som • Cabo de Som • Câmera Fotográfica • Celular para gravar as entrevistas. <p>Quadro branco/Livro Didático/Laboratório/Internet</p> <p>Ônibus para as Aulas campo nos cemitérios Nossa Senhora da Piedade e Cemitério do Porto.</p>	<p>HIPOLITO, Paulo. Uma breve História dos Cemitérios. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.ufm?tb=artigos&id=148> Acesso em<11 jul 2018>.</p> <p>ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Cemitério do Bonfim: arte, história e patrimônio – debate sobre uma experiência. v. 9, n 2, 2016. Educação Patrimonial.</p> <p>MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.</p> <p>ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. Igrejas e cemitérios. As transformações nas práticas de enterramentos na cidade de Cuiabá – 1850-1889. Dissertação (Mestrado em História) - UFMT, Cuiabá, 2001.</p> <p>RIGO, Kate Fabiani. O cemitério como fonte de inspiração cênica. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2011, Salvador. (V</p>	<p>Os estudantes serão avaliados continuamente na sua aprendizagem, desde o planejamento, execução e avaliação das atividades desenvolvidas; assiduidade; pontualidade; interação entre os estudantes da turma e desta com o professor; o desempenho dos estudantes comporá a avaliação das disciplinas da Área de Ciências Humanas e Linguagens.</p>

<p>e valorizando-o como patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade de Cuiabá.</p> <p>Refletir sobre as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais a partir do espaço cemiterial.</p> <p>Elaborar um roteiro em parceria com os professores para as visitas guiadas no cemitério a partir das pesquisas realizadas no cemitério.</p> <p>Detalhar a história as ações de mortos enterrados no cemitério Nossa Sra da Piedade e Cemitério do Porto, valorizando trajetórias históricas de pessoas não visibilizadas pela historiografia oficial.</p> <p>Conhecer o gênero textual memórias e produzir textos sobre As Memórias da Cidade de Cuiabá, a partir das pesquisas realizadas no cemitério.</p> <p>Entender como o corpo humano pode contaminar o solo e as águas subterrâneas, através do necrochorume.</p>	<p>transformações ao longo da História.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ciclo da Vida e Reprodução. ▪ Impacto Ambiental do Necrochorume. ▪ Doenças Causadas pela contaminação do solo e das águas subterrâneas por necrochorume. ▪ Ciclo do Carbono. ▪ Decomposição de corpos humanos na natureza. 	<p>ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS).</p> <p>Pedagogia Cemiterial. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2010. Piracicaba. IV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, 2010.</p> <p>VIANA, José Italo Bezerra. História Local. Sobral: INTA, 2016.</p> <p>KEMERICH, Pedro; UCKER, Fernando E; BORBA, Willian F. Cemitérios como fonte de contaminação Ambiental. Scientific American Brasil. Disponível em: http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/cemiterios.como.fonte.de.contaminacao.ambiental.html. Acesso em <12 jul 2018>.</p> <p>SOBRINHO, Braúlio M. R. Cemitério e Meio Ambiente. Universidade Católica de Salvador, Salvador – BA, 2002. Disponível em: www.revista.org/artigo.php?idartigo=107&class=21. Acesso em <12 jul 2018>.</p> <p>SOUSA, Antonio Ozielton de Brito. Gênero Textual Memórias.</p>
--	--	---

Conhecer como são concebidos e projetados os cemitérios e caixões em função da não-contaminação do solo.

Disponível em:
<https://novaescola.org.br/conteudo/6178/genero-textual-memorias> Acesso em 12 jul 2018>.

DESCRIÇÃO DO CRONOGRAMA

SEMANAS	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL
1 09/08	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Feirão das Eletivas 	Todos
2 16/08	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Introdução sobre a eletiva ▪ A História dos Cemitérios. 	Profªs Nailê e Mychelly
3 23/08	<ul style="list-style-type: none"> • Ciclo da Vida e Reprodução. 	Profª Mychelly
4 06/09	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Roda de conversa: relatos e escrita de perda de pessoas queridas. 	Profª Aurika
5 13/09	<ul style="list-style-type: none"> ▪ História da relação cultural do homem com a morte. 	Profª Nailê
6 20/09	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ciclo do Carbono 	Profª Mychelly
7 27/09	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina de Fotografia: preparando a aula campo para o cemitério/ Aula Campo (possibilidade da oficina acontecer no período da manhã) 	Profª Nailê e Convidado
8 04/10	<ul style="list-style-type: none"> • Fontes Históricas: entrevista, inscrições dos túmulos, esculturas, arquitetura dos túmulos e patrimônio histórico. 	Profª Nailê
9 11/10	<ul style="list-style-type: none"> • Aula Campo: Cemitério Nossa Senhora da Piedade e do Porto. 	TODOS

10 18/10	<ul style="list-style-type: none"> • Gênero Textual Memórias (Biblioteca da Escola) 	Profª Aurika
11 25/10	<ul style="list-style-type: none"> • Impacto ambiental do necrochorume. 	Profª Mychelly
12 01/11	<ul style="list-style-type: none"> • Aula Campo: Cemitério Nossa Senhora da Piedade e do Porto. 	TODOS e COORDENAÇÃO
13 08/11	<ul style="list-style-type: none"> • Produção Textual sobre As Memórias da Cidade de Cuiabá (Laboratório de Informática) 	Profª Aurika
14 22/11	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organização da exposição fotográfica sobre a Eletiva. 	Profª Nailê
15 29/11	<ul style="list-style-type: none"> • Produção sobre As Memórias da Cidade de Cuiabá (Laboratório de Informática) 	Profª Aurika
16 06/12	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organização da Culminância 	TODOS
17 13/12	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Culminância 	TODOS

AVALIAÇÃO DA ELETIVA	Os estudantes serão avaliados continuamente na sua aprendizagem, desde o planejamento, execução e avaliação das atividades desenvolvidas; assiduidade; pontualidade; interação entre os estudantes da turma e desta com o professor; o desempenho dos estudantes comporá a avaliação das disciplinas da Área de Ciências Humanas e Linguagens.
---------------------------------	--

Apêndice 2

Roteiro com Orientações para a Atividade a ser desenvolvida no Cemitério Nossa Senhora da Piedade

ESCOLA PLENA PROFESSOR NILO PÓVOAS

Eletiva : a história que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios.

ORIENTAÇÕES PARA ATIVIDADE A SER DESENVOLVIDA NA AULA CAMPO NO CEMITÉRIO NOSSA SRA DA PIEDADE

- 1 – ESCOLHA DOS TÚMULOS A SEREM PESQUISADOS, SENDO NO MÍNIMO 3 E NO MÁXIMO ATÉ 5.
- 2 – EXPLICAR O PORQUÊ DA ESCOLHA DOS TÚMULOS.
- 3 – VERIFICAR QUANTAS PESSOAS FORMA ENTERRADAS E, SE HOUVER MAIS DE UMA, QUAL A QUE TEM MAIOR TEMPO. (Escolher somente uma de cada túmulo para fazer sua investigação).
- 4 – BUSCAR INVESTIGAR DE QUANDO É A CONSTRUÇÃO DO TÚMULO, SE HOUVE REFORMAS RECENTES.
- 5 – VERIFICAR OS ADEREÇOS ENCONTRADOS ALÉM DO TÚMULO, COMO IMAGENS, FLORES, SE SÃO ARTIFICIAIS OU NATURAIS, CRUZ, ESTÁTUAS, VELAS...)
- 6 – ANALISAR O MATERIAL QUE É FEITO O TÚMULO (CERÂMICA, MÁRMORE, TIJOLOS) SE TEM COBERTURAS) E O FORMATO DO MESMO.
- 7 – BUSCAR ADQUIRIR INFORMAÇÕES SOBRE O TÚMULO, ALGUMA HISTÓRIA RELACIONADA, CONTADA POR ALGUÉM QUE TRABALHA POR LÁ.
- 8 – ANALISAR O QUE ESTÁ INSCRITO NOS TÚMULOS.
- 9 – ESTABELECEER RELAÇÃO ENTRE A PESSOA QUE ALI ESTÁ ENTERRADA E A HISTÓRIA DE CUIABÁ, ATRAVÉS DE ENTREVISTAS COM AS PESSOAS QUE TRABALHAM LÁ OU DE PESQUISAS A SEREM REALIZADAS POSTERIORMENTE.
- 10 – OBSERVAR SE O TÚMULO ESTÁ BEM CONSERVADO E CUIDADO, VERIFICAR SE HÁ VISITANTES/ FAMILIARES NO MOMENTO DA AULA.
- 11 – ANALISAR QUE IMPRESSÕES OS TÚMULOS PASSAM, QUE INFORMAÇÕES ELES TRAZEM A PARTIR DA SUA OBSERVAÇÃO E/OU ENTREVISTAS COM OS FUNCIONÁRIOS DO CEMITÉRIO. (ORIGEM DA FAMÍLIA, RELIGIÃO, PROFISSÃO, CONDIÇÃO SOCIAL, ENTRE OUTRAS)
- 12 – ESCREVER SOBRE QUE SENSações OS TÚMULOS QUE VOCÊ ESCOLHEU TE TROUXERAM, COMO VOCÊ SE SENTIU, COMO FOI ANALISAR E ESTUDAR DETERMINDO TÚMULO.
- 13 – PESQUISE SOBRE FATOS QUE ACONTECERAM EM CUIABÁ OU MATO GROSSO ENTRE OS ANOS QUE ESSAS PESSOAS VIVERAM OU MORRERAM PARA SABER UM POUCO DO QUE VIVENCIARAM NA SUA HISTÓRIA DE VIDA AQUI EM CUIABÁ. VOCÊ PODE TOMAR COMO REFERÊNCIA QUANDO A PESSOA NASCEU, QUANDO ERA ADOLESCENTE, JOVEM, ADULTO OU IDOSO, OU O ANO DA SUA MORTE).
- 14 – VERIFICAR SE O CEMITÉRIO TEM ALGUM PLANO DE CONTROLE AMBIENTAL? SE SIM, QUAL A LEI QUE REGE ESSE PLANO?
- 15 – INDAGUE SOBRE A EXISTÊNCIA DE PROBLEMAS DE CONTAMINAÇÃO DO CEMITÉRIO NO LENÇOL FREÁTICO DA REGIÃO.
- 16 – VERIFIQUE SE EXISTE ALGUM CONTROLE REFERENTE AO NECROCHORUME LIBERADO, E SE É FEITA A LIMPEZA PERIÓDICA DOS TÚMULOS PARA O ENTERRO DE OUTROS MORTOS.

Apêndice 3

Livro – Memórias De Minha Cidade: “A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios” – Por estudantes da disciplina eletiva

MEMÓRIAS DE MINHA CIDADE



Por estudantes da Disciplina Eletiva

“A história que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios”.

COLABORADORES: Da Guia, Da Piedade, Do Carmo, Mata Grande, Jardim da Paz, João Batista, Bom Jesus, Recanto da Paz, Parque dos Ipês, Do Porto, Francisco de Assis, Do Coxipó, Jardim da Saudade, Lago da Piedade, Do Rosário, Porto de Fora, Vila Aurora, Campo da Paz, Do Junco.

COLABORAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA: Ediglei Caetano de Araujo/Lílian Novack

REVISÃO DE TEXTO: Francisca Nailê Bernardo de Araujo

ARTE: Ediglei Caetano de Araujo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Autêntica/EE Profº Nilo Póvoas.

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

DE ARAUJO, Francisca Nailê B. (Org.). **Memórias de minha cidade:** por estudantes da Eletiva A História que brota dos túmulos conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios. Cuiabá, 2018.

SUMÁRIO

Memórias de Minha Cidade

1. INTRODUÇÃO	p. 2
2. POR Da Guia.....	p. 4
3. POR Da Piedade.....	p. 5
4. POR Do Carmo.....	p. 8
5. POR Mata Grande.....	p. 10
6. POR Bom Jesus.....	p. 13
7. POR João Batista.....	p. 14
8. POR Jardim da Paz.....	p. 16
9. POR Recanto da Paz.....	p. 17
10. POR Parque dos Ipês.....	p. 18
11. POR Do Porto.....	p. 19
12. POR Francisco de Assis.....	p. 21
13. POR Do Coxipó.....	p. 23
14. POR Jardim da Saudade.....	p. 26
15. POR Lago da Piedade.....	p. 27
16. POR Do Rosário.....	p. 29
17. POR Porto de Fora.....	p. 30
18. POR Vila Aurora.....	p. 32
19. POR Campo da Paz.....	p. 35
20. POR Do Junco.....	p. 36
21. CONCLUSÃO	p. 37

INTRODUÇÃO

Perceber a lacuna que existe em relação à História Local entre os estudantes da Educação Básica das escolas do Estado de Mato Grosso. A maioria, não tem conhecimento acerca da história e da cultura de Cuiabá e isso acaba levando à desvalorização da História e da Cultura, a falta de construção de identidade e raiz cultural com o lugar e da valorização do patrimônio material e imaterial da cidade.

A partir da constatação de que existe uma lacuna no conhecimento acerca da História Local da cidade de Cuiabá por parte dos estudantes, a ideia foi de preencher esse espaço adotando como estratégia o interesse dos mesmos pelo caráter investigativo da História.

A proposta deste projeto consistiu na ideia de conhecer a História de Cuiabá Antiga a partir dos cemitérios. A ideia do trabalho com jovens estudantes do Ensino Médio foi identificar a evidência histórica e o sentido da fonte histórica, através das inscrições dos túmulos para produção do conhecimento histórico.

Consideramos o cemitério como um espaço carregado de muita história e que faz parte da história dos estudantes, da vida à morte, mas esquecido na sociedade contemporânea em geral, principalmente por parte dos jovens, que parecem preferir esquecer a tradição antiga de culto aos mortos. Alegar não ter ido ainda em cemitérios, ou não gostarem da ideia implica inferir que o passado que existe guardado nos cemitérios é enterrado junto com os mortos.

Com o objetivo de dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de História e diante da necessidade do conhecimento da História Local, e, ainda, como estratégia de construção de saberes a respeito da própria história dos estudantes, esse trabalho tem como proposta a apropriação dos cemitérios históricos da cidade de Cuiabá – MT, como espaços de promoção da aprendizagem para além da sala de aula, como tradicionalmente se está acostumado.

As atividades propostas foram desenvolvidas a partir da sondagem de interesse com a turma inscrita na disciplina eletiva, de acordo com o Modelo da Escola Plena,

adotado pela SEDUC, desde 2016, no estado de Mato Grosso, para a realização de aulas que tenha o cemitério como mediador de conteúdos curriculares.

Os estudantes conheceram a relação existente entre a História e o espaço do cemitério. Estabeleceram contato visual com o espaço por meio de imagens fotográficas e visitação aos cemitérios locais mais antigos, como o Cemitério Nossa Senhora da Piedade e o Cemitério do Porto, para a elaboração de relatório sobre a visitação e aprendizagens no cemitério.

A partir das observações e registros, os estudantes socializam com esse trabalho, que ora apresentamos, os conhecimentos adquiridos nas visitas aos cemitérios possibilitando o brotar da história dos túmulos.

Com o gênero textual Memórias, os estudantes produziram uma coletânea de textos com o título “As Memórias da minha cidade”, que agora são socializados com a comunidade escolar na culminância da eletiva ao final do ano letivo.

Esperamos que através dessas leituras, o conhecimento construído nessa eletiva, as percepções, os sentimentos em relação à morte possam ser compartilhados, vivenciados e motivem os leitores à valorização da História de Cuiabá e a ter um novo olhar para o espaço dos cemitérios, percebidos como lugares de aprendizagem e conhecimento para além da sala de aula, como patrimônio histórico da nossa cidade.

Por Da Guia

Quando a professora disse que iria ter uma eletiva sobre morte, cemitérios e coisas desse tipo, já me despertou uma enorme curiosidade. Depois disso, me inscrevi e pensei: “vamos ver no que vai dar né?”. Desde então, aprendi coisas novas e percebi que a eletiva não aborda só sobre morte e sim a relação que nós como pessoas temos com ela, que cada cultura tem uma visão diferente sobre a perda.

Uma das atividades que mais gostei e que mais me tocou foi a da carta. Essa atividade seria a confecção de uma carta para alguém já falecido, e que posteriormente queimaríamos ela, com o intuito de que a fumaça levaria a carta para essa pessoa.

Depois disso, eu me “libertei” de um sentimento preso dentro de mim, e essa experiência de autoconhecimento foi muito boa, porque a partir daí mudei minha forma de encarar a morte. Porque antes da eletiva, a minha forma de encarar a morte era diferente da que é hoje. Entendo que a morte é algo natural e além disso, conhecer a morte através da Biologia e da História tornou a eletiva muito mais interessante pra mim.

Através das minhas pesquisas sobre o cemitério de minha cidade descobri que o Cemitério da Piedade é o cemitério mais antigo de Cuiabá e que nasceu juntamente com a cidade, com aproximadamente 290 anos. Atualmente conta com 3,2 mil túmulos e abriga inúmeros personagens históricos, não somente de Mato Grosso, mas do Brasil também, por exemplo: heróis da guerra do Paraguai, barões, baronesas, ex-governadores, historiadores...

A riqueza arquitetônica, transforma o cemitério em um verdadeiro museu. Esculturas, túmulos históricos contribuem para demonstrar a diversidade artística do Brasil. E esse costume de decorar túmulos com arte (pinturas, esculturas e outros) tem influência da Igreja Católica. Mais tarde esse ato passou a ser visto como um sinal de riqueza.

Por: Da Piedade

Eu entro na sala e vejo um caixão e o tema, a história que brota dos túmulos. Me interessei imediatamente não só por que as professoras eram ótimas, mas pelo fato interessante de se tratar da morte um assunto que as pessoas evitam em falar.

Essa eletiva tocou a todos nós trazendo boas lembranças e a saudade de quem os deixou. Vi muitos amigos contar seus relatos e fazer declarações soluçando em lágrimas, e quanto a mim, estava chorando junto com toda a emoção que foi ocasionada. Um desses momentos foi a queima de declarações onde devíamos escrever palavras que gostaríamos de dizer para quem já havia partido, me lembro de que eu escrevi para minha galinha de estimação que tinha quando criança já que ainda não vivi uma grande perda, foi bem engraçado aquele momento já que avia escrito algo bem carinhoso, mas de um modo cômico. Quando um de meus amigos mais próximos começou a ler me derreti como manteiga com as suas palavras e especialmente para a pessoa que ela havia dedicado sua declaração, seu pai que já havia falecido, fiquei tocada pensando se e fosse comigo? Depois saímos e queimamos as cartas em um ato de que a fumaça se leva com ela as palavras.

Fomos para um cemitério chamado Nossa Senhora da Piedade, cancelei uma viagem para ir nessa aula. Fiquei muito impressionada de tanta beleza em um lugar onde até então para mim existe tristeza. Tinha que escolher três túmulos para minha pesquisa, estava ansiosa para ver um túmulo em especial: a sepultura de Barão de Melgaço. Foi um homem muito importante aqui em Cuiabá e através das minhas pesquisas descobri seu nome, então, Augusto Leverger e que chegou, aqui, na capital Cuiabá em 1830. E ele viajou e navegou pelos nossos rios em estudos hidrográficos, governou o estado de Mato Grosso por 5 vezes e defendeu a província na Guerra do Paraguai. Além de ser muito respeitado, tanto pela população quanto pelos poucos homens cultos de então.

Agora quero citar dois túmulos os quais escolhi. O primeiro deles foi o de Jamilya Arruda. Ela nasceu no dia dezesseis de junho de 1954 e faleceu no dia quatorze de setembro de 1975. Foi uma pessoa muito querida pelo que podia se notar já que o seu

túmulo estava em excelente estado de conservação e havia nele muitas flores naturais. Ela morreu com 21 anos. E, com isso fiquei angustiada pensando o quanto ela tinha para viver. No dia 27 de dezembro de 1973, três anos antes de sua morte ocorreu a primeira celebração no período natalino na catedral metropolitana de Cuiabá, conhecida hoje como igreja matriz. Jamília também viveu em um período em que o Brasil vivia um contexto de endurecimento da Ditadura Militar, instalada de 1964 a 1985.

E, o segundo túmulo foi o de Carmelina Figueiredo da Silva, que nasceu no dia nove de setembro de 1909, vindo a falecer em vinte e dois de fevereiro de 1985. Nesse ano foi abolido o Regime Militar no Brasil. Assim, um ano antes de sua morte, o país se mobilizou reivindicando eleições diretas reunindo uma grande multidão nas principais capitais do país.

Andando no cemitério algo me chamou atenção, havia no meio do amontoado de túmulos uma cadeira, aí pensa andando e andando naquele sol quente eu não ia aproveitar essa cadeira dando sopa pra eu descansar? Quando me sentei naquela cadeira senti um “bagulho louco” (risos). Pensa numa cadeira boa pra queimar as nádegas! (risos). A história dessa cadeira é triste e romântica, ao mesmo tempo. Veja: a esposa de um senhor faleceu e foi sepultada, mas mesmo assim seu companheiro não saiu do seu lado, ou melhor do lado do seu túmulo. E ele levou uma cadeira para o cemitério e ficava sentado lá durante um bom período de tempo, e acabou que ele também faleceu e a cadeira ficou. Do lado daquela cadeira percebi o túmulo de uma mulher e aí então lembrei dessa história que a professora tinha contado para nós em sala de aula.

Em um certo momento enquanto eu estava tirando conhecimento de um túmulo, um homem se aproximou e perguntou em o que eu acreditava, o que eu achava que acontecia depois da morte. Respondi que acreditava de que quando morremos nossa alma espera para ir para seu devido destino, depois de ser julgado por Deus. A professora Michelly, que estava comigo começou a conversar com ele, confesso que estava meio distraída por isso não guardei muito o que estavam falando, estava com pressa porque assim que chegamos ao cemitério o tempo fechou e parecia que ia cair um toró daqueles.

Fomos também no Cemitério do Porto. E, nessa aula, estávamos perto do dia dos Finados. Então, o cemitério estava com um pouco mais de movimento que o normal: tinha pessoas acendendo velas, outras limpando lápides e funcionários trabalhando em túmulos não

terminados. Fui na esperança de entrevistar algumas pessoas, mas infelizmente ninguém quis ceder um pouco da sua atenção.

Essa eletiva foi um desafio para muita gente, muitos encararam como um modo de superação, eu como um modo de aprendizado sobre como o homem lidou com a morte com o passar dos tempos. Fiquei empolgada por ser um assunto sinistro e não estava com medo, ficava até tirando sarro de quem estava. Mas, o mais importante foi que aprendi a ser mais humana em questão dos meus sentimentos sobre a morte. Sempre fui muito insensível com as pessoas que perderam alguém. Deve ser, talvez, porque ainda não senti essa dor, que por sinal deve ser horrível, uma hora a pessoa está do seu lado e de repente ela some e você não poder mais dar um abraço, dar risada do lado dela, o que fica é só a saudade. Da segunda vez que fui no cemitério parei pra pensar: “Poxa ela tinha uma vida, uma família, um amor talvez!” É! Vamos valorizar a vida porque só se vive uma vez.

Por Do Carmo

Participar de uma eletiva sobre cemitérios motivou-me muito, porque a curiosidade foi maior. A pergunta que ficou na cabeça foi: o que eu vou fazer no cemitério, chorar? Porque é isso que mais acontece... não você simplesmente, irá investigar as vidas ali esquecidas, ocultadas, deixadas, memórias escondidas que alguns ainda não tiveram a oportunidade de saber, ou no mínimo, por falta de conhecimento, não saber que ali pertinho no centro de Cuiabá está enterrado Barão de Melgaço, que foi um herói na Guerra de Paraguai, que também está o ex-governador José Garcia Neto, mais conhecido como Garcia Neto.

Tenho certeza que, deve ter histórias fantásticas sobre personagens importantes e talvez que nem tenha sido valorizado tanto assim. Pensei que seria uma aula que você “provavelmente” ia abordar um assunto temido na sociedade, que as pessoas não têm um hábito normal de falar: a história que brota dos túmulos! Pelo fato de ser ao mesmo tempo “estranho” e “diferente” que ainda muitas pessoas, não superaram o medo, o trauma, de ir ao cemitério e já acostumados de saírem de lá triste. Pra falar a verdade, já tinha uns tempinhos aí, que eu queria fazer, uma visita ao cemitério, e com a eletiva A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir do cemitério, como eu já “tava” com esse pensamento, decidi me inscrever para ficar informada de temas, bem curiosos.

A experiência na aula campo foi tanto calorosa quanto divertida. Ao descermos do ônibus já sentimos o calor de Cuiabá, na entrada dava de ver que o cemitério era enorme. Daí pensei comigo “há tanto tempo eu querendo entrar e estou aqui, pronta para investigar túmulos e desvendar mistérios”.

Entrando com muita dificuldade aos lados dos túmulos, observei um homem fazendo seu trabalho parou e chamou nos atenção falando sobre as coisas de Deus o fim do mundo quando a trombeta tocar, falou um pouco sobre a morte... etc. Gostei tanto e além disso ao chegarmos na escola comemos pizza, curti muito a aula de campo e espero ir de novo ao cemitério.

Eu escolhi uns três túmulos: de uma mulher e de dois homens. Esses túmulos chamaram minha atenção por causa da aparência, do tamanho, qualidade da estrutura. Só o da moça tinha umas seis pessoas no túmulo, da Ivone só tinha ela se identificando. Eu acho que os outros por serem de família bem de vida, não quiseram colocar a data do falecimento, nem a do início da vida, muito secreto tudo isso, indaguei comigo mesma, porque não colocaram todos os nomes dos falecidos, uma pergunta que não será respondida tão facilmente. Constatei que provavelmente houve sim reformas recentes no túmulo da Ivone. Tanto que parecia que tinha reformado, um dia antes de nossa visita pois estava aparentemente bem cuidado. A construção do túmulo, e mais ou menos a data da morte da falecida, que é em 01/04/2017. Tinha uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida, e uma vela bem desgastada. Era uma casinha de mármore, não tinha coberturas, tanto que quem foi enterrado era bastante religiosa, o formato era quadrado.

Também tive a oportunidade de entrevistar um senhor de idade. E ele me narrou um acontecimento bem estranho: de uma pessoa que trabalha lá no cemitério limpando os túmulos. Segundo ele, a mesma cotou que recebeu a ligação de uma senhora pedindo que desse uma geral num túmulo que ela pediu, e depois de ter feito o serviço, ela ligou pra senhora cobrando o dinheiro, aí a família diz que a senhora está falecida a muito tempo.

Por Mata Grande

Venho descrever minhas memórias e as dos entes queridos de cada falecido cujo nome me foi dado permissão para citá-los. Primeiramente, serei um pouco egoísta e falarei sobre o projeto do qual tive dificuldades para ingressar de primeira, projeto ao qual proporcionou que os mortos ganhassem vida.

A HISTÓRIA QUE BROTA DOS TÚMULOS: CONHECENDO CUIABÁ A PARTIR DOS CEMITÉRIOS foi uma eletiva da Escola Estadual Plena Professor Nilo Póvoas, que por meio da morte buscou fazer que a história aparentemente enterrada ganhe vida e que os jovens pudessem encontrar algo a mais dentro de si e dentro dos túmulos.

Como aluna e como pessoa me interessei desde o início da divulgação por essa eletiva, pois, de certa maneira, ela me cativava o desejo e a imaginação e eu me via, me identificava com ela. Sentia-me e sinto-me ainda atraída por ela, pelo assunto que ela “cavava”, porém não foi tão fácil seguir esse caminho fúnebre.

Antes de poder ter participação dentro dessa tão misteriosa eletiva tive que participar de outra pois ao fazer a seleção não consegui conquistar meu lugar com os mortos e tive que seguir minha segunda opção, mais para frente fui conversando com a professora e ela conversando comigo e eu sempre tentando achar uma “brechinha” para poder participar de sua eletiva pois a outra não me prendia ao conhecimento eu ia por obrigação. Depois de um tempo me veio a oportunidade: quando soube que alguns alunos desejavam trocar de eletiva e, principalmente, quando uma colega de minha turma foi embora. Achei ótimo, porque finalmente com essa partida eu pude no dia 04 de outubro de 2018 participar desse que pra mim era um lindo projeto.

Nossa primeira visita foi no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, no dia 11 de outubro de 2018. Ao chegar no local a primeira coisa que toda a turma fez foi tirar uma fotografia em frente a fachada, que em 1998 foi tombada como Patrimônio histórico de Mato Grosso.

Nascido de uma pequena chácara aos arredores da província cuiabana, o Cemitério Nossa Senhora da Piedade tem, ao longo dos anos, desempenhado papel que não se restringe somente ao sepultamento de corpos. Tem servido ainda, por sua importância histórica, cultural, de espaço para pesquisas de teses e aulas de história, de temas para livros. O lugar carrega traços de arquiteturas portuguesas, francesas e italianas, além, claro, do nosso Brasil.

As obras registradas pelas estreitas alamedas da Piedade trazem características da tendência do ecletismo e historicismo que resgatam estilos históricos greco-romanos, gótico, barroco e o romântico. Também estão presentes, em um entrecruzamento, as artes sacras das tendências retrospectivas e progressistas do século XIX.

De extrema importância para entender a segmentação social da cidade no século XIX e início do século XX, Piedade abriga trabalhos em mármore Carrara, trazidos por artistas italianos da província de Corumbá, de onde vinham também arquitetos, em sua maioria portugueses e franceses, para desenhar os traços 'sepulcrais'.

A primeira pessoa que pude entrevistar, quando visitamos o cemitério Nossa Senhora da Piedade, foi a senhora Acy Correa da Costa. Confesso que tive essa oportunidade de entrevistá-la antes de todo mundo pois enquanto minha professora ainda explicava o que deveria ser feito e como deveria ser feito, de mansinho eu pedi permissão e logo, educadamente, me sentei ao lado da senhora para entrevistá-la enquanto ela me contava a sua história.

Descobri que a Dona Acy já foi professora da escola a qual eu estudo e foi a primeira filha de seus pais e que no dia 12 de outubro completaria 82 anos de casamento. Quando ela nasceu o pai dela estava com 22 anos e a mãe estava com 20 anos. A mãe morreu em 2007 e o pai, não aguentando ou querendo seguir logo sua amada, morreu no ano seguinte, em 2008.

A senhora Acy nunca namorou nem nada, sempre solteira é a primeira filha do casal que teve 10 filhos. Isso mesmo que está escrito! Eles tiveram no total 11 filhos sendo ela a única filha mulher. Ela ajudou a alfabetizar todos os 10 irmãos e se sente muito orgulhosa pois hoje em dia eles são: médico, doutor em Química pela UFMT, médico das Forças Armadas, farmacêutico, enfermeiro... E tem o que virou professor de química, na UFMT, veio a falecer em 2014 em um acidente. E, hoje, é enterrado ao lado dos pais.

É interessante saber que uma mulher foi capaz de ajudar a criar os próprios irmãos os quais todos se formaram na Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá. E, até hoje, cuida com muito amor e carinho da lápide dos pais e a do irmão, que ela teve uma carreira de sucesso sendo professora, diretora, e também lecionando durante o período noturno.

Sinto-me agradecida por ter tido a oportunidade de conversar com a senhora Acy Correa da Costa, uma senhora tão simpática e modesta que me proporcionou um momento exuberante de prosa e, também de proporcionar conhecimento aos meus colegas, permitindo ser parte dessa nossa criação.

Aprendi que principalmente que os túmulos mais que memórias nos dão conhecimento e mais do que conhecimento, eles sussurram vida, nos contam histórias.

Por: Bom Jesus

A minha maior motivação em fazer parte da eletiva foi a importância de conhecer um pouco mais sobre a história da cidade que vivo há 14 anos e não conhecia quase “nada”. Muito pouca coisa. Mas agora sei coisas incríveis que eu não sabia e tenho muito orgulho de morar em uma cidade maravilhosa que tem muitas histórias que vou contar para os meus filhos e bisnetos.

Visitei os cemitérios mais antigos de Cuiabá: o Nossa Senhora Da Piedade e o Cemitério do Porto. Nesses cemitérios vi muitos túmulos que parecem que a família não vai mais visitar; outros, em que os parentes vão ou iam quase todos os dias pra acender velas; outros, em que só iam no Dia dos Finados, que é dia 02 de novembro, e não iam mais e largavam de mão, iam só no outro ano.

No cemitério do Porto, eu entrevistei um senhor que “tava” fazendo uma campanha que ajudava as famílias com algumas doações. Devemos pensar que tem muitas famílias de pessoas que morrem, principalmente quando é aquele que sustenta a família que vem a falecer, e que passam por dificuldades.

O senhor que entrevistei também falou que costumava ir até o cemitério para beber uma cerveja geladinha (risos) com uma turma de amigos e ainda sentavam nos túmulos. Ele falou também sobre a doença de epilepsia que pessoas que desmaiava e demorava pra acordar e os parentes pensavam que tinha morrido e eles velavam o corpo. Daí a pessoa que estava desmaiada, acordava e estava sendo velada. E eles falavam que era milagre de Deus. E em outros casos, os parentes já enterravam a pessoa, e quando o coveiro ia tirar os ossos, o corpo “tava” de barriga pra baixo, virado no caixão.

Por João Batista

Quando comecei nesta eletiva de cemitério foi porque eu queria saber mais sobre morte. No começo eu não gostava muito disso, mas depois, comecei a gostar.

Através dessa eletiva A História que brota dos túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios pude conhecer e saber sobre a vida de pessoas que morreram. E, descobri que, diferente do que pensava antes, é muito legal, porque através das histórias, dos acontecimentos sobre detalhes da vida das pessoas que escolhemos para pesquisar me fez mudar minha maneira de ver a vida, de agir com as pessoas, de buscar não fazer a coisa errada. E esse detalhe é muito importante pra mim.

É por isso que gostei dessa Eletiva. Quando eu fui no cemitério, vendo os túmulos das pessoas que já morreram, confesso que me senti triste. Ainda mais por ver nas inscrições dos túmulos que tem gente que morreu mais cedo. Mas vi também que outras não, viveram até um certo tempo.

Quando eu fui cemitério do Porto, eu escolhi o túmulo do Sr. Agrícola Paes de Barros, porque ele era famoso, túmulo, e era bem falado, e a pesquisa sobre ele descobri que ele foi um político e médico brasileiro. Exerceu o mandato de deputado federal constituinte por Mato Grosso em 1946. E que ele nasceu em 4 de novembro de 1897, em Santo Antônio do Rio Abaixo, Minas Gerais, Brasil, e morreu em 9 de maio de 1969, em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

A vida política agrícola Paes de Barros começou com o cargo de vereador de Cuiabá. Depois da Revolução de 1930, candidatou-se à Assembleia Estadual Constituinte do Mato Grosso, e posteriormente, no fim de 1945, elegeu-se deputado por Mato Grosso à Assembleia Nacional Constituinte pela União Democrática Nacional.

Agrícola formou-se, em 1935, em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, capital do país na época. Concomitantemente, formou-se também em odontologia, agora pela Faculdade Hahnemanniana do Rio de Janeiro. Voltando ao Mato Grosso, exerceu a profissão como Diretor de Saúde Pública, médico-legista e médico da Profilaxia Rural.

É lembrado como um profissional "humanista" pela vinculação da política, prática médica e atuação crítica por meio da imprensa, na qual publicava constantemente artigos em publicações distintas da sociedade mato-grossense.

E existe uma avenida em Cuiabá que recebe seu nome homenageando o famoso médico o político de Cuiabá.

Essa foi a minha pesquisa e a minha experiência de quando eu entrei na eletiva de cemitério....

Por Jardim da Paz

No começo quando eu fiquei sabendo que ia ter essa eletiva eu me interessei pelo nome que se chamava “A História que brota dos túmulos conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios”. Túmulo para mim foi uma palavra muito forte e me chamou muito atenção pelo fato que tive várias perdas e que ainda não consegui superar.

No começo quando teve a inscrição para a eletiva eu fiquei muito curiosa. Mas, ao mesmo tempo nervosa, pois, eu não sabia, realmente, qual seria minha reação ao contar sobre a minha história com a perda.

A palavra perda para mim reflete em dor e angústia porque assim: ao mesmo tempo que você tem uma pessoa ao teu lado, num piscar de olhos você pode não ter mais ela ao teu lado. Por isso, eu acho que temos que curtir cada momento da nossa vida porque o tempo ele é traiçoeiro. Ele leva a pessoa que amamos no momento que não esperamos.

E, com isso, nós temos que ser muito forte para superar essas perdas que pode nos levar até em depressão total. Algumas vezes as pessoas chegam a entrar em choque.

Por Recanto da Paz

Em uma tarde, enquanto fazíamos os últimos retoques para festa junina, havia alguns comentários sobre a famosa eletiva “A história que brota dos túmulos”. No começo senti um certo receio, mas no meu coração havia uma curiosidade enorme em saber dessas histórias. Sempre tive um certo amedrontamento em relação aos mortos, não podia saber sobre a morte de alguém que pronto, aquela noite seria assustadora ao fechar meus olhos e imaginava aquela pessoa aparecendo e pegando no meu pé, E assim demorava horas para dormir.

A participação nessa eletiva foi uma grande oportunidade de superação para vencer esse temor. Depois da determinação e enfim coragem de entrar na eletiva, veio a parte mais importante que era conseguir uma vaga na eletiva, pois era a mais concorrida.

Chegou o grande dia. E eu estava muito ansiosa e com medo dos meus concorrentes, estava todo mundo comentando até mesmo preparando estratégias no intuito de conseguir a vaga. Mas eu estava confiante e finalmente ufa! Consegui.

As aulas de eletiva foram muito produtivas, consegui matar muitas curiosidades em relação à morte, cemitério e aprendi muito através dessa temática. A melhor parte foi quando realmente comecei a sentir superação em relação ao medo dos mortos.

Nas minhas visitas ao cemitério me sentia como se estivesse em outro lugar não em um cemitério, visitei todos os túmulos e conversei com algumas pessoas, foi essencialmente incrível. Posso dizer que foi realmente tudo que eu esperava que fosse e me sinto extremamente grata.

Por: Parque dos Ipês

Quando entrei na eletiva de túmulos, estava procurando algo em que eu me identificasse, e com o decorrer do tempo vi que foi o que eu realmente encontrei, buscava novos aprendizados sobre o assunto de morte, túmulos e pessoas que fizeram história em Cuiabá.

Gostei muito do que aprendi, tudo isso me ajudou bastante a mudar meu conceito sobre morte. Eu via túmulos e cemitérios como um lugar sombrio, depois da entrada na eletiva comecei a perceber que era um lugar normal e será o destino de todos nós.

A princípio no início me deu um certo medo, mas no decorrer do passeio percebi que era um lugar interessante, tirei bastante fotos anotei bastante nomes de famílias importantes aqui em Cuiabá que fizeram grandes histórias.

Me interessei mais pelos túmulos de famílias, não tive um concreto com o qual me interessei, todos sobre famílias me chamaram a atenção.

A parte mais triste é que a eletiva está acabando, mas me deixou uma grande lição, não importa o que façamos ou o que temos ou até mesmo o que conseguimos na vida, o nosso destino é e será a morte e não levaremos nada a não ser o nosso caráter e nossa humildade.

Por Do Porto

Os motivos que me fizeram a participar dessa eletiva foram que na nossa escola normalmente nunca falou de cemitérios e a eletiva abriu portas para ampliar meus pensamentos sobre cemitérios.

Quando fomos para aula campo no cemitério tínhamos que escolher de 3 a 4 túmulos para falar sobre ele. Eu escolhi o túmulo do sargento Manoel Machado Costa, que nasceu em 18/12/1934 e morreu em 30/08/1964, porque o pai da minha vó foi sargento, então isso lembrou muito dele por isso escolhi esse túmulo.

Outro túmulo que eu escolhi foi de um casal da família Souza que era Juzina de Matos Souza, nasceu em 24/04/1926 e morreu em 09/07/1995, e Gregório Pereira de Souza, nasceu em 12/03/1913 e morreu em 14/08/2005. Escolhi esse casal porque tinha uma diferença de idade: o homem tinha mais idade, era mais velho e a mulher mais nova com diferença de 13 anos. No túmulo do sargento foi o único enterrado que não teve remoção do corpo para colocar outro familiar. Ele morreu em 1964. No jazigo da família Souza foram enterradas seis pessoas no mesmo lugar, mas apenas com quatro gavetas e a pessoa mais antiga a ser enterrada foi a Sra. Juzina de Matos Souza.

A construção do túmulo da família Souza foi feita pelo seu filho porque naquela época eles não tinham condições de fazer uma lápide bonita. Do sargento a lápide dele foi meio que abandonada não tem flores não houve reformas deis do dia que foi enterrado. Os adereços da família Souza têm uma lápide com foto dos 6 falecidos, que foram enterrados lá nos túmulos deles, tem flores artificiais e tem só quatro gavetas. Do sargento só havia uma cruz e não tinha flores ou algo assim. Da família Souza, o túmulo era feito de mármore e do sargento era feito de cimento e tijolo. Da história dos falecidos descobri que, da família Souza, do casal que a mulher, mesmo sendo mais nova, morreu primeiro que seu marido por causa que ela fumava.

No cemitério, eu conversei com o Sílvio, um dos funcionários do cemitério que trabalha lá tem 6 anos. Até agora ele trabalha de tarde até mudar o turno. Ele demonstrou ter bastante afinidade com as pessoas que levam o corpo para o enterro. Ele já presenciou uma família que perdeu a filha em um acidente de moto. Segundo o mesmo, a criança estava no meio da moto e a mãe atrás para segurar sua filha e seu marido pilotando a

moto, quando o pai dela freou a mãe prensou a filha na moto e acabou quebrando nove costelas e acabou morrendo prensada.

Havia algumas pessoas que estava no cemitério Nossa Senhora da Piedade no dia que fomos. Entre elas encontramos, além do Silvio, a dona Cida e alguns trabalhadores. Vi que alguns túmulos estavam conservados mais tinha uns que estavam abertos, malcuidados, como se ninguém tivesse visitado ou reformado.

Observei também que os túmulos passavam a impressão de diferença entre os túmulos: uns eram de mármore, outros de cimento, outros de cerâmica. Isso, para mim, mostra a condição de dinheiro.

No cemitério de Nossa Senhora da Piedade não tive conhecimento de nenhum plano ambiental. O que apareceu em minha pesquisa foi só uma indicação da “invol”, que eu encontrei que oferece um produto chamado de manto protetor “invol” ambiental, que é absorvente, e linhas para ajuste do corpo. Sua aplicação é feita pela empresa funerária que reveste toda parte da base do caixão, no cemitério de Nossa Senhora da Piedade. Na maioria dos cemitérios existem problemas com o necrochorume e no cemitério de Nossa Senhora da Piedade a limpeza dos túmulos são feitas a 7 ou a 5 anos para ter o tempo de decomposição dos corpos.

Por Francisco de Assis

Tudo começou em uma aula de história, a minha Professora e Historiadora, Nailê, tem realizado um projeto para seu Mestrado. Ela e sua mente com ideias incríveis desenvolveu a Eletiva “A História que Brota dos túmulos: Conhecendo Cuiabá através dos Cemitérios”. Mas minha participação nessa eletiva começou pela divulgação nas aulas de história que mesmo antes de divulgar para toda comunidade escolar já tinha um índice que uma das eletivas que chamam a atenção por abordar o tema “MORTE”. Até que chegou o dia em que todas as ideias sobre a eletiva foram divulgadas e chegando o dia do sorteio das “Eletivas” após suas divulgações a Eletiva de minha professora tinha maior concorrência entre as outras eletivas e quando deu o sinal para cada aluno escolher sua respectiva “Eletiva” foi uma loucura, mas deu certo!!! No dia seguinte eu tinha uma vaga na Eletiva e foi o início de novas experiências que eu nunca tinha pensado em viver...

Começando pelas “Cartas para um Ente Querido” a vídeos que falam da morte e conversas sobre experiências com a “morte”. Com o tema principal a “MORTE”, nossas atividades eram sempre dinâmicas voltada para histórias passadas de pessoas que faleceram e que fizeram história, mas que tenham sido enterradas com elas. E a Eletiva fez com que essas histórias brotassem dos túmulos...

Com a ajuda de nossas “Aulas Campo” fizemos histórias brotarem dos túmulos no “Cemitério Nossa Senhora da Piedade” e também no “Cemitério do Porto” em Cuiabá-MT. Funcionava assim: três grupos de alunos se dividiram e tinham que escolher três túmulos para usar como fonte histórica tendo como atividade anotar nomes, data de nascimento, data de morte e tirar fotografias para recordar sobre a fonte histórica.

No meu caso peguei um túmulo que fiz dela brotar a história de Antônio Peixoto de Azevedo, Militar, reconhecido como herói de guerra, morreu no dia 11/01/1867, defendendo o império do governo de Curuzu/Paraguai. Matogrossense e cuiabano da gema, seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério da Piedade, em Cuiabá, em túmulo especialmente construído em forma de homenagem pelo Parlamento Provincial matogrossense, através de lei de 2 de julho de 1868.

Outra fonte histórica que escolhi foi a do Dito Fiscal nasceu em 05/01/1958 e morreu em 06/12/2005, Dito Fiscal era bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Mato Grosso e trabalhou como fiscal de tributos do Estado na Secretaria de Fazenda. Tinha muita influência política em Cuiabá e acabou se tornando vereador filiado ao PPS. Dito fiscal foi vereador por Cuiabá até dezembro de 2004, quando deixou a política após a sua morte. Muitos dizem que Dito Fiscal tem deixado mensagens antes de morrer mais nada foi encontrando, mas seus familiares estão à procura da tal carta de Fiscal, mas por enquanto essa história não brotará de seu túmulo.

As histórias que brotaram desses túmulos são ainda poucas sobre o que podemos saber sobre o passado, não sabemos quando a morte baterá em nossa porta então “viva como se fosse morrer por que você vai “. A morte leva com ela muitas fontes históricas que poderiam estar sendo lembradas pelas gerações adiante. Então faça história, mas não morra com elas ou deixem pistas para que outros pesquisadores ajudem “regando o túmulo e fazendo com que a semente enterrada nos túmulos brote cheias de história”.

Por Do Coxipó

Quis entrar na eletiva a História que brota dos Túmulos: conhecendo Cuiabá a partir dos cemitérios porque achei o tema da eletiva muito diferente, visto que não é falado em matérias normais da escola. Indagava comigo mesmo “como poderíamos saber a história de um lugar a partir do cemitério?”. E quando soube que iríamos falar a respeito da morte, fiquei intrigada como seria, pois, em minha vida há um certo tempo, perdi algumas pessoas que gostava muito e vi uma oportunidade de tentar superar essa tristeza a partir dessas lembranças.

A eletiva em si teve dinâmicas muito boas como a carta que fizemos para um ente querido, a experiência que tivemos quando nos imaginamos crianças novamente, o depoimento da coordenadora da Ana Maria sobre sua relação com a morte e o principal da eletiva: a ida ao cemitério.

Ida ao cemitério Nossa Senhora da Piedade

O cemitério é bem antigo, aliás o mais antigo de Cuiabá, sua fachada foi construída em 1815 e está muito bem conservada. Infelizmente, nem tudo está tão conservado como a fachada, alguns túmulos por exemplo, estavam abertos e cheios de entulhos.

A ida ao cemitério, acho que foi algo diferente para todos, mas para mim com certeza foi algo novo pois nunca tinha ido a um cemitério antes. Não é como eu imaginava, pensava que todos os túmulos eram iguais independente das pessoas que estivesse ali. Ali encontrei pessoas que visitam túmulos, alguns de familiares, outros de amigos, mas todos tinham muito respeito, acendiam velas aos mortos e rezavam pelos mesmos.

Qual foi o sentimento que tive presente no local?

Em minha família não há casos de mortes recentes. Perdi um amigo há 2 anos, fiquei realmente triste nessa época, naquele local pude relembrar disso, a cada túmulo, observava fotos, flores e as mensagens deixadas pelos próprios parentes. Com isso, refleti

sobre a vida, pois aquelas pessoas que estão ali, um dia tiveram vida. Assim, logo cheguei à conclusão que um dia eu também estarei na mesma situação. Na verdade, não tenho medo de morrer, claro, quero ter uma longa vida pela frente. Mas estar num cemitério me fez ver como nós, humanos, somos realmente simples seres mortais: hoje estamos vivos, mas e amanhã?

Voltando aos túmulos, fotografei alguns que me chamaram bastante atenção, entre eles: Frei Quirino Franz e Barão de Melgaço.

Frei Quirino Franz

Seu nome de batismo é Johannes Eberhard, nasceu em 28 de abril de 1913, no Estado de Hessen, na Alemanha. Ele em sua infância vivenciou a Primeira Guerra Mundial, com toda certeza não foi uma infância fácil. Fruto de uma família religiosa, aos seus 21 anos sentiu que tinha um chamado para a vida religiosa, entrou na igreja como noviçado em 1934, em Salmunster. Ele não gostava muito de seu nome, por isso, quando soube de um capitão do antigo exército romano que se chamava São Quirinus, logo quis “copiar” de certa forma o forte nome. Ele se tornou Sacerdote num convento em Monte Mariano em Fulda.

Mais tarde, após a Proclamação da República, o Papa Leão XIII, pediu que os franciscanos europeus viessem para repovoar as paróquias brasileiras, época que estava necessitando de líderes religiosos. Assim, em 1938 a província de Fulda começou a mandar padres para Mato Grosso. Com isso, a convite de Dom Francisco Aquino Corrêa – arcebispo de Cuiabá - veio o Frei Quirino.

Não conhecia nada no Brasil, e muito menos de Mato Grosso, mas mesmo assim aceitou o convite. Após a sua chegada, foi nomeado por Dom Aquino, vigário de Rosário Oeste, ele conta também que teve dificuldades no aprendizado da nova língua, clima, falta dos parentes. Ele visitava doentes e dava tanto auxílio espiritual como também material, também recebeu de seu pai uma grande herança que investiu em reformas e construções de paróquias.

Frei Quirino deu assistência a muitas pessoas, entre elas, soldados da Marinha, Exército e Polícia Militar. Mais tarde recebeu muitas homenagens dos mesmos: “Não sei o que fiz para merecer tudo isso”, diz ele, “se pudesse, faria tudo de novo. Tenho saudade do contato pessoal com os jovens”.

Frei Quirino Franz foi internado por embolia pulmonar e faleceu dia 18 de março de 2003, aos 89 anos no Hospital Santa Rosa.

Barão de Melgaço

Seu nome completo é Augusto João Manoel Leverger, nasceu no dia 30 de janeiro de 1802, em Saint Malo, na França. Entrou como segundo tenente na Marinha brasileira em 1824, batalhou no Rio de Prata – Uruguai e Argentina. Chegou em 1830 na capital de Mato Grosso, Cuiabá.

Algum tempo depois de se casar com Ignez de Almeida Leite, em 1843, foi nomeado presidente da província de Mato Grosso. Em 1864, foi comandante da defesa na Guerra do Paraguai, protegeu o Morro de Melgaço, mesmo sem a vinda de seus inimigos do Paraguai, por seu ato de coragem e bravura, ganhou o título Barão de Melgaço.

Augusto Leverger, foi também escritor, pesquisador e diplomata, existem 36 títulos deixados por ele sobre explorações feitas em Mato Grosso. Até hoje, ele continua sendo de grande fama, sua casa se transformou na sede das mais importantes instituições culturais de Mato Grosso.

A escolha desses túmulos foi por serem pessoas que já tinha apenas ouvido falar, mas gostaria de conhecer. Mas, certamente, são pessoas de grandes nomes em Cuiabá e que contribuíram, positivamente, para o desenvolvimento da história de Cuiabá.

Por Jardim da Saudade

Escolhi essa eletiva porque achei interessante esse tema e porque não sabia lidar com a morte, eu meio que tinha medo da morte.

O primeiro túmulo que escolhi no Cemitério Nossa Senhora da Piedade foi o do Coronel José Marques. Eu escolhi esse túmulo porque achei interessante. Pela inscrição do túmulo foi enterrado apenas ele. Sobre o túmulo dele tinha uma cruz já bem gasta de metal e também uma imagem muito antiga. Ele nasceu em 11/12/1871 e faleceu em 22/08/1911, não havia flores o túmulo era bem antigo como se vê pela data do falecimento. Nesse túmulo pelo que eu vi foi feito de tijolo e não há cobertura. Um túmulo velho e com rachaduras sobre as inscrições que nele existiam. Não conversei com ninguém que estava no cemitério para saber mais informações sobre esse túmulo.

Observando o túmulo percebi que tinha a seguinte frase saudades eternas de sua esposa e de sua mãe. Ele era coronel não muito conhecido historicamente, como alguém que se destacou, mas aparentemente, pelas inscrições do túmulo, muito querido pelos amigos, mãe, esposa e parentes. Mas observei que o túmulo não está sendo bem cuidado parece que está um pouco esquecido.

Senti algo arrepiante, pois, só em pensar que esse homem sorria e chorava, entre tantas coisas que deve ter feito na sua vida. E é impressionante o fato de você não ter conhecido essa pessoa. E saber que um tempo ela viveu, sentiu, teve uma história.

Por Lago da Piedade

Esse ano quando eu decidi escolher minha eletiva foi algo diferente para minha vida, porque falava sobre morte. Algo que eu não estava acostumada, algo que eu não gostava por ter perdido alguém muito importante na minha vida, mas a eletiva fez eu ver a morte com outros olhos. Hoje posso dizer que não é algo bom, mas só você tem que entender o que realmente sente em relação a morte. Algo que a eletiva ajudou.

Quando visitamos o cemitério eu fiquei muito assustada porque era algo que eu também não estava muito acostumada. Na verdade, era medo por que toda vez que eu ia ao cemitério e por ter perdido alguém, então não gostava. A sensação no começo era de medo por ter ouvido muitas histórias de terror sobre fantasmas, cemitério como casa dos mortos, mas não tem nada disso. É muito tranquilo. Sério é bom, tem paz. Gostei muito e, sinceramente, eu mudei muito a minha opinião sobre o cemitério. Desculpas, mas eu precisava falar. Quando eu cheguei no cemitério senti muito MEDO por várias coisas sobre aquilo. Mas, passando o tempo, eu fui conversar com eles, e deitei sobre um túmulo e orei para eles descansar em paz, foi muito bom eu gostei.

Eu também descobri que as pessoas destroem o meio ambiente, sejam vivas ou mortas, não importa a sua situação que ela vai poluir no mesmo jeito. Os cemitérios não são cuidados e construídos adequadamente, e poluem o nosso meio ambiente por causa do necrochorume.

Quando eu visitei o cemitério Nossa Senhora da Piedade eu conheci túmulos importante para a história de Cuiabá, o cemitério é importante para nós conhecer mais sobre a nossa cidade é bom você visitar o cemitério mesmo não ter perdido alguém por que assim você vai ter mais tempo para estudar a história, e no cemitério nossa Senhora da Piedade, eu não conhecia e foi por causa da eletiva que eu conheci mais no começo foi difícil pensei porque eu estou visitando, o que eu estou fazendo aqui, mas tudo era parte de conhecer a história de Cuiabá. Lá no cemitério eu encontrei muita diversidade social “Quando você morre não tem riqueza ou pobreza você vai para o mesmo buraco”, sim isso é verdade, mas você vai ver que uns túmulos têm mais que o outros, um é mais

conservado e outro e mais abandonado. E foi no cemitério da nossa Senhora da Piedade que eu percebi isso (é aí que a gente vê que o ser humano quer ser melhor que os outros não tem igual até para ser enterrado). A pessoa que eu escolhi é Maysa Takahashi Pelegrini nasceu e morreu 15/03/1976. No ano que ela nasceu foi o ano que o Presidente Geisel mandou demitir o General Ednardo D'Ávila, comandante do 2º Exército, abrindo uma crise com a linha dura, à época do governo dos militares.

Quando eu visitei o cemitério do Porto percebi que lá também tem muito túmulo histórico, como eu já tinha visitado outro cemitério, não foi tanto uma novidade mais foi muito interessante por conhecer outras histórias. Então lá eu escolhi o túmulo de uma família, um dos falecidos foi Antônio Caninas Ventura , nasceu 30/03/1896 e morreu 13/01/1968 quando ele nasceu aconteceu, em 1896 o Doutor Antônio Corrêa da Costa, presidente da província de Mato Grosso, usando da autorização conferida pela lei nº 152 de 16 de abril último mandou que no serviço de instrução pública do mesmo Estado seja observado o Regulamento expedido nesta data .

Para mim foi muito legal esse eletiva, posso dizer que eu superei muitas coisas.

Por: Do Rosário

O que me motivou a entrar nessa eletiva foram os interessantes assuntos se tratando da morte, além de que gostaria de saber mais da história do local em que vivo.

Quando entrei nessa eletiva já sabia que iria mexer com meus sentimentos pelo fato de ter perdido meus avós. Os assuntos tratados nas aulas me fizeram refletir e superar o que aconteceu, também descobri e aprendi coisas que não tinha conhecimento.

Além de aulas teóricas, saímos para aulas fora da escola, visitamos dois cemitérios que para mim foi uma experiência fantástica, senti que estava fazendo algo importante e me senti uma investigadora.

No cemitério pesquisei sobre alguns túmulos, uns dos túmulos que me chamou atenção foi de Nair Rosa Domingos, ela nasceu no dia 31/03/1917. No dia 28 de março de 1924 ocorreu em Cuiabá um aglomera mento de cerca de dois mil cuiabanos em um campo de pouso improvisado para assistir o primeiro pouso de um avião em Cuiabá, nesse ano Rosa teria três anos, ela faleceu no dia 04/12/1989.

Peguei também para pesquisar um falecido do túmulo de uma família, a Família Mendes. José Sabo nasceu na data 18/03/1932 e faleceu no ano de 1999 no dia 11 do mês de junho, acho eu de que ele vivenciou um desastre que ocorreu aqui na capital em 1974 no dia 18 de março, em que o rio Cuiabá atingiu 10,87m depois das fortes chuvas que desabaram sobre a capital, onde 24 mil pessoas ficaram desabrigadas após a água invadir casas e regiões. A força da água foi tão grande que inundou e fez desaparecer até alguns bairros ribeirinhos. Nesse ano José tinha 42 anos. Pesquisei sobre outras pessoas, mas quis colocar essas em evidencia por que foram as que mais me chamaram a atenção.

Mas quero registrar aqui que o que eu senti assim que entrei pela porta daquele cemitério foi de arrepiar. E comecei a refletir de que ninguém é um ser imortal e, de que algum dia, eu e todos nós vamos nos juntar a eles.

Por: Porto de Fora

“História que brota dos túmulos” QUE MÁXIMOOO...

Foi o que pensei quando li o q estava escrito no uniforme dessa eletiva, aí resolvi perguntar para a minha prima que já pertencia a esta eletiva sobre o que se tratava. Ela me explicou que se tratava sobre morte, túmulos e etc, a partir dali já me identifiquei muito e quis participar também, mas ela me disse “Ah querida não tem mais vagas”. Questionei imediatamente “O que como assim? Por quê?”. Então, ela me disse que era uma das eletivas mais lotadas, até porque é uma das mais legais, e você não vai entrar e ainda deu risadas. Fiquei bem triste, mas o que fazer.

Até que um dia, a professora Nailê passou na minha turma e chamou uma amiga minha que era integrante da eletiva para ir para ao passeio da eletiva que ia ter no dia, e ela não quis ir. Logo perguntei se ela trocava de eletiva comigo e ela concordou. Na mesma hora já gritei para que professora Nailê me levasse. Dai ela parou, olhou pra mim, perguntou de qual eletiva eu era e papapa pipipi, e tcharaaam consegui mudar pra essa eletiva. Queria ver a minha prima Layza que falou que eu não ia conseguir (risos).

Gostei bastante de estar nessa eletiva porque acho que tem bastante haver comigo, pelo motivo de que eu sempre quis saber um pouco mais sobre todo esse assunto de conceitos da morte e etc. E, gostei também porque no meu primeiro dia de eletiva eu já fui pra um passeio, que foi em um cemitério...

Chegando lá fiquei admirando bastante tudo, porque fazia muito tempo que eu não ia em um cemitério, nem me lembrava mais como era, e ao entrar naquele lugar, ao contrário de tudo que achei que sentiria senti paz, todo aquele silêncio, aquela paisagem cheia de árvores me fez sentir uma calma interior. A cada túmulo que eu passava queria tirar fotos, ler quem morreu, quando nasceu, quando morreu, e pra mim seria ótimo se retratasse o porquê morreu também (risos). Mas tive que escolher somente três túmulos para falar sobre eles como tinha dito a professora Nailê. Já não era mais uma escolha fácil, eu nem imaginava que ia gostar tanto assim desse passeio, até me perdi da turma, pois de longe eu vi um túmulo que me chamou muita atenção, até disse pra professora:

“professora aquele túmulo parece um prédio (risos)”. Ela sorriu e disse pra que eu fosse lá, e é claro que eu fui né, não ia perder de tirar várias fotos daquilo.

Daí fui andando tirando fotos e mais fotos que quando olhei pra trás não tinha mais ninguém comigo, mas não achei ruim não, porque quando todos saíram ficou um silêncio tão bom, e aquela sensação boa de estar ali só aumentava.

Uma das coisas que também gostei bastante foram as lendas que ouvi de lá. A que mais me chamou atenção foi a de um homem que ia todos os dias ao cemitério sentar do lado do caixão de sua esposa. Não sei se foi ele quem construiu ou se construíram para ele, mas só sei que a cadeira está lá. Até sentei-me nela, achei que sentiria uma sensação estranha, mas só senti meu bumbum queimando porque a cadeira é de ferro e estava muito sol (risos). Enfim, adorei o passeio e estou amando participar dessa eletiva.

Um dos túmulos que me chamou bastante atenção foi o do Professor Rafael Rueda, filho de Antônio Rueda Filho e Ana Maria Pinto Rueda, nascido no interior de Mato Grosso, na cidade de Poconé, no dia 10 de março de 1923. O mesmo faleceu em Cuiabá, no dia 03 de março de 1992.

O professor Rafael Rueda iniciou suas atividades na Educação em 1946, e em 1948 foi admitido para reger a cadeira de História Natural na Escola Estadual de Mato Grosso que seria mais tarde “Liceu Cuiabano”, durante afastamento do Professor João Jacob. Implantou Escolas no interior do Estado, a exemplo disso, nas cidades de Poconé, Dourados, Três Lagoas, Poxoréu, Alto Paraguai e Diamantino. Participou e coordenou vários exames supletivos, foi Professor da Cátedra de Desenvolvimento Escolar – CADES, bem como examinador e Presidente de várias bancas para professores catedráticos. Fez da sua vida um verdadeiro sacerdócio em prol da Educação e isto se prova pelo carinho que até hoje são manifestados pelos ex-educandos.

Por: Vila Aurora

Iniciei minha participação na eletiva A história que brota nos túmulos no dia 27 de setembro de 2018, há três semanas. Iria participar de todas as eletivas para escolher somente uma. A eletiva das histórias nos cemitérios foi a primeira em que eu entrei, e foi nela que eu decidi ficar.

Escolhi essa eletiva, pois me interessei com o conteúdo que era apresentado pela professora Nailê e pela professora Mychelly, já que envolvia história e biologia. Além de que, não é sempre que nós temos a oportunidade de nos conectar com as raízes do lugar em que vivemos de forma tão profunda (literalmente) e não é usual falarmos de cemitérios e suas histórias.

No dia 11 de outubro, nós visitamos o Cemitério de Nossa Senhora da Piedade. Era a primeira vez que eu iria entrar em um cemitério e eu estava animada e curiosa, já que eu nunca havia nem passado perto de um cemitério.

Logo de início, avistei os túmulos do lado direito e os fotografei, notei que eram todos humildes, já que eram antigos e não estavam em um bom estado de conservação, até que um deles me chamou a atenção, um jazigo preto e simples.

Era feito de mármore e estava em ótimo estado de conservação. Imagino que tenha passado por uma reforma nesses últimos anos, já que a última pessoa que havia sido sepultada lá foi em 2016. Havia uma placa simples, com nome, data de nascimento e da morte dos falecidos, no final da placa havia a frase “saudades eternas” e na parte superior do jazigo tinha uma cruz branca.

O jazigo pertencia à família Curvo, havia sete pessoas ali sepultadas e o mais antigo deles foi sepultado em 1942. Aparentemente, tratava-se de uma família que era de classe alta desde seus primórdios, já que era composta por médicos, economistas, desembargadores, advogados, tesoureiros e servidores. E alguns dos enterrados foram pessoas prestigiadas em Cuiabá.

No jazigo encontrava-se Brasília Henrique de Curvo Bressani (1941-1942); João Barbuino Curvo (1885-1976); Carolina Corrêa da Costa Curvo (1895-1985); Henrique de Aquino (1916-1987); Antônio Celestino Curvo (1915-1998); Henrique de Aquino Filho (1953-2012) e Cácio Corrêa Curvo (1918-2016).

A partir das minhas pesquisas, após visitar o cemitério descobri que Henrique de Aquino, nascido em 01\05\1916 e falecido a 11\04\1987, foi um dos primeiros médicos de Cuiabá e era dermatologista. Por ser prestigiado, “emprestou” seu nome a uma Policlínica, Clínica da Família CPA I, e Pronto Socorro de Cuiabá. Há também uma creche escolar com o mesmo nome.

Durante sua vida alguns fatos marcaram a História de Cuiabá de 1916-1987: o surgimento da revista mato-grossense A Violeta, houve a Caetanada, resultados das divergências entre o Partido Republicano Conservador e o Partido Republicano Mato Grossense, em 1916. E, houve o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, no ano do seu falecimento, em 1987.

Já sobre o Antônio Celestino Curvo, que viveu de 13\06\1915 a 09\08\1988, pesquisei e descobri que fez parte da SINCOVAGA – Sindicato do Comércio Varejista de Cuiabá de 1956 a 1958, como tesoureiro. Trabalhou lá durante a presidência de Antônio Ribeiro.

Quando o Sr. Antônio Celestino Curvo nasceu temos o surgimento do jornal “O Reverbero” e “A Lica” e a visita do então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon à cidade. Três adolescentes foram mortos a tiros por um policial militar (Chacina do beco do Candeeiro, em 1998, ano do seu falecimento).

Henrique de Aquino Filho, que nasceu em 17\09\1953 e faleceu em 04\03\2012, era economista cuiabano, cursou seu ensino fundamental na Escola Estadual Barão de Melgaço e fez faculdade no Rio de Janeiro. Jogava futebol. Faleceu por conta do câncer no pulmão e no cérebro, lutava contra essa doença por mais de um ano. Faleceu em um domingo e deixou cinco filhas, um filho e seis netos.

Durante sua vida podemos evidenciar como fatos da História de Cuiabá: a criação do distrito de São José da Serra e o desmembramento do município de Cuiabá do distrito de Chapada dos Guimarães, no ano do seu nascimento, em 1953. Quando ele faleceu, em 2012, Cuiabá completou 293 anos e o time de futebol da cidade (Cuiabá FC) estreou no campeonato mato-grossense.

Cácio de Corrêa Curvo, nascido em 09\11\1918 e falecido em 27\01\2016, foi desembargador no Tribunal de Justiça do Mato Grosso, faleceu por conta de complicações intestinais e estava internado na UTI de um hospital particular de Cuiabá. Cácio era natural de Cuiabá e tinha 97 anos. Quando nasceu surgiu o jornal “Boa-Nova”, o bispo dom Francisco de Aquino Correa assumiu a presidência do estado. Quando do seu falecimento, em 2016, houve as eleições da cidade, uma unidade de saúde foi fechada e Cuiabá Rugby participou da Copa Brasil Central.

Atualmente, há membros da família Curvo trabalhando em cargos públicos e há vários processos jurídicos online que envolvem seu nome. Exemplos dessa família são: Antônio Cesar Curvo (servidor), que recentemente causou um acidente automobilístico por dirigir embriagado e Mauro Curvo, que foi nomeado Procurador Geral da Justiça de Mato Grosso, em 2017.

Analisar este jazigo e conhecer a história contada através dele me fez sentir privilegiada, por ter o poder de conhecer a história de onde eu moro e saber dos fatos e pessoas importantes da história cuiabana. Levando-se em consideração que me mudei recentemente aqui pra Cuiabá e isso se torna ainda mais importante.

Descobri também que o Cemitério não apresenta nenhum plano de controle ambiental. A limpeza dos túmulos ocorre de 4 em 4 anos e só há a retirada da ossos se a família quiser. Os túmulos são construídos em uma laje, assim, os líquidos liberados pelo corpo (necrochorume) se absterão lá. A retirada desse líquido ocorre com os empecilhos e as vestimentas necessárias e não se sabe o destino do necrochorume formado.

Por: Campo da Paz

Antes mesmo que eu soubesse sobre essa eletiva a professora Nailê tinha feito o convite, e eu fiquei como? Assustada e surpresa. Foi então que eu perguntei: “vai mexer com os mortos?” E ela me respondeu sorrindo: “sim, vamos”. A professora então me perguntou se eu tinha medo e respondi “sim tenho muito medo de fantasmas”.

Logo depois que veio a escolha das eletivas, me interessei pela que tinha o título A história que brota dos túmulos e eu e minhas amigas estávamos entre a de canto e a da morte. Pensamos bem e decidimos vamos logo nessa sobre os mortos. Quando foi liberado o sinal para se inscrever foi cada um por si, saiu pessoas sendo pisoteadas, roupa rasgada e muitos se esfolando para se inscrever nas quais lhe interessava.

Bem no começo nem imaginei que ia ter a recaída, me lembrei do meu pai e bateu aquela saudade não agüentei e solucei em lágrimas, foi bem triste relemburar aqueles momentos que achava que iria durar para sempre. Precisei sair da sala para me acalmar e tomar água e logo veio na minha cabeça vou sair dessa eletiva hoje mesmo por que se não vou sofrer de mais com a lembrança de morte que procuro superar a cada dia que se passa, mas recebi um apoio muito grande da professora Nailê o que me ajudou a continuar e ir superando o que me marcou pro resto da minha vida.

Estávamos nos preparando para ir ao cemitério de nossa senhora da piedade para fazer nossas pesquisas, quase que não pude ir, por causa da cisma da minha tia de que iam mexer com bruxaria e demônios (risos), passei um certo vexame e a professora teve que ligar para ela e explicar tintim por tintim para ver se ela entendia o que iríamos fazer no cemitério.

Por: Do Junco

Antes mesmo que eu soubesse sobre essa eletiva, a professora Nailê tinha feito um convite pra eu participar da eletiva porque acreditava que eu ia gostar. Mas confesso que fiquei um pouco assustado e também, surpreso.

Então eu perguntei “vai mexer com os mortos?” e ela me respondeu sorrindo “sim, vamos”. E eu já com cara de medo respondi que tinha muito medo. Daí, logo depois, que veio a escolha das eletivas cada sala tinha uma coisa diferente passei por as eletivas e me interessei pela qual se chama “A História que brota dos túmulos conhecendo Cuiabá a partir dos Cemitérios”, que era a eletiva que ela tinha me convidado antes.

Como sempre meu pai falava que ia morrer, que ele queria fazer um caixão e ia deixa do lado da cama, daí eu falei para que ele parasse de falar isso porque eu pensava que se eu perdesse o meu pai minha vida acabaria.

Eu gostei de ir no cemitério e uma das coisas que mais observei foi que existiam muitos túmulos quebrados e malconservados.

O túmulo que escolhi para pesquisar foi de um homem Altino Velasco Rondon, nascido 31 /10/1919 e morreu 22/04/2012. Conversei com a família dele que estava visitando o túmulo pois era véspera de finados. A família falou que ele era um homem bom pra eles e sua profissão era de professor de Geografia.

E falando sobre isso eu estou aprendendo muitas histórias de Cuiabá por isso que quis participar desse projeto e estou gostando bastante.

CONCLUSÃO

A produção dessa coletânea de textos significa o conhecimento elaborado pelos estudantes a partir do conhecimento da História que brotou dos túmulos, desde o formato, a sua posição no cemitério, seu formato, o material da sua construção, seus elementos de decoração ou ainda o estado de conservação em que se encontram.

Acreditamos que a partir da inscrição dos túmulos, das entrevistas realizadas com pessoas que encontraram nos cemitérios, seja no do Cemitério de Nossa Senhora da Piedade ou o Cemitério do Porto, os estudantes realizaram conexões com a História local, conhecendo fatos e aspectos da História de Cuiabá, antes desconhecidos.

Os nossos estudantes desenvolveram o fazer investigativo, de caminhar entre os túmulos, de ir no cemitério pela primeira vez desafiando uma visão construída anteriormente de medo ou tristeza, de entrevistar pessoas que estavam no local e descobrir através delas informações sobre a história, seja dos cemitérios ou de Cuiabá, através da história de pessoas que estão enterradas por lá; desenvolveram o fazer de pesquisa e na sequência de produzir sobre os conhecimentos adquiridos. Isso levou com que os mesmos construíssem conhecimento histórico sobre a cidade em que vivem. O que, dessa forma, não teria sido possível na sala de aula, com a grade curricular que ora atendemos em função do ENEM ou dos concursos que os esperam lá fora da escola.

Para além do conhecimento, adquirido nas aulas ou nas visitas aos cemitérios, a superação de uma relação de silêncio ou mesmo de medo em relação a morte por não ter superado a perda de entes queridos foi, indubitavelmente, um dos pontos positivos dessa experiência. E, com isso, podemos afirmar que contemplamos os 5 pilares da Educação, que constituem um dos princípios da Escola Plena: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a aprender.

Ademais, contribuir para a Educação que vai além da formação cognitiva e alcança a dimensão espiritual e emocional. Segundo Antônio Carlos Gomes da Costa, diante da fragmentação dos processos vivenciados pelo humano a Educação Interdimensional configura-se como alternativa capaz de reequilibrar as dimensões

humanas, desenvolvendo conhecimentos, métodos e técnicas, mas, também, sentimentos, desejos, crenças, valores, significados e sentidos existenciais profundos.

Assim, contribuir com a formação de seres humanos para que melhor enfrentem os desafios do nosso século XXI constitui-se em desafio, e que a partir dos relatos dos nossos estudantes entendemos que foi alcançado com o êxito pretendido ou para além dessas pretensões, mais do que histórias brotaram dos túmulos.